

XXXVIII ENCONTRO antigos alunos

19 | maio | 2018



Associação dos Antigos Alunos
da Escola Técnica de Viana do Castelo

Esilda



- ▶ CONSULTORIA ADUANEIRA
- ▶ AGENTES DE NAVEGAÇÃO
- ▶ OPERAÇÕES PORTUÁRIAS
- ▶ FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA
- ▶ LEGALIZAÇÃO DE AUTOMÓVEIS
- ▶ SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
- ▶ INTRASTAT

Consulte-nos!



A. ESPERANÇA

Serviços & Logística

a.esperanca@net.novis.pt • Tel.: 258 813 543 • Fax: 258 813 544

CARTA ABERTA

O ASSOCIATIVISMO

O Associativismo é uma organização duma sociedade ou de um grupo de pessoas (Associação Culturais, Recreativas, Desportivas, etc., etc.).

Trata-se de uma organização de duas ou mais pessoas, que põe em comum de maneira permanente, enquanto durar, os conhecimentos, ideias ou atividades, que se dirigem à Sociedade em geral sem colher qualquer espécie de benefícios.

A nossa Associação trata-se pois, de uma coletividade cultural e recreativa, dirigida exclusivamente aos nossos antigos colegas e aos mais recentes, alunos a Escola Secundária de Monserrate.

Verificamos que hoje em dia é muito difícil incutir o espírito Associativo nas camadas mais novas da nossa sociedade (geração), sobretudo na que nos diz respeito, a classe estudantil.

É um fenómeno para o qual não conseguimos entender tal afastamento.

Talvez por causa das novas tecnologias...

Pode ser que seja esta uma das causas, mas o mesmo se verifica com os nossos Ex-colegas que sem sabermos, também continuam afastados, ou então a fazerem almoços com os colegas da turma e como de todo a assiduidade ao dito, não é satisfatória, convidam todos os colegas, sem serem da turma ou até do curso.

Talvez, até sejam culpados por não fazerem parte do fim a que se destina o almoço e comparecem.

Temos falado com os organizadores dos ditos almoços, que façam todo o trabalho relacionado com os almoços via Associação, pondo a sede à disposição, mas para tal não obtivemos qualquer reação.

Verificamos igualmente que o número de sócios que deixa de pagar as cotas, também são os mais antigos associados.

Daí, os nos deixar um pouco apreensivos quanto ao fenómeno em questão.

Vamos ter esperança e pensar que melhor dias virão.

Continuamos a lutar por uma Associação forte e representativa, enaltecendo os valores que nos foram transmitidos pelos nossos Professores da Escola Nuno Álvares e da Industrial e Comercial de Viana do Castelo.



Fernando Meira
Presidente da AAETEC

■ Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA

Sérgio Juraci Serra Marinho, Presidente da Assembleia Geral da AAETEC, nos termos Estatutários, convoco os Associados a reunir em Assembleia – (Geral Ordinária, no próximo dia 02 de Fevereiro do corrente ano, pelas 17,30 horas, no Auditório Carolino Ramos, sito na Escola Secundária de Monserrate, à Avenida do Atlântico, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto 1 - Informações.

Ponto 2 - Apreciar e votar o Relatório de Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, referente ao exercício de 2017.

Ponto 3 - Apreciar e votar o Orçamento e Plano de Actividades para o Exercício de 2018.

Notas: Caso não estejam presentes, à hora marcada, o número legal de Associados, a Assembleia-Geral funcionará com qualquer número de Associados, meia hora mais tarde.

Nos termos Estatutários, só pode participar na Assembleia-Geral os Associados em pleno gozo dos seus direitos.

Viana do Castelo, 10 de Janeiro de 2018

Exmº

Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Presidente do Conselho Fiscal
Caros colegas

É com prazer que uma vez mais, e decorrido que foi um ano, esta Direcção apresenta o **Relatório de Actividades e Contas de 2017**, assim como o **Plano de Actividades** para o Ano de 2018.

A actividade da AAETEC, foi plenamente cumprida, realçando a colaboração possível dos seus associados.

Temos procurado cativar os associados a pagar atempadamente as cotizações e recuperado alguns, por descuido no pagamento das mesmas.

Este ano conseguimos um resultado líquido positivo de € 3.268,83, como mais adiante se especificará.

A AAETEC, nada deve.

Quanto ao desenvolvimento das Contas nada mais temos a acrescentar, dado que as mesmas se encontram tanto explanadas no Relatório que se segue como do mapa da Conta de Gerência.

Deste modo, pomos à Consideração, da Exmª Assembleia Geral e Exmº Conselho Fiscal, a aprovação do presente Relatório de Actividades e Conta de Gerência do ano de 2017 e Plano de Actividades e Orçamento para o ano de 2018.

Aprovado em reunião de Direcção de 15 de Janeiro de 2018

■ Relatório do Conselho Fiscal

Nos termos do preceituado no Artigo 20º dos Estatutos da AAETEC- Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, vem este Conselho Fiscal submeter à Vossa apreciação o seu Relatório referente às Contas e Programação efectuada pela Direcção da AAETEC durante o ano de 2017

Após reunião havida com o Presidente e Tesoureiro da Direcção da AAETEC, procedeu-se ao exame da Actividade e conferência das suas Contas, constatando-se que as mesmas estão de harmonia com o Plano de Actividades, em conformidade e em devida ordem.

Em consequência, está assim este Conselho Fiscal em condições de emitir o seguinte:

1. Parecer de que se aprovem, o Relatório e Conta de Gerência, relativo ao exercício de 2017;

Viana do Castelo, 15 de Janeiro de 2018.

■ Relatório e Contas de 2017

1. Nota Introdutória

O presente relatório pretende ser um documento de análise e de avaliação da execução global da actividade e orçamento de 2017 e ainda comparativamente o desenvolvimento do triénio da AAETEC- Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo.

2. Apresentação da AAETEC

a) Movimento Associativo

Quadro – Análise do Triénio

Sócios	2015	2016	2017
Admitidos	18	8	25
Suspenso	72	-	-
Desistentes	7	1	2
Falecidos	1	5	2
Existentes	359	361	382

Como se pode verificar a evolução do movimento associativo no triénio em análise caracterizou-se por um acréscimo.

b) Comunicação com os Sócios

A Direcção continuou a apostar na diversificação e intensificação da comunicação para os sócios e outros. Para além dos meios tradicionais, a Associação utiliza a Revista anual, telemóvel, e-mails, facebook e o seu sítio na Net www.aaetec.com

Este sítio na Net permite ver as actividades a desenvolver e desenvolvidas e permite ainda a inscrição para eventos e de novos associados.

RENDIMENTOS, GASTOS E RESULTADOS DAS ACTIVIDADES

3. Evolução das actividades da AAETEC

Apesar da economia portuguesa ter crescido durante o ano de 2017, bem como a procura interna e nomeadamente o consumo privado, estas melhorias não tiveram repercussão na economia familiar dos nossos associados, já que não se verificou uma maior afluência dos mesmos nos diferentes eventos que a Associação levou a efeito

a) Quotizações

Anos	Valores
2015	3.176,00
2016	2.634,00
2017	2.850,00

Apesar de se verificar um aumento do valor das quotizações, aumento este resultante da entrada de novos associados, aumentou também o nº de associados com quotas em atraso (cerca de 100 sócios com mais de 2 anos de não pagamento). Esta Direcção tudo tem feito para a recuperação daquela verba, utilizando para o efeito o email e o correio.

b) Outras receitas

Anos	Cobranças	Subsídios	Convívio	Actividades Lúdicas
2015	3.191,00	2.915,00	3.950,00	14.063,50
2016	2.854,00	875,00	4.013,50	14.944,00
2017	3.272,00	2.786,90	4.411,00	19.299,00

c) Despesas (Gastos)

Esta divisão, suporta três contas, as quais estão divididas por rubricas de gastos, que se encontram descritas na Conta de Gerência, em anexo, onde se poderá verificar que o prejuízo do convívio se deve essencialmente aos custos associados à ARTEMAIO (revista, litografias e catálogo da exposição).

Anos	Correntes	Convívio	Actividades Lúdicas
2015	3.849,32	6.680,04	16.286,10
2016	3.032,15	7.235,07	14.239,10
2017	2.509,46	5.857,75	18.132,86

Resultados líquidos:

Além de se demonstrar o resultado líquido do presente exercício, na Conta de Gerência, fazemos também o do triénio, em termos global. O resultado líquido positivo no ano de 2017 foi devido, essencialmente, ao aumento do valor dos subsídios, bem como o resultado das actividades lúdicas, daí o resultado líquido ser positivo como se verifica da tabela seguinte:

Anos	Resultado Líquido	Saldo +
2015	-2.695,96	14.088,98
2016	-1.819,82	12.269,16
2017	3.268,83	15.537,99



CONTA DE GERÊNCIA DA AAETEC DO ANO DE 2017

RECEITAS	ORÇAMENTADA	REALIZADA	DESVIO	DESPESAS	ORÇAMENTADA	REALIZADA	DESVIO	Saldo p/ 2018
				Investimento/(mobilizado)	2000,00	150,00 €	1.850,00 €	
COBRANÇAS				Correios-comunicações	2000,00	1.266,81 €	733,19 €	
Quotizações	3.000,00	2.850,00 €	-150,00 €	Consumíveis	1500,00	647,03 €	852,97 €	
Donativos	250,00	307,00 €	57,00 €	Outras despesas	1000,00	30,00 €	970,00 €	
Livros	200,00	0,00 €	-200,00 €	Publicidade da A.G.	700,00	356,10 €	343,90 €	
Sorteios	300,00	115,00 €	-185,00 €	Representação	769,16	59,52 €	709,64 €	
				CONVÍVIO ANUAL				
SUBSÍDIOS				Almoço	3.000,00	1.860,25 €	1.139,75 €	
Câmara Municipal	1.750,00	2.286,90 €	536,90 €	Animação/Comemorações	500,00	0,00 €	500,00 €	
				Prémio melhor Aluno	250,00	350,00 €	-100,00 €	
CONVÍVIO ANUAL				Ramos de flores	50,00	0,00 €	50,00 €	
Almoço	2.500,00	1.586,00 €	-914,00 €	Missa	50,00	75,00 €	-25,00 €	
Leilão	250,00	0,00 €	-250,00 €	Outras despesas	1.000,00	0,00 €	1.000,00 €	
Publicidade	2.500,00	2.475,00 €	-25,00 €	Revista	3.500,00	2.275,50 €	1.224,50 €	
Prémio CA (melhor Aluno)	250,00	350,00 €	100,00 €	Arte Maio(despesa)	1.000,00	128,50 €	871,50 €	
Art. Maio (Intel)	250,00	500,00 €	250,00 €	Catálogos	1.000,00	578,10 €	421,90 €	
ACTIVIDADES LÚDICAS				Litografias	750,00	393,60 €	356,40 €	
Fim de semana Figueira Foz	4.550,00 €	4.390,00 €	-160,00 €	Programa/convites	750,00	196,80 €	553,20 €	
Almoço da Páscoa	1.500,00 €	1.223,00 €	-277,00 €	Outras despesas Recepção	500,00	0,00 €	500,00 €	
Espectaculo XXXVII Aniversário	500,00 €	0,00 €	-500,00 €					
Sardinhada	750,00 €	724,00 €	-26,00 €	ACTIVIDADES LÚDICAS				
Visita a Elvas e Beja	7.000,00 €	10.980,00 €	3.980,00 €	Fim de semana Figueira Foz	5.000,00 €	4.280,00 €	720,00 €	
Magusto	750,00 €	1.060,00 €	310,00 €	Almoço da Páscoa	2.000,00 €	1.139,00 €	861,00 €	
Ceia de Natal	1.500,00 €	922,00 €	-578,00 €	Espectaculo XXXVII Aniversário	750,00 €	0,00 €		
				Sardinhada	1.000,00 €	884,61 €	115,39 €	
				Visita a Elvas e Beja	8.000,00 €	10.186,30 €	-2.186,30 €	
				Magusto	1.000,00 €	802,95 €	197,05 €	
				Ceia de Natal	2.000,00 €	840,00 €	1.160,00 €	
						0,00 €	0,00 €	
						- €	0,00 €	
					- €	0,00 €		
					- €	0,00 €		
						0,00 €	Caixa	588,59 €
							BIC	- €
							Santander	- €
	27.800,00 €						Caixa Agric.	14.948,40 €
Saldo de 2016	12.289,16 €			Resultado líquido		3.268,83 €		15.537,99 €
Totais	40.069,16 €	29.768,90 €			40.069,16 €	29.768,90 €		

Aprovado em reunião de Direcção em 15-01-2018

Aprovado em reunião da A.G. em 02-02-2018

O Presidente da Mesa, O 1º Secretário O 2º Secretário

AAETEC

Wiederholte sich das Verhalten
auch bei neuen Tischen
im Zimmer der Gäste?

PREVISÃO ORÇAMENTAL DE ACTIVIDADES PARA 2018

RECEITAS	ORÇAMENTADA PREVISÃO	DESPESAS CORRENTES	ORÇAMENTADA PREVISÃO
COBRANÇAS		Investimento/Imobilizado	2.000,00 €
Quotizações	3.000,00 €	Correios-comunicações	2.000,00 €
Donativos	200,00 €	Consumíveis	1.800,00 €
Livros	100,00 €	Outras despesas	1.000,00 €
Sorteios	150,00 €	Publicidade da A.G.	700,00 €
		Representação	637,99 €
SUBSIDIOS		CONVIVIO ANUAL	
Câmara Municipal	1.000,00 €	Almoço	3.000,00 €
		Animação(Comemorações)	500,00 €
CONVIVIO ANUAL		Prémio melhor Aluno	250,00 €
Almoço	1.500,00 €	Ramos de flores	50,00 €
Lelifeo	250,00 €	Missa	100,00 €
Publicidade	2.000,00 €	Outras despesas	1.000,00 €
Prémio CA (melhor Aluno)	250,00 €	Revista	3.500,00 €
Art. Malo (natei)	250,00 €	Arte Malo(despesa)	1.000,00 €
ACTIVIDADES LUDICAS		Catálogos	1.000,00 €
Fim de semana pelos museus	6.500,00 €	Litografias	1.000,00 €
Espetaculo XXXVIII Aniversário	500,00 €	Programa/convidas	1.000,00 €
Sardinhada	750,00 €	Outras despesas-Receção	500,00 €
Visita / Passeio designar out.	3.500,00 €		
Magusto na Golegã	7.500,00 €	ACTIVIDADES LÚDICAS	
Cela de Natal	1.500,00 €	Fim de semana pelos museus	7.000,00 €
		Espetaculo XXXVIII Aniversário	750,00 €
		Sardinhada	1.000,00 €
		Visita / Passeio designar out.	4.500,00 €
		Magusto na Golegã	8.500,00 €
		Cela de Natal	2.000,00 €
			- €
	28.950,00 €		
Saldo a transitar de 2017	15.637,99 €		
Totais	44.487,99 €		44.487,99 €

Aprovado em reunião de Direcção em 16-01-2018

Aprovado em reunião da A.G. em 02-02-2018

O Presidente da Mesa, O 1º Secretário

O 2º Secretário

A concretização de 2017 e a Previsão para 2018

No último ano de actividade a Associação conseguiu inverter a tendência dos últimos anos, em que se viu decrescer em termos de saldo, e aumentar o valor em termos de saldo.

A AAETEC candidatou-se ao programa de apoios do INATEL para a ARTEMAIO.

Como sabemos, os últimos anos ficam marcado pela intervenção da Comunidade Europeia e do Fundo Monetário Internacional na nossa economia e as medidas governamentais aplicadas – diminuição salarial e pensões, aumento dos combustíveis e portagens, entre outras contribuíram para um desaceleramento acentuado da economia do país. Apesar da inversão de algumas medidas mencionadas anteriormente, na Associação continuamos a sentimo-la em todas as áreas, particularmente no atraso do pagamento das cotas.

Não obstante as dificuldades, o exercício do ano de 2017 na nossa opinião reflecte, verificada no resultado, comparativamente com o ano transacto, um resultado positivo, tendo em conta a justificação aludida.

Apesar das dificuldades o ano de 2018 vai contar com o nosso pensamento positivo para a continuidade da estratégia do desenvolvimento no sentido de valorizar cada vez mais a família da Associação.

Conhecemos as oportunidades e o trabalho necessário para as aproveitar. Este ano 2018 será mais um desafio para vencer e concretizar as ideias previstas no plano de actividades.

Com a ajuda dos nossos Associados e de todas as Entidades envolvidas, vamos consegui-lo.

Viana do Castelo, 15 de Janeiro de 2018

PROGRAMA DE ACTIVIDADES A REALIZAR EM 2018

24 e 25 FEVEREIRO
(SÁBADO E DOMINGO)

FIM DE SEMANA PELOS MUSEUS *

19 MAIO
(SÁBADO)

38º CONVÍVIO ANUAL DA AAETEC *

COM A XIX EDIÇÃO DOS JOGOS FLORAIS E XX ARTEMAIO

7 JULHO
(SÁBADO)

SARDINHADA *

5 a 7 OUTUBRO

ACTIVIDADE A DESIGNAR *

10 e 11 NOVEMBRO
(SÁBADO E DOMINGO)

MAGUSTO NA GOLEGÁ *

7 DEZEMBRO
(SÁBADO)

CEIA DE NATAL *
BACALHAU COZIDO COM TODOS

* PROGRAMAS ESPECÍFICOS A EDITAR

Aprovado em reunião de Direcção de 15 de Janeiro de 2018

Proposta à Assembleia Geral Ordinária de 24 Fev 2017

1. Considerando que o sócio José Cerqueira foi o principal dinamizador pela criação da AAETEC como instituição constituída por escritura pública de 10.05.1995;

2. Considerando que foram os sócios José Cerqueira e Mário Pedra que promoveram a edição da 1ª revista anual da AAETEC, numerada como 12ª edição;

3. Considerando que o sócio Mário Pedra foi o dinamizador e promotor dos 1.ºs "Jogos Florais" como actividade lúdica e cultural;

4. Considerando que o sócio Hernâni Montes foi o principal responsável e promotor da exposição anual ARTEMAIO;

E NA LINHA DO CRITÉRIO QUE TEM VINDO A SER ASSUMIDO PELOS ÓRGÃOS SOCIAIS DA AAETEC, TOMO A LIBERDADE DE PROPOR COMO SÓCIOS HONORÁRIOS:

- José Cerqueira
- Mário Caldeira Pedra
- Henâni Montes.

A CONSIDERAÇÃO, DEBATE E VOTAÇÃO DESTA ASSEMBLEIA GERAL, NO PONTO "Outros assuntos de interesse".

O sócio proponente

José Joaquim Veiga Anjos - sócio fundador n.º 14

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA

Sérgio Juraci Serra Marinho, Presidente da Assembleia Geral da AAETEC, nos termos Estatutários, convoco os Associados a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 02 de Fevereiro do corrente ano, pelas 18,30 horas, no Auditório Carolino Ramos, sito na Escola Secundária de Monserrate, à Avenida do Atlântico, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único - Apreciar e votar a proposta de nomeação dos sócios n.º 10 José Henriques Gomes Cerqueira, n.º 11 Mário Caldeira Pedra - a título póstumo - e 55 Hernâni Felício Montes, como sócios honorários.

Notas: Caso não estejam presentes, à hora marcada, o número legal de Associados, a Assembleia-Geral funcionará com qualquer número de Associados, meia hora mais tarde.

Nos termos Estatutários, só pode participar na Assembleia-Geral os Associados em pleno gozo dos seus direitos.

Viana do Castelo, 10 de Janeiro de 2018



Distribuimos Confiança!

Concessionário para os concelhos de Amares, Barcelos, Braga, Esposende, Montalegre, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Vila Verde e distrito de Viana do Castelo



FERRERO



GELITO



Baker & Baker



SOCRAPE VINHOS
"Wines of passion"



Rua do Arranjinho

4750-803 V. Freixoalva S. Martinho - Barcelos

Tel. 253 802 140 - Fax. 253 824 558

www.libargel.pt

Sucursal Madeira

Caminho da Ribeira Grande, 59 • P/Q

9020-114 Santo António - Funchal

Tel. 291 920 200 • Fax. 291 920 201



FICA NO CORAÇÃO

■ Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo

A Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo é uma referência cultural e social de Viana do Castelo. Mais do que apenas promover um encontro entre antigos colegas, esta instituição consegue aliar atividades e funções que vão além da simples associação de antigos colegas de escola.

Estamos antes a falar de uma entidade que consegue juntar várias gerações de alunos, cria uma dinâmica de rede e interação e promove eventos. São, por isso, um modelo quando pensamos que o futuro tem que, necessariamente, regressar às origens e passar por criar estas redes interpessoais.

Está, pois, de parabéns esta grande instituição de Viana do Castelo. Não posso deixar aqui de frisar o papel importante da sua direção, a dinâmica dos seus associados e a vontade de perpetuar aquela que é a relação humana entre antigos colegas de escola.

Deixo os meus parabéns a este grande grupo de pessoas que, mais do que colegas, são a prova de que o futuro terá que se fazer como no passado, com interação, com encontros e com atividades de cariz social e cultural a que as novas gerações parecem estar alheadas.

O Presidente da Câmara Municipal
José Maria Costa





**CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO**

FICA NO CORAÇÃO

Passeio das Mordomas da Romaria
4900-532 Viana do Castelo
Telefone 258 809 300 - Fax 258 809 347
www.cm-viana-castelo.pt



■ Mensagem do Diretor do Agrupamento de Escolas de Monserrate

Todos os anos, por esta altura, reafirma-se o trabalho da Associação de Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo (AAETEC), que continua, umbilicalmente, ligada à Escola Secundária de Monserrate.

A ArteMaio é mais do que uma exposição-mostra, com contributos e competências dos atuais e antigos alunos da “Escola”.

Abre-se um espaço de convívio, de ligação entre gerações e a comunidade mais alargada, que evidencia uma ligação de muitos anos, de pessoas e de um território que vai além do espaço físico e se constitui como uma região de afetos consolidados, em torno da identidade e da memória proporcionadas pela marca indelével que fica da passagem, de cada um, por Monserrate.

Como Diretor do Agrupamento de Escolas de Monserrate testemunho o entusiasmo e o dinamismo desta associação, que acolhemos, e do seu contributo marcante na afirmação, na cidade e na região, duma cultura de escola, que perfaz 130 anos de vida, este ano.

O seu trabalho de cidadania empenhada é um incentivo para os mais jovens, reconhecendo-lhes as capacidades pessoais e o mérito escolar, ao mesmo tempo, que presta tributo às pessoas – docentes e não docentes –, que ao longo do tempo, contribuíram para formação e educação de muitas gerações de alunos.

Expresso assim, o nosso público agradecimento à AAETEC, e particularmente, aos seus dirigentes, por todo este trabalho inestimável de ligação entre antigos alunos e a escola, reconhecido na estima mútua que cultivamos em favor da qualificação das pessoas e do seu contributo para o desenvolvimento da cidade, da região e do país.

O Diretor
Manuel António Azevedo Vitorino





um percurso de confiança

Cursos Científico Humanísticos

Artes Visuais

Ciências e Tecnologias

Ciências Socioeconómicas

Línguas e Humanidades

Cursos Profissionais

Análise Laboratorial

Animador/a Sociocultural

Design de Equipamento

Eletrónica Automação e Comando

Gestão

Gestão de Equipamentos Informáticos

Manutenção Industrial /Eletromecânica

Multimédia

Turismo Ambiental e Rural

www.esmonserrate.org
geral@esmonserrate.org



Cofinanciado por:



12

27

30

36

7 iniciativas de 2017

Fim de Semana na Figueira da Foz
Almoço da Páscoa
XXXVII Convívio
Sardinhada
Passeio a Évora/Beja
Magusto
Ceia de Natal



Capa: "PRAÇA DA REPÚBLICA"
Óleo s/ tela - 120x90 cm

Autora: **Maria Cacilda Soares Alves Balinha**

Ficha Técnica

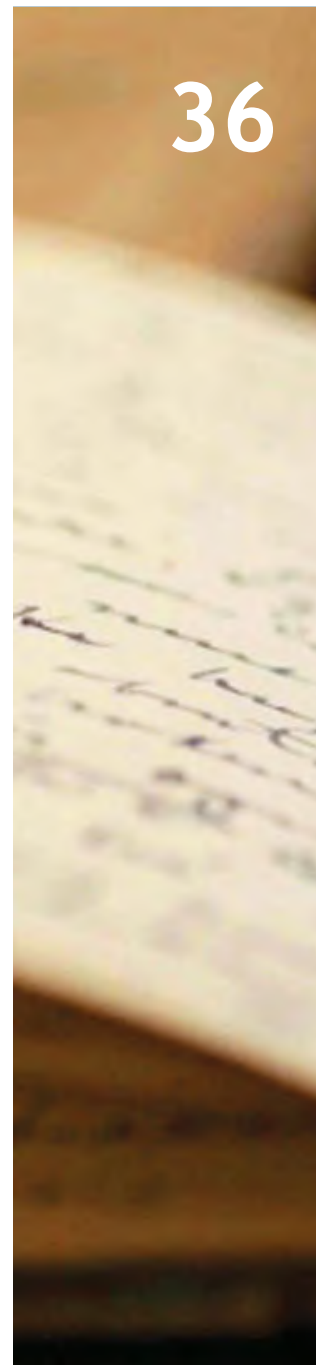
Propriedade: AAETEC
Edição: 27ª revista
Coordenação: Hernâni Montes / João Cabeleira
Fotos: Luis Ramiro /
Design: TwoDesign - Artes Gráficas
Impressão: Ofilito - Oficina Litográfica
Tiragem: 250 exemplares
Ano: 2018
Distribuição Gratuita para sócios



memória



prémios e
reconhecimentos



apontamentos
crónicas
velhos tempos



AAETEC ano de 2017 – Balanço do ano

Na AAETEC os anos são feitos de acontecimentos, iniciativas que, umas mais que outras, são importantes na vida da Associação.

Na edição deste ano da revista, procuramos demonstrar a vitalidade da nossa Associação, com actividades culturais e lúdicas que nos colocam numa posição de destaque, no panorama associativo de Viana do Castelo.

Para o ano vamos fazer mais e melhor. Bom 2018.



CONSULTA DE ESPECIALIDADE
INTERNAMENTO | CIRURGIA | FISIOTERAPIA
EXAMES COMPLEMENTARES DE DIAGNÓSTICO

• **CONVENÇÕES** •

ADSE
ADM
ADVANCECARE
ADVANCECARE/DENTINET
(Medicina Dentária)
ALLIANZ

CGD/SS
MEDICARE
MEDIS
MEDIS/CP
MULTICARE
MULTICARE/PT

RNA
SAD/PSP
SAD/GNR
SAMS/Norte
SAMS/Quadros

SAMS/SIB
SAÚDE PRIME
SFJ
(Sindicato dos Funcionários Judiciais)
WDA
(Medicina Dentária)

ATENDIMENTO PERMANENTE (24h)

ACORDO PARA ASSISTÊNCIA A SINISTRADOS

Açoreana, Advancecare, AGEAS, Fidelidade Mundial, Liberty, RNA,
Tranquilidade, TrueClinic e Zurich

Marcações ONLINE ou tel. 258 80 80 30

Rua de São João, 640 – 4900-418 Viana do Castelo | www.hospitaldeviana.com | hospart@hospitaldeviana.com

BREVEMENTE EM PONTE DE LIMA

Passeio a Figueira da Foz

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS
ALUNOS DA ESCOLA TÉCNICA
DE VIANA DO CASTELO

04 e 05 de Março de 2017

1º Dia – 04/03/2017 - VIANA DO CASTELO – FIGUEIRA DA FOZ

6H45 Concentração junto à Escola Secundária de Monserrate;

7H00 ESM Partida junto à escola secundária de Monserrate em direcção a Buarcos para visita à Casa do Paço, classificada como imóvel de interesse público, que apesar da imponência do edifício, é no interior que o revestimento de azulejos ganha particular significado e merece especial atenção. Trata-se de um conjunto de cerca de 7 mil peças, de figura avulsa, todas diferentes, executadas na primeira década do século XVIII, constituindo um dos mais importantes acervos de azulejaria holandesa existente em Portugal, representando paisagens campestres e marinhas, cavaleiros, (príncipes, guerreiros e amazonas) e cenas bíblicas retiradas do Velho e Novo Testamento. Após a visita seguiremos para o Miradouro do cabo Mondego para uma breve paragem para apreciar as “vistas”. No final seguiremos em direcção à Figueira da Foz para almoço em restaurante local. Tarde livre para visitar a Figueira da Foz. Em hora a combinar seguiremos para jantar e alojamento em Hotel 4 *.

2º Dia – 05/03/2017 – FIGUEIRA DA FOZ – MONTEMOR O VELHO – SANGALHOS – VIANA DO CASTELO

Saída em horário a combinar em direcção a Montemor o Velho para visita ao castelo daquela vila, seguida de visita à fabrica comprova dos pasteis de Tentúgal. No final da visita seguiremos para a Mealhada para almoço em restaurante local. No final de Almoço seguiremos para Sangalhos para visita às Caves Aliança. Em hora a designar regresso a Viana do Castelo.

Durante os percursos teremos várias paragens obrigatórias (“descanso” do motorista, etc.).



o Laranjeira*

pensão * restaurante



Rua da Igreja, n.º 22 - Meadela - 4900-717 Viana do Castelo

Tel. 258 843 612 - Fax. 258 843 615

email: gabmea@mail.telepac.pt - www.gabmea.lda.pt

 **Auto**
Reparadora da meadela
Francisco Coelho Marinho & Luis Marinho, Lda.

cont. 505 726 270

chaparia | pintura | mecânica

rua sangrenhosa - meadela
4900 - 809 viana do castelo

telef/fax: 258 841 587

ALMOÇO/CABRITO DA PASCOA 08 DE ABRIL DE 2017

Portugal é um país de tradições, e isso vê-se nas datas festivas.

Depois do austero período de reflexão da Quaresma, durante o qual se evita comer carne à sexta-feira, o Domingo de Páscoa é o momento em que os católicos celebram a ressurreição de Cristo e se permitem comer carne novamente.

O cordeiro está simbolicamente ligado ao sacrifício de Jesus, e tornou-se também prato tradicional, numa série de regiões, de norte a sul de Portugal.

Na Páscoa, a tradição manda comer cordeiro assado no forno. Este costume pode variar consoante a região do país, mas afinal é cabrito, cordeiro ou borrego ?

O cabrito é a cria da cabra e do bode, o cordeiro (até 7 meses) é a cria da ovelha e do carneiro e o borrego é um cordeiro entre 7 e 15 meses.

Apesar de distintos, o cabrito e o borrego são usados nas mesmas receitas desde o tempo dos romanos. O borrego é um cordeiro mais velho , a sua carne é mais clara e macia. O cabrito tem uma carne mais escura e rija, com menos gordura, mas desde bem confeccionado, não fica a dever nada para o primeiro.

A AEETEC, no dia 8 de abril de 2017, realizou o 1º convívio/almoço cabrito da Páscoa, em que participaram 62 convivas, onde o “REI” foi o cabrito e cumpriu assim a tradição que se vive nesta altura do ano.

Cristina Costa

ALMOÇO / CABRITO DA PASCOA - 08 de Abril de 2017
A AEETEC irá realizar o seu 1º convívio da Pascoa. Pelo que convida os seus associados a participarem neste almoço a realizar na "Quinta da Presa", R. da Presa, nº 110, Meadela, pelas 12H00.

EMENTA

APERITIVOS: Mexilhão ao Vinagrete, sapateira recheada, Saladinha do Mar, Lascas Bacalhau e Grão, atum com molho vinagrete, bolinhos de bacalhau, rissóis, croquetes de vitela, Fritos de Bacalhau, Broa Frita.
Mesa Regional com enchidos tradicionais, pazinha no forno, pernil fumado, costelinha grelhada, favas com chouriço, pezinhos à moda do

nefe, orelheira em azeite e alho, rojõesinhos à moda do minho.

QUENTES: Creme de legumes

CABRITINHO ASSADO no forno à "Padeiro"

SOBREMESA: - Leite-creme, fruta da época.

BEBIDAS: Vinho Verde "Quinta da Presa", Vinho Maduro "Caves da Presa", Água, refrigerantes, café e digestivo.

CUSTO: SÓCIOS € 19,00 NÃO SÓCIOS 20,00



XXXVII ENCONTRO DE ANTIGOS ALUNOS - ENCONTRO DE GERAÇÕES

Como habitualmente, a AAETEC realizou mais um encontro de antigos e atuais alunos, classificando-o como “ENCONTRO DE GERAÇÕES”.

A receção, como habitualmente, foi efetuada na antiga entrada da Escola Secundária de Monserrate, onde os nossos colegas cedo começaram a chegar. Logo começaram os abraços e a troca de cumprimentos. Salutar convívio e recordações à flor da pele.

Sendo assim, o evento teve início do dia 20 de Maio de 2017, pelas 9,00 horas. O dia estava muito bonito, manhã com sol e, como é habitual, começou-se com a distribuição da revista e da respetiva litografia, que antecedeu o pagamento das cotas em atraso e do almoço.

Após a missa de sufrágio, pela alma dos alunos, dos sócios, alunos, professores e funcionários falecidos, rezada na Igreja de Nossa Senhora da Agonia, procedeu-se à “Foto do Grupo” da praxe, na escadaria do edifício da estação dos caminhos de ferro, podendo-se ver vários grupos etários, estando esta direção sempre atenta, em juntar o maior número de ex-alunos e atuais, independentemente da escola que tenham frequentado, uma vez que, ao longo dos anos, foi mudando de nome.

A direção desta Associação tem sempre a preocupação de realizar este encontro, no intuito de tudo correr o melhor possível.

Depois da foto, dirigimo-nos ao Estação Viana Shopping, onde estava montada a 19ª. Artemaio, cuja inauguração foi por volta das 12,30 horas com a presença do Senhor Presidente da Câmara, Diretor da Escola Secundária de Monserrate, representante da União de Freguesias e do representante do Estação Viana Shopping e ainda com a presença de quase todos os pintores que estavam com os seus trabalhos expostos, respetivos familiares e algum público que estava de visita ao Shopping.

A “ARTEMAIO” é uma exposição de trabalhos de pintura, trabalhos manuais, artesanato e esculturas, cujos autores são na maioria amadores, sócios da Associação, que colaboram com este evento para que o mesmo se realize anualmente pelo período de uma semana.

Seguiu-se o almoço, na “Quinta da Presa”. Como sempre, tudo estava muito bem confeccionado. A simpatia dos funcionários desta Quinta, resultou numa união perfeita, para o êxito deste convívio.

Mais tarde foram homenageados Professores e Funcionários e entregue o prémio monetário, oferta da

No dia 20 de maio - sábado - procedemos à foto de grupo “**ENCONTRO DE GERAÇÕES**”, nas escadas da Estação Viana, junto aos bailarinos. Segue-se a inauguração da **19ª ARTEMAIO**.

Convidamos todos os ex. e atuais alunos, professores e convidados das seguintes escolas:

Escola Industrial e Comercial Nuno Álvares
Escola Industrial e Comercial Viana do Castelo
Escola Secundária de Monserrate

O facto de estarem presentes na foto em nada obriga a participação no Almoço Convívio. Para poderem participar no almoço, deverão preencher a **ficha de inscrição** apresentada neste folheto.

INSCRIÇÕES LIMITADAS ATÉ DIA 15 MAIO 2017

MENÚ

ENTRADA Aperitivo Variado Mesa Regional QUENTES Crema Pastissada Bacalhau e Fritas de Milho a acompanhar c/ Batata e Molho Torta de Viana	BEBIDAS Vinho Verde e Mediano da “Quinta da Presa” Cerveja Refrigerada Água Mineral SOLO DE ANIVERSÁRIO Cake a acompanhar c/ Batata e Molho Aguardente Licores
--	--

PREÇO ALMOÇO
 Quinta da Presa - Meadela
 Sócio • 18,00€ | Não Sócio • 22,00€

PROGRAMA
20 maio 2017

9.00 HORAS
 Concentração na Escola Secundária de Monserrate (frente à GNR). Entrega da revista e litografia aos Associados, pagamento de cotas e almoço, para quem não pagou antecipadamente.

11.00 HORAS
 Missa de Sufrágio pelos sócios, alunos, professores e funcionários falecidos, na Igreja Nossa Senhora da Agonia.

11.45 HORAS
 Foto de grupo, na escada da Estação Viana, junto aos bailarinos.

12.15 HORAS
 Inauguração da **19ª ARTEMAIO**

13.30 HORAS
 Almoço convívio na Quinta da Presa.

16.00 HORAS
 Homenagem aos convidados:
Professora Maria Teresa F. Murteira Baião Oliveira
Professor Artur José Moranguinho Santos Moura
 Assist. Técn. *Maria da Conceição Gonçalves Viana*
 Assist. Ope. *Constantino Lourenço Azevedo*

16.30 HORAS
 Entrega dos Prémios dos Jogos Florais
 Melhor Aluno 2015/2016:
Pedro Augusto da Silva Trilha

“ FUNDAÇÃO DA CAIXA AGRÍCOLA DO NOROESTE “.

Procedeu-se igualmente à distribuição dos prémios aos alunos da Escola Secundária de Monserrate, dos

“ Jogos Florais “ bem assim como os diplomas aos ex-alunos que concorreram igualmente a estes jogos.

Chegou a hora do convívio terminar, entretanto cantou-se os parabéns e cortou-se o bolo de aniversário.

Conversou-se mais um pouco com os colegas.

Finalmente, chegaram as despedidas. Muitos colegas só se voltarão a ver um ano depois, num novo encontro de gerações, esperando e desejando que, no próximo ano, todos nos sentemos em redor de uma mesa, para uma conversa entre amigos.

Maria Teresa Meira



XXXVII ENCONTRO DE ANTIGOS ALUNOS - ENCONTRO DE GERAÇÕES



XXXVII ENCONTRO AAETEC

19ª ARTEMAIO

Arte ARTEMAIO. Neste caso, artes plásticas.

Por mais uma vez, como já é tradição, nesta edição da 19ª ARTEMAIO, integrada no 37º Encontro dos Antigos Alunos, se juntaram os associados da AAETEC, antigos e atuais alunos e professores que, com a diversidade de temas, das técnicas, dos estilos e dos suportes (embora com predominância dos óleos e acrílicos sobre tela), tendo em comum o amor às artes e o espírito de convívio e amizade, compareceram para mais esta manifestação dos seus talentos.

O espaço expositivo voltou a ser a Praça Central do Estação Viana Shopping, dada a colaboração deste espaço comercial e por ser dos locais mais visitados.

A inauguração contou com a presença da maior parte dos autores, com familiares e amigos, de representantes da Câmara Municipal, da Direcção da Escola Secundária de Monserrate, do Viana Shopping, da Fundação Inatel e de frequentadores daquele espaço.

O artista convidado foi o nosso associado Carlos Coutinho, natural de Viana do Castelo, e que participa com pintura e serigrafia sobre cerâmica em vários eventos.

Nos dias da exposição muitas pessoas apreciaram as obras expostas, pelo que a ARTEMAIO se tornou em mais uma manifestação cultural na programação da cidade.

José Novo



XXXVII ENCONTRO AAETEC 18º JOGOS FLORAIS

XVIII JOGOS FLORAIS A.A.E.T.E.C. - 2017 TEMA "A BELEZA NATURAL DE VIANA"

Como tem acontecido há dois anos a esta parte, não há número suficiente de concorrerem a estes jogos Florais, o que lamentamos profundamente. Sendo assim, não há classificação dos mesmos nas várias categorias, no entanto não queremos deixar passar em claro a presença dos nossos colegas habituais, agradecendo-lhes pela teimosia, que muito agradecemos e pedimos que continuem, pois são imprescindíveis a este evento anual.

Peço-vos uma salva de palmas para eles e aos nossos colegas da Escola Secundária de Monserrate.

E os eternos concorrentes são:

- Antero A. Torres Sampaio
- António Alfredo Martins Manso Gigante (Dr.)
- Francisco Correia dos Santos
- João Couto Ramalhosa
- José Gonçalves Costa
- José Miguel Resende Franco
- Maria Regina Bacelar Pinto

JOGOS FLORAIS DE 2017 DOS ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE MONSERRATE TEMA - "AS BELEZAS NATURAIS DE VIANA"

ENSAIO

- 1.º Classificado – *Beatriz Lopes da Rocha* 10º Ano - Turma L
- 2.º Classificado – *Beatriz Basto Magro* 10º Ano - Turma L
- 3.º Classificado – *Juliana Costa Cerqueira* 10º Ano - Turma L

CONTO

- 1.º Classificado – *Bruna Liliana Gonçalves* 10º Ano - Turma L
- 2.º Classificado – *Valentina Morelli* 10º Ano - Turma L
- 3.º Classificado – *Cátia Barbosa* 10º Ano - Turma L

SONETO

- 1.º Classificado – *Bruna Sofia Martins Dias* 12º Ano - Turma A
- 2.º Classificado – *Pedro Miguel Branco da Silva* 12º Ano - Turma A
- 3.º Classificado – *Pedro Miguel Bran. Sil. Costa* 12º Ano - Turma A

POESIA - LÍRICA

- 1.º Classificado – *Beatriz Basto Magro* 10º Ano - Turma L
- 2.º Classificado – *Salvador Gonçalves Borlido* 10º Ano - Turma L
- 3.º Classificado – *Bárbara Sampaio Negrão* 10º Ano - Turma L



O SUCESSO É FRUTO DE MUITO TRABALHO.



PUBLICIDADE 05/2016

Com uma rede capilar superior a 675 Agências somos o único Banco cooperativo português de cariz universal, com uma longa história centenária. A força deste Grupo Financeiro e Segurador é alavancada em mais de um milhão de Clientes, 40% dos quais são Associados das Caixas Agrícolas. Os nossos Clientes e a confiança que detêm no Grupo CA são um dos nossos maiores activos e constituem a razão do nosso empenho e dedicação, com vista à prestação de um serviço de excelência. Trabalhamos em parceria, conhecemos a vida e a dinâmica das regiões porque fazemos parte integrante delas. Somos o Banco nacional com pronúncia local. Alimentamos os sonhos dos nossos Clientes, apoiamos novas ideias e novos projectos. **Conheça as soluções que temos para si e para a sua empresa.**

INFORMAÇÕES NA AGÊNCIA OU LINHA DIRECTA:

808 20 60 60

Atendimento 24h/dia, personalizado 2ª a 6ª feira: 8h30 às 23h30 sábados, domingos e feriados: 10h às 23h.

www.creditoagricola.pt



CA

Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911



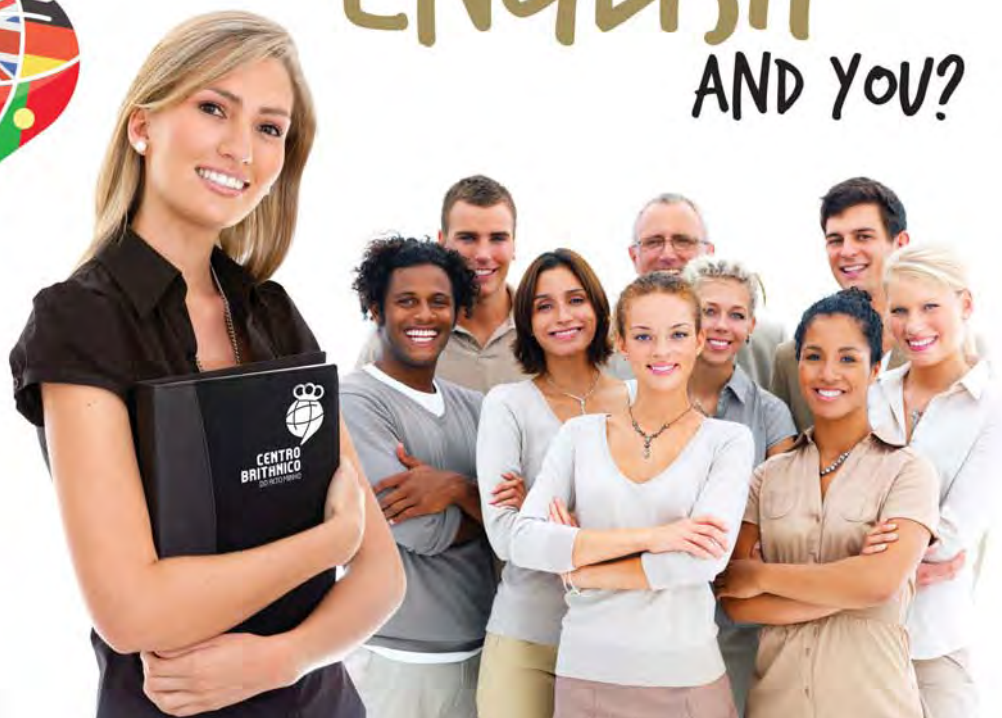
**CENTRO
BRITANICO**
DO ALTO MINHO

PRAÇA D. MARIA II, 115 - 3º
VIANA DO CASTELO
INFO@CENTROBRITANICO.PT

INFORMA-TE

258 820 547

WWW.CENTROBRITANICO.PT



WE SPEAK
ENGLISH
AND YOU?



JOIN US ON
FACEBOOK

Sardinhada JUL/2017

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA TÉCNICA DE VIANA DO CASTELO

08 DE JULHO DE 2017

Caro(s) Colega(s)

Como é habitual, vamos realizar a **SARDINHADA**, da **AAETEC**, no Monte de S. Silvestre, em Cardielos, pelas 10,30. Deves levar prato, talheres, toalha de mesa, farnel se assim entenderes, vinho, fruta ou doces.

A **AAETEC**. Levará Sardinha, fêveras, barriga e pão. Contamos com uma grande participação dos Associados, seus familiares e amigos. **As inscrições, são limitadas.**

Para participares nesta grande Festa Tradicional terás de **preencher o "Talão de Inscrição"** e fazê-lo chegar à **AAETEC**, pessoalmente, via correio, na Casa Meira's (Rua Gago Coutinho), ou na nossa página em www.aaetec.com (inscrição de eventos) **até ao dia 30 de JUNHO.**

PREÇO: SÓCIOS € 9,00 NÃO SÓCIOS € 11,00

PAGAMENTO: Dinheiro / cheque ou transferência bancária - **NOVO NIB: PT50 0045 1436 4026 3152 86292**, na Casa Meira's, na Rua Gago Coutinho em Viana do Castelo, ou junto de qualquer elemento da Direcção da AAETEC.

TENÇÃO: Quem fizer o pagamento por transferência bancária, via internet, deverá enviar-nos fotocópia pelo e-mail aaetecantigosalunos@gmail.com. Em todos os casos deverá mencionar o nº de associado.

Contactos: Meira - 917557253; Couteiro - 919736697; Zê Novo - 933781834; Luís Ramiro 963037093; Cristina 914144745;

No dia 8 do mês de Julho de 2017, realizou-se a tradicional sardinhada AAETEC no Monte de S. Silvestre em Cardielos e começou cedo, com a preparação de brasas pois estava um magnífico dia de verão e, pela fresca da manhã, já a Direcção trabalhava nos preparativos do espaço para acolher todos os participantes neste evento. A meio da manhã começaram a chegar ao recinto pequenos grupos de associados e amigos, trazendo os tradicionais farnéis para irem degustando enquanto se preparavam as brasas para assar as sardinhas, pimentos e alguns chouriços na couve...

Foi um valente grupo de homens ajudados pelas "damas" que este ano tomaram as rédeas em colaboração com a Direcção, preparando a salada de tomate e dos pimentos já assados, assim como o corte da broa.

Após esta azáfama, seguiu-se o almoço com as tão apreciadas sardinhas com salada, e a indispensável broa de milho, não faltando bom vinho a gosto de cada um. O almoço foi farto e complementado com uma variedade de sobremesas (doces e fruta) especialidades postas à prova pelos menos "envergonhados" que as trocaram entre si, em espírito de união e amizade.

O convívio continuou tarde fora, com animadas conversas para reviver memórias antigas, coisas boas que têm acompanhando o percurso das nossas vidas e que delas fazem parte.

Já pela tardinha e ao pôr do sol, saíram ainda umas boas fêveras bem temperadas, que, no meio do pão, deram para "escorrichar" as garrafas que ainda havia, terminando assim mais um ótimo encontro da nossa Associação.

Helena Couteiro





Fábrica de Rebuçados



A vida com outro sabor!



J.DINIS & FILHOS, LDA.

Estrada de Cabanas nº 61 . 4900-012 Afife - Viana do Castelo • Telf. +351 258 980 010 • Fax. +351 258 980 019
www.dropsnazare.pt • dropsnazare@mail.telepac.pt • www.facebook.com/DROPSNAZARE



Quilate
ORIVESARIA

Rosa Maria A. Fernandes

Rua Gago Coutinho, 46 • 4900-510 Viana do Castelo • Telef.: 258 821 258
ourivesaria.quilate@gmail.com

FIM DE SEMANA EM ELVAS / BEJA - 5 A 8 DE OUTUBRO de 2017

1º Dia – 05/10/2017 - VIANA DO CASTELO – STA MARIA DA FEIRA – PENELA – ABRANTES – ELVAS

6H45 Concentração junto à Escola Secundária de Monserrate (ESM);
7h J. Partida em direcção à Sta Maria da Feira, breve paragem para pequeno-almoço. Continuação para a Penela, com visita ao seu Castelo e à igreja matriz que se encontra no seu interior, após a visita seguiremos para Abrantes para almoço em restaurante local desta cidade. Após almoço visita pela cidade (entre 1H/1.30H). Em hora a combinar seguiremos em direcção a Elvas para jantar e alojamento em Hotel 4*.

2º Dia – 06/10/2017 – ELVAS – BEJA

Pequeno-almoço no hotel e manhã livre em Elvas, com almoço em restaurante local. Saída, em horário a combinar, com destino a Beja, onde passaremos pelo Alqueva e breve paragem na Aldeia da Luz, seguindo para jantar e alojamento em Hotel 4* em Beja.

3º Dia – 07/10/2017 – BEJA

Pequeno-almoço no hotel e resto do dia livre, almoço e jantar serão em restaurantes locais.

4º Dia – 08/10/2017 BEJA – ALCÁCER SAL – SANTAREM – V. DO CASTELO
Saída em horário a combinar em direcção a Alcácer do Sal, com paragem e breve visita desta cidade (cerca de 1H), seguindo viagem para Santarém para almoço em restaurante local. Após almoço visita pela cidade (cerca de 1.30 hora). Em hora a designar regresso a Viana do Castelo, com paragem para o lanche.

Durante os percursos teremos várias paragens obrigatórias ("descanso" do motorista, etc.).

INSCRIÇÕES ATÉ DIA 08 DE JULHO (limite 50 lugares)

Na eventualidade de existirem menos de 35 inscritos o passeio poderá não se realizar.



Em colaboração com a Associação dos Antigos Alunos de Beja e com a promessa de receção na Câmara Municipal de Beja pelo Senhor Presidente, nosso conterrâneo, João Rocha, lá fomos nós deabalada até ao Alentejo.

Partida cedinho, a caminho de Elvas, onde pernoitamos o primeiro dia.

Viagem magnífica com algumas peripécias durante a mesma. Chegamos finalmente a Elvas onde assentamos arraiais.

O hotel, do tempo dos nossos reis, levou-nos aos mais variados cometários, todos eles cheios de bom humor e muita piada.

No dia seguinte, quando nos preparava-mos para partir, recebemos um telefonema da secretária da presidência da câmara, que nos transmitiu que o Sr. Presidente não nos podia receber, porque como se realizava a feira de Beja, tinha que efetuar a receção a um membro do governo.

Durante a tarde, na deslocação para Beja, visitamos a barragem do Alqueva e o respetivo Museu. A temperatura na barragem atingiu os 42º. (quarenta e dois graus centígrados). O que nos valeu foi a frescura dentro do museu.

No dia seguinte, de manhã, fomos recebidos no castelo pela da secretária, por sinal muito simpática e disponível.

Entretanto juntou-se à comitiva a nossa colega de Beja, “ Matilde “. Seguindo o programa delineado pela secretária, visitamos os museus mais importantes e os locais mais relevantes da cidade. Valeu a pena. A nossa colega e a secretária foram excelentes guias.

No sábado de tarde sob a mesma temperatura deslocamo-nos até ao aeródromo de Beja.

De regresso, uns foram até à feira, de onde chegaram quase assados.

Outros, que foi o meu caso, optamos por ficar no hotel, devidamente refastelados nos sofás com uma cervejinha frescas.

Os que não foram à feira durante a tarde, foram à noite pela fresquinha.

No dia seguinte, domingo e último dia, efetuamos a viagem de regresso, com paragem para almoço e um pequeno passeio para desgastar o que comemos.

Paramos como é habitual, ao entardecer, vendo-se ao longe os incêndios, que nem imaginamos que tanto mal fizeram, na Mealhada para saborear uma sandes de leitão, após o que encetamos a viagem de regresso.

Viagem magnífica, com uma motorista muito simpática e competente de seu nome “ Paula “, ou a “ OVNITUR “ não nos tenha habituado a este tratamento.

Finalmente chegamos a Viana, depois de um fim de semana prolongado com toda a “ Malta “ satisfeita.

Fernando Meira



Casa Meira's

de Maria Augusta Varajão Meira, Herdeiros

Rua Gago Coutinho, 116-118 • VIANA DO CASTELO

50 anos ao serviço do comércio tradicional

Calçado:

- * de conforto
- * de trabalho
- * ortopédico
- * de desporto
- * de agasalho
- * de passeio

Botas d'água

Guarda-chuvas

Botas de couro

Chinelos

Pantufas

Chapéus

Bonés

Bengalas



Colocamos a nossa experiência ao seu dispor para implementar:

- ☺ Serviços de Medicina do Trabalho;
- ☺ Serviços de Segurança e Higiene no Trabalho;
- ☺ Estudos Ocupacionais;
- ☺ Planos de Segurança e Saúde;
- ☺ Medidas Autoproteção SCIE;
- ☺ HACCP- Higiene Alimentar;
- ☺ Controlo de Pragas / Desinfestações;
- ☺ Formação.



viG
prevenção de riscos profissionais, lda.

A PREVENÇÃO COMPENSA!

Rua Parque Empresarial da Meadela, n.º 280 | 4900-021 Viana do Castelo

Telf. 258 811 911 Fax. 258 820 913 Tlm. 964 704 354

E-mail: geral@vigshst.com website: www.vig.pt

Marcuper

Gualter Pinheiro, Unipessoal Limitada

DECORAÇÃO EM LOUÇA

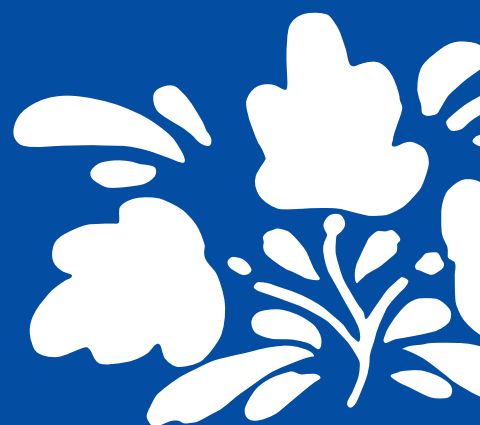
Parque Empresarial da Meadela, Lt20

4900-021 Viana do Castelo

Telf. 258 842 692 Tlm. 917 112 888

geral@marcuper.com

www.marcuper.com



MAGUSTO DA AAETEC 2017



MAGUSTO/VITELÃO NO ESPETO

11 DE NOVEMBRO DE 2017

Caro(s) Colega(s)

Como é habitual, vamos realizar o MAGUSTO/VITELÃO NO ESPETO da AAETEC, e regressamos novamente ao Monte de S. Silvestre, em Cardielos, pelas 10,30. Deves levar prato, talheres, toalha de mesa, farnel se assim entenderes, vinho, fruta ou doces.

A AAETEC: Levará CASTANHAS, pão e o VITELÃO.
Contamos com grande participação Associados, familiares e amigos. Inscrições limitadas (100 pessoas).

Para participares nesta grande Festa Tradicional terás de **preencher o "Talão de Inscrição"** e **fazê-lo chegar à AAETEC**, pessoalmente, via correio, na Casa Meira (Rua Gago Coutinho), ou na nossa página em www.aaetec.com (inscrição de eventos) **até ao dia 03 de NOVEMBRO**.

PREÇO: SÓCIOS € 10,00 NÃO SÓCIOS 12,00

PAGAMENTO: Dinheiro/cheque, transferência bancária **NOVO NIB: PT50 0045 1436 4026 3152 86292**, na Casa Meira, na Rua Gago Coutinho em Viana do Castelo, ou junto de qualquer elemento da Direcção da AAETEC.

ATENÇÃO: Quem fizer o pagamento por transferência bancária, via internet, deverá enviar-nos fotocópia pelo e-mail aaetecantigosalunos@gmail.com. Em todos os casos deverá mencionar o nº de associado.

Contactos: Meira – 917557253; Couleiro – 919736697; Zé Novo – 933781834; Luis Ramiro – 963037093; Cristina 914144745.

De regresso ao habitual, no dia 11 de Novembro, manhã cedo alguns colegas rumaram ao Monte de S. Silvestre para os habituais preparativos de mais uma actividade da AAETEC, desta vez tratava-se do tradicional magusto acompanhado, este ano, com vitelão no espeto.

A meio da manhã começou a chegar a "malta".

Depois de cumpridos os formalismos inerentes à actividade, com o pagamento do almoço, de cotas, a entrada de alguns participantes para associados da AAETEC, os lugares foram sendo ocupados, as toalhas estendidas e espalhadas pelas mesas as iguarias vindas dos vários farnéis foi tempo de alguns "matarem" saudades pondo a conversa em dia e recordarem os velhos tempos sempre com os petiscos e bom vinho por perto, pois a conversa abre o apetite e faz a garganta ficar seca.

Cerca das 13 horas foi servido o delicioso "vitelão no espeto", assado por técnicos à altura, e acompanhado com batata frita. Foi comer até não poder mais.

Enquanto alguns colegas preparavam as castanhas para assar outros davam um passeio descobrindo o Monte de S. Silvestre e contemplando as vistas sobre a ribeira Lima e tirando belas fotografias que o dia estava propício para isso.

O tempo foi passando as castanhas começaram a sair e a malta foi-se chegando para a mesa para as saborear, sempre acompanhadas por um bom vinho, pois como diz o povo "no S. Martinho lume, castanhas e vinho".

Com o aproximar da noite a temperatura foi descendo, a festa estava a terminar e o pessoal começou a recolher às suas casas contentes por mais um dia bem passado, com vontade de para o ano cá voltarem.

A todos, bem-haja e até uma próxima.

José Novo



CHURRASQUEIRA
SÃO JORGE

ESPECIALIZADO EM: **TUDO O TIPO DE GRELHADOS**

DIÁRIAMENTE VÁRIOS PRATOS ECONÓMICOS À ESCOLHA

SERVIMOS PARA FORA FRANGO E ENTRECOSTO NA BRASA

Tlf. 258 820 287 | Rua Aquilino Ribeiro | 4900-441 Viana do castelo



GRAFPHIT
PAPELARIA E LIVRARIA, LDA

Material Escolar e de Escritório
Manuais Escolares
Livros
E muito mais...

visite-nos!

Rua Grande, 22 - Viana do Castelo | E-mail. geral@grafphit.pt | T. 258 824 966 | M. 964 435 555



O seu sorriso
começa aqui!

CLÍNICA | FORMAÇÃO PROFISSIONAL | PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

saiba mais em **www.motriviana.com**
TEL. 258 843 065 | TLM. 961 495 509

siga-nos no facebook



CEIA DE NATAL 2017

Ainda não era Natal.

Estávamos no dia 2 de Dezembro, faltavam algumas semanas, portanto, mas no ar pairava já o “cheiro” do ambiente natalício, sugerido pelas iluminações das ruas, pelas luzes nas árvores das praças e das avenidas, pelas figuras do Pai-Natal aqui e acolá, pela iluminação em destaque do templo de Santa Luzia e pela do pinheiro (que não é) de Santo António. E, mais do que isso, pela agressividade da publicidade comercial, nas montras, nos jornais, revistas, TV e outros meios de comunicação que tentam transformar o Natal num festival de consumismo e numa estopada a que é difícil resistir, tentando preservar aquele espírito de convívio familiar e das amizades em festa, com alguma intimidade, ou mesmo do significado religioso.

Com vista a esta festa entre antigos colegas da Escola, com amizades que se geraram e se mantêm há longos anos, a AAETEC organizou mais esta ceia de Natal, procurando o tal espírito mais sentimental, e lá nos juntámos cerca de 50 pessoas, à volta das mesas, com a presença do sempre “fiel amigo” bacalhau, do bolo-rei, rabanadas e restantes acompanhamentos segundo a tradição, numa sala da Quinta da Presa.

Antes e durante o repasto, lá se foram trocando cumprimentos, conversas várias, recordações, divagações sobre estados de saúde, do gozo das reformas, do “e os teus filhos? E os netos?”.

É sempre um grande prazer esta comunicação oral e este desfilar de recordações que nos transportam aos anos de juventude que já lá vai, para a grande maioria.

O número de convivas já foi maior, mas cada vez há mais festas, originadas por diferentes participações sociais, e não se pode ir a todas em simultâneo.

Esperemos que esta tradição se mantenha na AAETEC e que, para isso, outras camadas de sócios mais novos vão aparecendo.

Entretanto, vamo-nos encontrando noutros eventos da AAETEC que decorrerão como de costume.

Victor F. Alves

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS
ALUNOS DA ESCOLA TÉCNICA
DE VIANA DO CASTELO

02 DE DEZEMBRO DE 2017

Caro(s) Colega(s)
A AAETEC, convida os seus associados a participarem na CEIA de NATAL, realizar na “Quinta da Presa”, R. da Presa, nº 110, Meadela, pelas 20H00

EMENTA
APERITIVOS: Pão, manteiga, azeitonas, mexilhão salsa e cebola, sapatel recheada com tostas, calamares à “galega”, polvo ao vinagrete, bolinhos de bacalhau, pataniscas, rissoles, croquetes de vitela, rojõesinhos e chouriça minhota
QUENTES: - Canja de Galinha
- BACALHAU COZIDO COM TODOS
SUCREMESA: - Rabanadas, bolo-rei, leite creme, arroz doce, fruta
BEBIDAS: Vinho Verde “Quinta da Presa”, Vinho Maduro “Caves da Presa”, Água refrigerantes, café e digestivo.

CUSTO: SÓCIOS € 19,00 NÃO SÓCIOS 21,00

É necessário a inscrição de todos os participantes porque as inscrições são limitadas (120 pessoas), para participares nesta grande Festa Tradicional terás de preencher o “Talão de Inscrição” e fazê-lo chegar à AAETEC, pessoalmente via correio, na Casa Meira’s (Rua Gago Coutinho), ou na nossa página e www.aaetec.com (inscrição de eventos) até ao dia 24 de Novembro.



Homenagem a Mário Pedra

RECORDAR MÁRIO CALDEIRA PEDRA

Conheci o Mário Pedra na Escola do Carmo, Viana do Castelo. Fomos colegas da primária. Companheiros de todas as horas. Além do assento nas salas de aula, então tínhamos as nossas brincadeiras no recreio da escola, no trajeto de casa-escola-casa e no quartel da G.N.R., onde a família residia. O pai, como oficial sargento, facultava-nos o acesso ao salão de jogos, onde não faltava a mesa de ténis de mesa. A mãe do Mário, D. Antónia, nas tardes em que lá íamos, nunca se esquecia de distribuir uma merendinha para a rapaziada das brincadeiras.



Depois da 4ª classe, fomos para o 1º ano do Ciclo Preparatório e depois Curso Geral do Comércio (CGC) na Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo. Nessas lides, partilhámos muito das nossas vidas pessoais e académicas. No desporto escolar integrámos as equipas de voleibol e andebol de sete, onde participámos em campeonatos regionais e até nacionais.

Naquele tempo, a convivência entre rapazes e raparigas era complicado, pois os recreios e a entrada e saída da escola eram diferentes. Para ultrapassar estes “obstáculos”, em dado ano e já no CGC, um grupinho da nossa escola resolveu, onde nos incluímos eu e o Mário, organizar uns bailaricos nas férias e/ou domingos. Eram muito concorridos e foram conhecidos pelos “bailes do Orfanato”! Os rapazes contribuíam com dinheiro para as laranjadas e pirolitos, e as raparigas eram “multadas” com os salgados e doces. Daí resultaram alguns casórios.

Terminado o CGC seguimos rumos diferentes na vida pessoal e profissional. Não obstante esse particular, estivemos sempre próximos em diversas circunstâncias.

A amizade cimentada nos bancos da escola prevaleceu e consolidou-se ao longo dos anos. As actividades e iniciativas que fomos tendo na AAETEC também contribuíram para estreitar mais o nosso relacionamento.

Por tudo isto, foi com enorme tristeza que vi partir o Mário, um verdadeiro “amigo de peito”!

E para reforçar a nobreza do seu carácter, saliento a coragem como soube enfrentar e lutar na doença que não perdoa. Depois a sua carta de despedida dedicada aos seus amigos e a todos com quem conviveu, publicada no semanário “A Aurora do Lima”. Por fim, realçar a sua decisão, altruísta e generosa, ao contribuir para ajudar no ensino, investigação e estudo da Ciência, doando o seu corpo à Faculdade de Medicina do S. João, Porto.

MÁRIO, foi bom ter um AMIGO como tu. A minha saudade. Descansa em paz. Até SEMPRE...!

José Veiga Anjos

DESPEDIDA

Olá, Amigos!

Alguns de vós já vos apercebestes que, desde há algum tempo, deixei de aparecer onde costumava.

Por razões de saúde fui ficando retido em casa.

Finalmente, a situação definiu-se: parti para outra dimensão, o que só agora é divulgado por minha expressa vontade. Não voltarei a gozar da vossa companhia.

Amigos, ex-alunos, companheiros com quem privei a qualquer título, simples conhecidos, quer tenham gostado, ou não, de mim, oxalá possais celebrar o facto de nos termos conhecido: de cada um de vós recebi sempre algo para meu benefício.

Obrigado e até sempre.

Mário Pedra

N.D. – Última despedida de Mário Pedra, de que seu irmão foi portador para os nossos leitores. Um singelo quanto corajoso confronto conhecedor da inevitabilidade da morte de que teve plena consciência. Destinou o seu corpo à Faculdade de Medicina do Porto.

“A Aurora do Lima – 30 de março de 2017”

MÁRIO PEDRA – Um voluntário

Nasceu em Lisboa, em 27/07/1940, filho de João Nunes Pedra e de Antónia da Conceição Caldeira, vieram para Viana em 1942.

Frequentou a Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo e o Curso do Magistério Primário, em Braga.

Começou a trabalhar na Areosa como professor e a estudar e frequentou o curso de Fiscalidade e Economia no Porto até ao 3º. Ano.

Casou em 1961 com Fernanda do Céu Afonso.

Aposentado da Industria Seguradora, usava como hobi ajudar os outros e todos os quinze dias passava pelo Centro de Dia para animar os idosos lendo e comentando textos e assuntos de interesse das pessoas, a tal ponto que os idosos já davam pela falta dele, se algum dia tinha de faltar.

Gostavam dos debates que dirigia e participavam todos na sessão.

Segundo dizia “afinal, não só ensino, mas também aprendo com eles sempre coisas novas”. “Quem lucra mais com isso sou eu, não são as pessoas”, dizia.

Faleceu a 3 de Abril de 2017. Em Viana do Castelo.

In: Jornal “Paróquia Nova”.Paróquia N.S.Fátima nº.166. Fevereiro de 2007

Homenagem a Mário Pedra

A SUA COLABORAÇÃO NAS REVISTAS DA AAETEC

Revista de 1992

ESTE MUNDO

*Toma o teu bordão
Feito de sinceridade
E vai,
Judeu errante,
Procurar
A telúrica verdade.
Afasta a hipocrisia,
A impureza,
A ingratidão
E,
Por fim,
Envolvido no mundo,
Em turbilhão,
Verás a verdade
A montante
Da corrente que não vences.
E continuarás
A ser judeu errante.*

Revista de 1997

PONTO ESCRITO DE PORTUGUÊS

Para terminar, quero dizer-vos que neste ponto de Português tirei 13 valores e, obviamente, está assinado pelo meu Pai.

Revista de 1998

A MONOGRAFIA DE “MERCADORIAS”

Não me lembro já o resto da conversa, mas, face às evasivas para motivar uma escolha de assunto pertinente, talvez o examinador se tenha deixado seduzir pelo “ouro negro” e terá sido conduzido para o petróleo onde, aí sim, o examinando “abriu o livro” e conseguiu passar no exame.

Revista de 1999

PIERROT EN VOYAGE – Un accident horrible!

Quase no fim da viagem, Pierrot tinha adormecido e a história do comboio em sentido contrário não passava de um desagradável pesadelo.

Revista de 2000

OS NOSSOS PROFESSORES

A Tabalhos Manuais tive o mestre Fontes no Ciclo Preparatório. Era exigente nos trabalhos de ferro. Não posso recordar o mestre Fontes sem pensar na sua bicicleta.

Revista de 2001

E QUANDO A ESCOLA GANHOU AO LICEU EM VOLEIBOL

Pela primeira vez, a Escola tinha ganho ao Liceu, em voleibol. Foi o delírio.

Até houve quem chorasse, uns de alegria, outros de raiva. Se a memória não me falha tudo aconteceu no ano lectivo de 1953/54.



Revista de 2002

UMA FALTA DE CASTIGO

- Desculpe Se Manel, não estava a fazer nada de mal

- Se Manel?? Quem é o Se Manel?? – inquiriu, iracundo, o Mestre Aníbal.

- Peço desculpa, Mestre Aníbal, mas confundi-o com o homem dos chupa-chupas..

- Faz favor, saia.

Saí, com uma falta de castigo.

Revista de 2003

MUDANÇAS

O desejo de contribuir com um pequeno artigo para a nossa revista anual esbarra desta vez, com uma nítida falta de inspiração que me bloqueia o espírito e me entorpece os dedos para escrever algo que se leia.

Nesta dificuldade, recorro à minha colecção de pontos escritos que guardo há dezenas de anos.

Revista de 2006

PONTOS DE VISTA

*Doce melopeia,
Sinfonia triste,
O bater da chuva
No barro das telhas
Acompanhado na calçada
Pelo contracanto das pingas
Que tombam dos beirais
Doce melopeia,
Para quem fica deitado
Ouvindo a chuva cair no telhado.
Sinfonia triste,
Para o efémero mendigo
Que quer a Eternidade,
Sem nunca ter ouvido a chuva
Bater no tecto dum abrigo.*

Revista de 2012

NO ANO LECTIVO DE 1955-56

Fui fraco aluno a Contabilidade, ao tempo nunca me convenci que, no Balanço, o Débito tinha que ser igual ao crédito. A Situação Líquida, caprichosa e oscilante, umas vezes do lado Débito, outras, do Crédito, nunca me inspirou confiança.

Homenagem a José Marques

José Marques (1949/2017)

Partiu quem pintou Viana e as suas gentes
– os seus amores.

Sempre quis dedicar-se às artes. Uma infância e juventude difíceis fizeram com que o mundo do trabalho o chamasse muito jovem ainda. Já no Serviço Militar e posteriormente na Guerra do Ultramar, em Angola, dedicou-se a desenhar e pintar os colegas, as paisagens, as cenas que lhe iam ficando gravadas na memória.

Viveu uma vida preenchida. Foi trabalhador dos ENVC e aí, com muita persistência, estudo e luta, manteve-se sempre a par – e na dianteira até – na compreensão de novas técnicas e aplicação de novas práticas, tendo sido pioneiro na compreensão da informática, por exemplo. Foi treinador de atletismo, gestor desportivo, dirigente de diversas associações, em particular do GDCTENVC, precursor na organização das meias-maratonas em Viana do Castelo, foi Juiz Árbitro e Juiz Nacional de Atletismo, tendo sido fundador da Associação de Atletismo de Viana do Castelo (cujo símbolo, ainda hoje o mesmo, desenhou), tendo também colaborado com os órgãos de informação da especialidade. Mas a arte, designadamente a pintura e a fotografia estiveram sempre presentes. Aquando da chegada da reforma, ainda relativamente jovem, verbalizava muitas vezes a necessidade que sentia de se exercitar nas artes plásticas, de saber mais. Um dia, ao regressar de férias, trouxe-lhe como recordação uma tela e um estojo de pincéis, enfim, alguns materiais de principiante. ‘Pai, queres pintar, agora pinta.’ – contava ele assim muitas vezes como viveu este gesto e como o tinha marcado. Daí até ter começado a prática de forma diária e intensa foi um passo.

O tempo foi passando, a produção tornou-se intensa, obsessiva



Imagem de Rossana Ferreira

até, como que a querer recuperar todo o tempo que a vida activa lhe tinha roubado à pintura. Vida activa, disse eu? Vida mais do que activa foi o que se seguiu!

Criou uma escola de pintura, que viria a tornar-se na ArtMatriz- Associação Cultural e Artística, que geria com uma dedicação, criatividade e seriedade a toda a prova. Tem obras espalhadas pelo mundo inteiro, realizou exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. Partilhou aquilo que sabia com quem quis com ele aprender. A paixão pela fotografia fez com que deixasse um espólio enorme, que enaltece um ponto de vista original.

Também se dedicou à recolha de fotografias antigas, de memórias para enaltecer Viana, que publicava na página “Viana da Foz do Lima”.

Deixou ainda um livro de memórias, que tudo farei para que seja editado.

José Marques faz-me falta, faz falta a Viana e aos vianenses, pela sua cidadania, pela sua arte, pela sua ousadia, pela sua solidariedade, pelas amizades, tantas, que soube fazer e manter. Tinha, até ao fim, a mente cheia de projectos, ‘Tudo se faz. É preciso é trabalho.’ – afirmava. Deixou-nos essa ética do trabalho e da importância da palavra dada. Como herança fica também a sua arte, as suas belas paisagens, os seus perfeitos retratos, os seus incomparáveis desenhos. Chegou de forma muito rápida, dolorosa e injusta ao término de uma vida que teimava em não largar, a vida que tanto amava. ‘Um dia de chuva não é feito. É só um dia de chuva. Ainda assim, é mais um dia.’ Fica-nos este exemplo.

Até sempre pai.

Paula Marques Ferreira

JOSÉ MARQUES – Pintor, colaborador da ARTEMAIO

José da Silva Marques

Nasceu em Belinho – Esposende em 1949.

Com seis anos de idade, veio para Viana do Castelo, Onde estudou e trabalhou e constituiu família.

Serviu nas Tropas Pára-quedistas e foi em Angola na sua Companhia de Combate,

como responsável por caricaturar o lado brincalhão das tropas, levantando-lhes a moral, que mais a sério desenhava, ilustrando situações e emoções.

Desde sempre foi um apaixonado pelo manuseio e construção das coisas e daí o gosto pelas artes do desenho e da pintura,

mas sempre como autodidata, pois a vida e o trabalho, não lhe permitiam ir muito mais longe.

Depois de concluir a sua carreira profissional de Técnico Fabril nos ENVC,SA, consegue materializar um sonho, acabando por cursar desenho e pintura com o Mestre Simões, nesta cidade.

Continuou em formação com o Pintor Rui Pinto e no Atelier ArtMatriz.

No catálogo da 11ª ARTEMAIO de 2009, com um quadro s/título -óleo s/tela, José Marques inicia a sua colaboração com a AAETEC.

Participou em várias exposições e sempre na ARTEMAIO.

■ Sócios Honorários

1999 - Assembleia Geral de 20 de março

- Élder Carvalho
- Araújo Soares

2011 - Assembleia Geral Extraordinária de 20 de janeiro

- João Sousa Pinto
- Escola Secundária de Monserrate

2016 - Assembleia Geral Extraordinária de 4 de março

- Sócio nº14 - José Joaquim Veiga Anjos
- Sócio nº106 - Carlos Reis



2017 - Assembleia Geral Ordinária de 24 de fevereiro

- Sócio nº19 - Leopoldo Pereira Alves

2018 - Assembleia Geral Extraordinária de 2 de fevereiro

- Sócio nº10 - José Henriques Gomes Cerqueira
- Sócio nº11 - Mário Caldeira Pedra
- Sócio nº55 - Hernâni Felício Montes

■ Artistas convidados “ARTEMAIO” anos de 2005 a 2017

- 7.ª Artemaio 2005 - António de Araújo Soares
- 8.ª Artemaio 2006 - Elder Alexandre de Carvalho
- 9.ª Artemaio 2007 - Aníbal Alcino Ribeiro dos Santos
- 10.ª Artemaio 2008 - Maria do Rosário Gonçalves Felgueiras Fernandes
- 11.ª Artemaio 2009 - Hernâni Felício Montes
- 12.ª Artemaio 2010 - Fernanda da Glória Pereira Moreira
- 13.ª Artemaio 2011 - Rui de Sousa Araújo
- 14.ª Artemaio 2012 - Leandro Neves de Matos
- 15.ª Artemaio 2013 - Emídio Rodrigues Lima
- 16.ª Artemaio 2014 - Diniz Rego da Costa
- 17.ª Artemaio 2015 - José Albino Fernandes
- 18.ª Artemaio 2016 - Firmino Moreira da Cunha
- 19.ª Artemaio 2017 - Carlos Couteiro

UM AGRADECIMENTO

Aos colaboradores da revista AAETEC de 2018.

Jogos Florais

- Beatriz Rocha
- Bruna Gonçalves
- José Gonçalves da Costa
- João Ramalhosa
- Antero Sampaio

Crónicas

- José Veiga Anjos
- Leandro Matos
- Francisco Carneiro
- Armando Branco
- Rui Viana
- Antero Sampaio
- Fernando Sousa Castro
- Eduardo Simas
- Manuel Morais
- Alberto Mesquita
- Gonçalo Fagundes Meira
- António Manso Gigante
- Luís Pedro Viana

Os Nossos Poetas

- Beatriz Magro
- Bruna Sofia Martins Dias
- Maria Regina Bacelar Pinto
- José Miguel Franco
- António Manso Gigante
- Francisco Correia dos Santos
- Antero Sampaio
- Leandro Matos

Colaboração Especial

- Fernando Meira
- José Maria Costa
- Manuel A. A. Vitorino
- Cristina Costa
- Maria Teresa Meira
- José Novo
- Helena Couteiro
- Victor Alves
- Paula Marques Ferreira
- Gonçalo Félix
- João Sousa Pinto
- Hernâni Montes

Homenagem aos convidados 2017

Professora Maria Teresa F. Murteira Baião Oliveira
Professor Artur José Moranguinho Santos Moura
Assist. Técn. Maria da Conceição Gonçalves Viana
Assist. Ope. Constantino Lourenço Azevedo

Inter**markchê**

ÂNCORA / AREOSA

S U P E R



Combustíveis  BARATOS da região.

AO ABASTECER 20€
GANHE VALES 1€

COMPENSAMOS A SUA FIDELIDADE
COMPRAS MENSAS SUPERIORES A:

300€

GANHE

10€

EM CARTÃO



HIGIENE, QUALIDADE E VARIEDADE A PREÇOS BAIXOS

CONSULTE REGULAMENTO NA LOJA



ARTISTA CONVIDADO

Maria Cacilda Soares Alves Balinha

Natural de Portuzelo, Viana do Castelo

Reside na Meadela

Frequentou a Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, tendo concluído o curso de Formação Feminina em 1968. Foram seus professores de desenho, Albino Alcino e Álvaro Rocha.

Concluiu o curso de professora do ensino primário na Escola do Magistério Primário de Viana do Castelo em 1970.

Aposentou-se em 2003 e desde 2004 que frequenta o atelier Soarte do Mestre Simões em Viana do Castelo.

Desde então tem participado em exposições coletivas em vários pontos da cidade: Antigos Paços do Concelho, Praça da República, Instituto da Juventude, Turismo, Estação Viana Shopping e ainda em Ponte de Lima, Afife (casino), Meadela e Saint Jean de La Ruelle- Orléans-França. Anualmente tem participado nas exposições ArteMaio.



"Magia musical" - 16ª ArteMaio - 2014



"Flores" - 19ª ArteMaio - 2017



"Enquadramento" - 14ª ArteMaio - 2012



"Praça da República" - 17ª ArteMaio - 2015

Quinta da Presa

Eventos desde 1980

Rua da Presa, 110
4900 - 771 Meadela, Viana do Castelo
quinta.presa@gmail.com

www.quintadapresa.pt
Tel. 258 823 771 Telm. 933 218 260



**CLUBE
GOLFE**
VIANA DO CASTELO

Um dos melhores
desporto do mundo!

www.golfeviana.com

■ Prémio Melhor Aluno do 12º ano da ESM 2016-2017



FUNDAÇÃO
CAIXA AGRÍCOLA DO NOROESTE

A Associação de Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, que todos os anos homenageia o melhor aluno da Escola Secundária de Monserrate, desafiou-me a apresentar um texto para publicação na revista que edita todos os anos no dia do seu aniversário. Sinto-me grato pelo convite e é com muito gosto que partilho um pouco de mim com todos os que direta ou indiretamente estão ligados a esta organização.

Falar do meu trajeto até à universidade é recordar o Agrupamento de Escolas de Monserrate. Tudo começou em Carreço, a minha terra natal, onde frequentei o jardim-de-infância e a escola do primeiro ciclo. São tempos que relembro com prazer e saudade, quer pelos bons momentos passados, quer pelas amizades construídas e pelos professores que para sempre me ficarão na memória.

A entrada para o segundo ciclo, na escola Dr. Pedro Barbosa, levou-me para uma nova realidade que, na tenra idade em que na altura me encontrava, era algo assustador: escola maior, um professor por disciplina, com um grau de exigência acrescido e fora da minha freguesia. Apesar disso, depressa me adaptei e desfrutei de momentos fantásticos. Todo este tempo passou a correr e, sem dar muito por isso, cheguei ao Ensino Secundário.

Neste novo ciclo, feito na Escola Secundária de Monserrate, rapidamente constatei que estava num dos momentos decisivos do meu futuro. As aulas passaram a ter conteúdos mais complexos e estes eram dados a um ritmo mais acelerado. Falaram-me do elevado grau de exigência dos exames nacionais e da importância das boas notas no acesso ao Ensino Superior. A alternativa que me deram lá em casa foi a clássica opção: faz o teu melhor que a mais não és obrigado. Foi o que aconteceu, sem descuidar as amizades e as boas vivências que deixaram, como não podia ser de outra forma, ótimas recordações.

Durante todo este período de tempo o desporto esteve sempre presente. Comecei com a natação e o hóquei em patins. Após o primeiro ciclo, como o tempo não esticava e os treinos e competições ocupavam-me uma boa parte da semana, optei por dar continuidade apenas à natação. No sétimo ano a natação passou a exigir uma carga de treinos muito elevada, o que não era lá muito

compatível para quem, além da escola, também tinha o ensino da música. Decidi mudar o rumo desportivo e passei para o andebol que me acompanhou até à entrada na universidade. A atividade musical, iniciada no pré-escolar, passou pela frequência da Academia de Música Fernandes Fão até completar o quinto grau de guitarra.

No final do secundário as dúvidas relativamente à escolha do curso a seguir no ensino superior foram muitas, apesar de não estar limitado pelas médias. Acabei por escolher medicina, tendo entrado na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

A frequência deste curso teve um impacto inicial não muito agradável. Os conteúdos passaram a ser de dificuldade extrema, exigindo horas e horas de estudo. Apesar das dificuldades e numa fase já adiantada do primeiro ano, sou tentado a concluir que até terá sido uma escolha acertada. A incrível máquina humana merece toda minha atenção.

Agradeço mais uma vez à Associação de Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo pela oportunidade deste texto, pela homenagem e pelo prémio que me irá atribuir, ao Agrupamento de Escolas de Monserrate pela sua organização, competência e rigor que tornaram possível a conclusão com sucesso desta pequena parte da minha vida e, como não podia deixar de ser, deixo umas palavras de incentivo aos colegas que ainda estão em anos de escolaridade pelos quais já passei, dizendo-lhes que é possível conciliar o trabalho da escola com muitas outras atividades, incluindo as de lazer, sem deixar de cumprir o que todos esperam de nós.



Gonçalo Félix



ÓPTICA © CRUZ

DESDE 1962

CONSULTAS DIÁRIAS

OPTOMETRIA

TONOMETRIA

ACONSELHAMENTO TÉCNICO

ACORDOS DIRETOS:

multicare



Future
healthcare

Caixa Geral
de Depósitos

Médis

Optivisão
grupo

*A sua Óptica
de confiança!*

Rua da Bandeira, n.º 65

4900-560 Viana do Castelo



258 823 207



@opticacruz



geral@opticacruz.pt



www.opticacruz.pt



/opticacruz



SALVADOR VIEIRA

1937/2017



Nasceu em 26/12/1937, em Darque - Viana do Castelo. Em 1953, como aluno da Escola Industrial de Viana do Castelo, conhece o Mestre Carolino Ramos, com quem aprende desenho.... É na oficina de Carolino Ramos que, em 1955, inicia a sua actividade artística, onde durante sete anos aperfeiçoa as técnicas de pintura.

Em 1965 radica-se em Paris, frequenta a École Supérieur de Beaux-Arts.

Em 1970, regressa a Portugal e ingressa no ensino secundário, como docente.

Em 2005 participa na Exposição "Arte na Leira" criação do pintor Mário Rocha.

Nos anos 2000 é, porém, na componente escultória que Salvador Vieira ganha especial visibilidade: monumento a António Cunha, monumento ao Homem do rio, busto Padre Saleiro.

É na Vila de Ponte de Lima que dá mais profundidade à disciplina da escultura: monumento ao Cardeal Saraiva, alto-relevo de Amália Rodrigues, monumento às Feiras Novas e monumento alusivo ao trabalho da terra, Memórias do Campo.

Faleceu em 16/10/2017.



STEPHEN HAWKING

"Físico britânico, faleceu a 14 de Março de 2018, o mesmo dia do nascimento de Albert Einstein há 135 anos.

Nasceu a 8 de Janeiro de 1942, 300 anos depois da morte de Galileu Galilei.

Esta bela coincidência de ter nascido no dia de um gigante da física e ter morrido no dia de outro gigante da física faz lembrar uma frase de Isaac Newton, em 1676: "se vi mais longe, foi porque estava aos ombros de gigantes".

O físico britânico, um dos nomes da ciência mais prestigiados e o cientista da actualidade mais conhecido em todo o mundo, trouxe um novo olhar sobre os buracos negros, nunca deixando de se indagar sobre a origem do Universo."

In: jornal Público.

Corpos Sociais - 2015/2019

ASSEMBLEIA GERAL

<i>Presidente</i>	Sócio n.º 46	Sérgio Juraci Serra Marinho
<i>1.º Secretário</i>	Sócio n.º 158	Manuel de Jesus Chaves Gonçalves
<i>2.º Secretário</i>	Sócio n.º 383	José Albino Soares Fernandes Castro

CONSELHO FISCAL

<i>Presidente</i>	Sócio n.º 154	Rui Manuel Pimenta Salgueiro
<i>1.º Vogal</i>	Sócio n.º 165	Maria das Dores Mesq. Alves Franco
<i>2.º Vogal</i>	Sócio n.º 168	Joaquim Costa Freitas Cunha

DIREÇÃO

<i>Presidente</i>	Sócio n.º 94	Fernando Simão Brito Meira
<i>Vice-Presidente</i>	Sócio n.º 338	José Manuel Barbosa Novo
<i>Tesoureiro</i>	Sócio n.º 291	Luís Ramiro Gigante Pinheiro
<i>1.º Secretário</i>	Sócio n.º 334	Cristina Maria Rua da Costa
<i>2.º Secretário</i>	Sócio n.º 144	Carlos Alberto Guia Coutinho
<i>1.º Vogal</i>	Sócio n.º 248	José Ventura Gonçalves Araújo
<i>2.º Vogal</i>	Sócio n.º 118	Victor Fernandes Alves

Sócios falecidos em 2017



José Silva Ramos

n. 21/10/1929
f. 22/02/2017



Mário Caldeira Pedra

n. 27/07/1940
f. 27/03/2017



José Silva Marques

n. 13/10/1949
f. 30/12/2017

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA DE 2017

KAZUO ISHIGURO

Nascido a 8/11/1954, no Japão, mudou-se aos cinco anos para o Reino Unido.

Os seus "romances de grande força emocional, que revelam o abismo da nossa ilusória sensação de conforto em relação ao mundo", são editados em Portugal pela Gradiva.

"O Gigante enterrado", uma verdadeira obra prima, é o seu recente romance editado.



farmácia nelsina
viana do castelo

A SUA FARMÁCIA NO CORAÇÃO DA CIDADE

*A nossa equipa espera por si
a bem da Sua Saúde*

Praça da República
Viana do Castelo



**FARMÁCIA
AREOSA**

VIANA DO CASTELO

A SUA **NOVA** FARMÁCIA ÀS PORTAS DA CIDADE

*A nossa equipa também espera
por si a bem da Sua Saúde*

Av. da Povoença, 694
AREOSA - Viana do Castelo
(Junto ao Minipreço)

PROTOCOLOS



Associação dos Antigos Alunos
da Escola Técnica de Viana do Castelo

ÓPTICA © CRUZ
DESDE 1962

Os presentes anunciantes mantêm com a A.A.E.T.E.C., um protocolo, com a obtenção de desconto nos bens a adquirir. Queiram consultar junto aos anunciantes o desconto de que beneficiam. Estes benefícios só são obtidos com a apresentação do cartão de associado com a cota anual em dia.



viG
prevenção de riscos profissionais, lda.



■ O melhor presente - “As belezas naturais de Viana”

Acordei.

Ouvi a campainha a tocar e tive que me levantar para ir ver se era algo importante. Os dias anteriores tinham sido tão cansativos para mim que só me apetecia ignorar o toque e ficar apenas na cama dormir mais um pouco. Mas a impertinente campainha voltou a repetir o irritante trimmmmm mais umas duas vezes e então, compreendi que não tinha outra solução senão saltar da cama. Levantei-me, finalmente, com cara feia que retratava o meu mau-humor e fui ver o que seria, ou melhor, quem seria. Desci as escadas lentamente, porque a sonolência ainda era muita e, convenhamos, não era nada aliciente deixar o quentinho dos meus lençóis e correr pelas escadas em direcção à porta onde, por certo, me esperava um ar mais agreste. Enquanto me dirigia para a porta e para justificar os meus vagares, pensava “quem esperou uns minutos não se deve importar de espera mais alguns”.

Abri a porta e, para minha surpresa, não vi ninguém. “Devia estar a sonhar quando ouvi os toques da campainha.” – foi o meu primeiro pensamento, ante uma rua deserta. Mas, já mais lúcida, mudei de opinião: “Não, não pode ter sido um sonho. Os toques repetiram-se e o último soou quando já estava acordada. Deixa-me olhar melhor, pois pode ser alguém que queira brincar comigo”. Entretanto, olhei em volta e reparei que estava apenas uma caixa pousada no chão do passeio. Peguei nela e dei alguns passos mais à frente, para que não me restasse qualquer dúvida de que ninguém se ocultava numa outra porta ou por detrás da árvore cuja ramaria, de verão, descaí sobre a varanda do meu quarto. Nada. Absolutamente nada. A rua permanecia completamente vazia. Como não estava a fazer nada ali parada, entrei novamente em casa, segurando a caixa com as duas mãos.

Continuava tão cansada que nem me dei ao trabalho de subir as escadas. Decidida a permanecer pela rés-do-chão, deixei-me escorregar pelo sofá. Deveriam já ter passado alguns minutos quando coloquei a caixa na mesa à minha frente. Este gesto levou-me a alcançar o comando da televisão, que liguei e, distraidamente, fui vendo as imagens que um qualquer canal (decerto o último do dia anterior) emitia. Não sou muito curiosa por natureza; porém, aquela simples caixa de cartão intrigava-me e, com toda a moleza que naquele dia teimava em não me abandonar, sem me mexer, olhava para o paralelepípedo imóvel sobre a mesa e questionava-se sobre o que continha. Seria um presente? Seria apenas uma partida de algum dos meus amigos? Seria algo perigoso? Venci toda aquela inércia que me dominava, parei de atropelar pergunta sobre pergunta e simplesmente abri a tampa.

Podia estar a contar com tudo, menos com o que vi. Nunca a minha imaginação, por mais fértil que fosse, me permitiria adivinhar. Há coisas que só acontecem na ficção, para motivar os leitores ou espectadores de um filme, mas nunca na realidade. Só que, desta vez, era real. Fiquei a olhar para aquilo ainda durante algum tempo e a perguntar-me o que significaria, afinal, aquele monte de cartas e aquele mapa rabiscado com números e alguns ícones. E uma nova torrente de perguntas me inundou: de quem era aquilo? Para que mo teria enviado? Que serventia teria? Seria engano?

Não valia a pena estar a lançar pergunta sobre pergunta para o ar (sim, porque estava a falar em voz alta, tal era o meu espanto, mesmo encontrando-me sozinha). Por isso, pensei logo em abrir a primeira carta. Devo acrescentar, desde já, que cada uma tinha um número, o que me deixou imediatamente com a noção de que deveria seguir a ordem, ou, pelo menos, seria essa a intenção da pessoa quando as numerou. Procurei então melhor, no meio de várias outras, até encontrar a carta que tinha o número um. Abri-a com calma, li-a mais do que uma vez, para assimilar aquele conteúdo algo estranho: “Se estás a ler isto, é porque foste uma das escolhidas. Agora pega no mapa e no resto das cartas e encontra-me! Nelas terás todas as indicações e, se não falhares do desafio, vais ser recompensada”. Isto foi sem dúvida a coisa mais estranha que alguma vez recebera, mas, como

estava bastante curiosa por descobrir quem teve a ideia de depositar ou mandar depositar aquela caixa à minha porta e até onde as indicações contidas nas cartas me iriam levar, repus, não sei por que artes, todas as minhas forças, subi as escadas a correr, vesti-me, peguei na mochila, descí, as escadas de novo, guardei lá as cartas, peguei no mapa e direcionei-me para a porta da rua.

Ainda no interior da minha casa, abri o mapa e constatei que era o mapa da minha cidade, Viana do Castelo, onde vários pontos haviam sido marcados. Depois daquele surto inusitado de energia, a minha lassidão habitual voltou a falar mais alto, mal me consciencializei do percurso que teria de realizar e, como sempre, nos momentos em que queremos realizar algo com o mínimo esforço, a vozinha preguiçosa que tantas vezes soa dentro de mim fez-se ouvir: “ainda tens tanto para percorrer! Sinceramente, podias ir já para o final, para o último ponto assinalado.”. Todavia, também a “rival” desta voz parecia que tinha despertado com as palavras da sua incorrigível adversária, para reclamar comigo e fazer-me ver que num jogo, seja ele qual for, só se saboreia a vitória se todas as regras forem cumpridas. Então, do alto de toda a sua autoridade que lhe era dada pela certeza de me guiar sempre por bons caminhos, fez

ouvir a sua opinião: “Não ia ter piada nenhuma se não cumprisses todas as etapas”. E, mais ríspida ainda, exclamou, num tom de repreensão: “Não queiras ser batoteiral!”.

A voz da consciência exerceu sobre mim, como sempre, o seu poder; nunca, quando esta falava, a sua rival tinha levado a melhor. Por isso, saí, fechei a porta e preparei-me para a minha aventura.

O primeiro ponto sinalizava a Praia Norte. Coloquei os fones e fui andando e apreciando a paisagem e as pessoas com quem me cruzava. Os seus rostos transmitiam a tranquilidade que lhes ia na alma por, tal como eu, poderem desfrutar de uma paisagem tão acolhedora: a avenida do Mar, emoldurando o oceano, naquele dia calmo; mais adiante, o areal e, logo a seguir, o mar, esse mar por onde tantos vianenses partiram à descoberta de novas terras ou na tentativa esperançada de uma vida melhor. Para melhor o observar, descalcei-me e, mal cheguei à areia, comecei a caminhar. Recordei-me, entretanto, do motivo que me levava até ali, decidindo que tinha chegado o momento de desvendar um pouco mais daquele mistério. Abri, então, a segunda carta, onde devia estar alguma indicação porque, logicamente, pensava eu, se na primeira me era pedido que fosse até àquele lugar, certamente que a segunda deveria conter a indicação seguinte. Não me enganei. Na carta, estava escrito que teria de procurar no meio das rochas uma garrafa de vidro e nela encontraria uma mensagem. “Que mensagem? Quem a teria escrito? Que teria de fazer?”. Novamente um rol interminável de perguntas foram sendo formuladas à medida que ia andando até perto do rochedo indicado. Sem hesitar, aventurei-me por entre aglomerados de rochas, cada qual com o seu feitio e dimensão. Algumas, com minerais de rara beleza, formavam formas antropomórficas; outras, animais; outras ainda cativavam pelo matizado de cores que ostentavam. Ficaria ali muito mais tempo a observá-las entre o marulhar das ondas ao longe, pois a maré estava baixa, se a curiosidade, nesse dia mais exacerbada do que o habitual, não me lembrasse que era tempo de procurar a garrafa. Meti mãos à tarefa e, no local previsto, lá a encontrei, um pouco escondida, é certo, mas suficientemente visível para eu ter a certeza de que era aquela. Segurei-a com força, para não me escorregar das mãos e verifiquei que no rótulo tinha um aviso para não a abrir até chegar ao final daquele jogo. Por isso, guardei-a na mochila. Estava mesmo determinada a não fazer batota e a cumprir escrupulosamente todas as regras, ainda sugestionada pela advertência do meu “anjinho bom”.

Regressei ao areal, transpui o muro que o separa do passeio e sentei-me num banco. Rendida à paisagem que ante mim se espalhava, por momentos fiquei a apreciar a beleza da praia e como era tão relaxante estar ali. Olhar horizonte e



imaginar o que estará para além dele, ouvir as ondas a bater fortemente nas rochas e aquele cheiro maravilhoso inebriavam-me, mas tinha mesmo que me calçar e prosseguir, porque se o não fizesse, poderia chegar a noite e não ia correr o risco de perder o “desafio”. (Não sei se já referi, mas, na primeira carta, estava escrito, em letras garrafais, que só tinha aquele dia para cumprir todos os desafios que me iam sendo propostos.)

Coloquei de novo os sapatos nos pés e peguei no mapa, observando-o atentamente. Só naquele momento é que reparei que os números eram ímpares e não existia sequer um número par. Por isso, apenas tinha mais quatro lugares para visitar, até terminar o desafio: o terceiro, quinto, sétimo e nono. “Então”, pensei eu, “para quê tantas cartas?” Por certo que deviam ser só para enganar. E, em voz alta, disse: “Quem engendrou isto foi bastante esperto, tenho que admitir.”. Reparei que as pessoas que se cruzavam comigo se riam, mas, muito provavelmente, pensariam que eu estava a falar sozinha por causa da música que ia a ouvir. “Antes assim; pelo menos, não me consideraram tolinha.” — consolei-me e segui o caminho até ao segundo lugar marcado no mapa, com o número três. Neste caso, deveria dirigir-me para perto do chafariz. “Espero sinceramente que não tenha que me colocar dentro dele, porque gosto de aventuras, mas não de fazer figuras tristes à frente das pessoas.” — pensei para com os meus botões.

Comecei a deslocar-me e, à medida que caminhava, ia observando alguns pormenores de cada prédio, de cada monumento, de cada praça ou jardim. Apreciei, com uma atenção desusada, o santuário de Nossa Senhora d’Agonia, com a singela capelinha de São Roque tão próxima; a seguir, foi o jardim D. Fernando, coberto de arvoredos frondosos. Saltitei por entre as pedrinhas que intercetam a relva, tal como fazia na minha infância, contornei o parque dos baloiços e olhei para o lago, sentindo a falta dos patos que o povoavam. Para onde teriam ido? Em seguida, compreendi, pela primeira vez, a imponência do convento e igreja de São Domingos e circundei a estátua de São Frei Bartolomeu dos Mártires, cujos pequenos painéis retratando momentos da vida do santo são, quanto a mim, obras-primas do escultor Manuel Rocha. Percorri, logo depois, toda a rua Manuel Espregueira, mas, confesso, a grandiosidade dos monumentos anteriores não me permitiu olhar com atenção para as miríades de montras que ladeiam a rua. Entrei enfim, na praça da República com a sensação de que, pela primeira vez, estava a ver Viana com um olhar diferente, como se fosse algo novo para mim! Como se nunca tivesse visto tal beleza presente na minha cidade.

Tinha chegado ao ponto número três e, voltada para o chafariz, peguei na carta seguinte, a rezar para que não tivesse que me colocar dentro do chafariz. Pouca sorte! Pelos vistos, as minhas rezas não valeram de muito, porque quanto mais me aproximava dele, mais nitidamente via uma garrafa dentro do tanque a flutuar, tal e qual como a que estava nas rochas. Guardei a carta na mochila, sem ter lido o final da mensagem, porque naquele momento não precisava de mais instruções. Para mim, era óbvio o que se seguiria: teria de agarrar a garrafa. Tentei esticar-me até ficar em pontas de pés, mas não conseguia chegar lá; estiquei-me um pouco mais, ficando apenas presa pela cintura ao rebordo do tanque, o que nem assim foi suficiente para alcançar a garrafa. Por momentos, tive a sensação de que ela se afastava cada vez mais em direção ao centro do obelisco do chafariz, como querendo brincar comigo e forçar-me a entrar na água. Mas, se ela era brincalhona e estava a testar até aonde eu iria, ficaria a saber que tinha concorrente à altura. Por isso, depois de observar que, nos cafés, ninguém dava atenção às minhas manobras para “pescar” uma simples garrafa, descalcei-me, desembaracei-me da saia e do top e, apenas em biquíni, mergulhei nas águas do chafariz, agarrei a garrafa e saí o mais rápido possível. Estava, porém, completamente enganada quando pensei que ninguém reparava no que eu estava a fazer, visto que, mal saltei do tanque, fui fotografada por vários turistas e, nas esplanadas dos cafés e casas de comércio circundantes, as pessoas, estupefactas, olhavam para mim, sem compreender o que me levava a entrar e sair daquele tanque. Depois deste episódio com o seu quê de caricato, só me apetecia desistir, mas só faltava meio caminho para chegar ao meu prémio, e desistir é para fracos, certo?

Como estava mesmo decidida a ir até ao fim, retirei novamente o mapa da mochila e vi onde ficava o terceiro ponto. Estava marcado à beira do hospital e

aí tinha sido desenhado o ícone de um gelado à beira do número, trazendo-me à mente este pensamento: “sinceramente, faço votos de que algo doce me espere quando chegar lá”.

Ainda na praça da República, mas agora já seca e vestida (encontra-se sempre alguém bom que nos aparece nos momentos mais aflitivos e, desta vez, a proprietária de uma das lojas da praça emprestou-me uma toalha e ofereceu-me um conjunto de roupa interior, para substituir o meu biquíni molhado, que guardei num saco dentro da mochila), inverti o sentido da minha caminhada e regressei à avenida dos Combatentes, no cimo da qual se encontra a estação de caminhos de ferro, servindo de pano de fundo à estátua do “Manel e da Maria”. Atravessei rapidamente a estação, subi no elevador, corri pelo corredor metálico e eis-me a subir em direção ao ponto marcado no mapa. Quase sem fôlego, retirei de dentro da mochila mais uma carta. Indicava-me que fosse até à cabine de gelados próxima do hospital e aí entregasse a carta ao funcionário, e eu assim o fiz. Fiquei intrigada, porque o funcionário parecia já saber do que se tratava e entregou-me uma garrafa idêntica às anteriores e um gelado. Admito que só esta recompensa já tinha feito valer a pena ter continuado.

Repeti o gesto de guardar a garrafa na mochila à beira das outras, retirei o invólucro do gelado e comecei a saboreá-lo num momento de pausa. Já tinha calcorreado tanto caminho que os primeiros sinais de dor nas pernas se fizeram notar, mas, cheia de força de vontade, andei mais para a frente.

Entretanto, como já tinha visto que o ponto seguinte ficava na escadaria de Santa Luzia, nem me dei ao trabalho de ver no mapa, e simplesmente continuei a minha caminhada que já estava a chegar ao fim. Mal cheguei à escadaria, fui buscar uma das últimas cartas, dando-me a indicação de que na décima quarta escada iria encontrar a última garrafa antes de me ser desvendado o prémio final; todavia, para chegar até ele, tinha que subir até ao topo do escadório. Esta indicação deixou-me abatida. Tinha ainda tanto que andar!

Tanta escada para subir! Catorze degraus não eram muitos. Mas todo o escadório!! Não ia conseguir levar a bom porto o meu “frágil barquinho”.

Por momentos pensei em ligar à minha mãe para que me viesse buscar e levar-me para casa. “Cala-te, vizinha preguiçosa! Não me desanimes!” — ralhei com aqueles maus pensamentos que me faziam desistir. “Só quero escutar a tua rival. Essa, sim, vai-me dar forças”. E, de facto, assim foi. Animada pelas palavras desta segunda voz — “Vais conseguir! Não desistas! Está quase! É só mais um esforço! Não queres o prémio? Então, sê determinada.” —, subi as catorze escadas, agarrei na garrafa e continuei a subir as restantes. Quando olhava para cima, via as árvores a cobrir o céu e os pássaros cantavam, fazendo música melodiosa entre si, que, inconscientemente, ofereciam a quem percorria aquela encosta, suavizando a dificuldade da caminhada. Por fim, depois de uma longa subida, cheguei ao topo. “Santa Luzia!” — exclamei. “Ah, como é linda a paisagem que meus olhos abarcam! Terra, mar, horizonte, Viana e arredores! Deus meu, que beleza ímpar vós criastes neste pedaço de mundo! Como este lugar é maravilhoso!”.

Fiquei ali, abstraída de tudo quando me rodeava, apenas a admirar a panorâmica que me era oferecida, sem pensar no cansaço da subida. Dali, do meu ponto de observação, conseguia ver todos os locais por onde passei. Consegui! Sentia-me vencedora.

Tinha chegado o momento de ler as mensagens guardadas nas garrafas. Então, abri a mochila, peguei nas garrafas uma a uma e retirei dos seus interiores os bilhetes. Cada um tinha uma palavra que, no seu conjunto, formavam a frase: “Somos Todos de Viana”.

Sim, somos todos de Viana, desta cidade esculpida por mão de artista entre o mar e a montanha, desta cidade que se oferecia a meus pés e que, a partir daquele momento, comecei a valorizar ainda mais. Era esse o prémio que me for a oferecido: saber olhar, saber amar, saber compreender, saber valorizar a minha cidade. Conquistei-o. Era e é meu e ninguém mo poderá tirar.

Bruna Gonçalves, 10º L
JOGOS FLORAIS 2017

“As belezas naturais de Viana” - CONTO - 1º PRÉMIO

Tinha chegado ao ponto número três e, voltada para o chafariz, peguei na carta seguinte, a rezar para que não tivesse que me colocar dentro do chafariz. Pouca sorte! Pelos vistos, as minhas rezas não valeram de muito

União de Freguesias de Viana do Castelo

(Santa Maria Maior, Monserrate e Meadela)

Saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica
e a população em geral.



Sede: Santa Maria Maior
Rua Conde de Aurora, 689
4900-443 Viana do Castelo

Tel.: 258 824 185
Fax: 258 824 159
Email: vc.stamariamaior@mail.telepac.pt
Site: www.jf-stamariamaior.com



Pólo: Monserrate
Rua dos Poveiros, 37
4900-351 Viana do Castelo

Tel.: 258 826 534
Fax: 258 811 481
Email: jfmonserrate@mail.telepac.pt



Pólo: Meadela
Praça Diogo Vaz Alemão, 11
4900-204 Viana do Castelo

Tel.: 258 841 284
Fax: 258 843 815
Email: jfmeadela@mail.telepac.pt

■ Ensaio sobre “As belezas naturais de Viana”

Viana do Castelo, paisagisticamente, é uma das cidades mais bonitas de Portugal. Situa-se a norte de Portugal, tendo sido dotada de paisagens naturais deslumbrantes e de monumentos históricos cuja visita se torna obrigatória. Agora, a cidade só foi elevada a esta categoria em 20 de janeiro de 1848. Igualmente o seu topónimo foi sofrendo alterações: a atual Viana do Castelo chamava-se simplesmente “Viana” (também referida como “Viana da Foz do Lima” e “Viana do Minho”, para diferenciá-la de Viana do Alentejo). É também sede de bispado, visto que, em 1977, for a elevada a sede de diocese católica.

Se atentarmos na sua paisagem natural, verificamos que esta região é bastante montanhosa, com muitas vertentes que permitem a existência e o desenvolvimento de espécies selvagens.

As montanhas, por vezes, são de grande altitude ou declive, revelando uma grande vegetação, fauna (animais) e flora (plantas e árvores). De entre os variadíssimos tipos de vegetação que podemos encontrar nesta região, mais concretamente no Monte de Santa Luzia, são de salientar, além dos campos de cultivo com as suas habitações antigas que outrora por lá existiram, as árvores de grande dimensão (pinheiros, carvalhos, sobreiros, ...), os arbustos; variadas flores (camélias, tulipas, margaridas, ...), entre outros.

As características naturais da região montanhosa tornam-na propícia à prática de desportos radicais ou de passeios matinais pela ecovia por detrás do Santuário. Em qualquer época

do ano, mas com destaque para os meses mais quentes e, sobretudo, nas festas dedicadas a Nossa Senhora D'Agonia, seja – se habitual verem-se turistas,romeiros e até vianenses a subir o Escadório de Santa Luzia, apenas como hábito salutar ou, como manifestação de fé, em Procissão com o Pároco de determinada Paróquia de Viana do Castelo.

Embora não sendo consideradas belezas naturais, a cidade ofereça a quem a visita um vasto e variado conjunto de monumentos históricos muito apreciados, abarcando as várias épocas ou períodos da história da arte – desde a pré-história (Citânia de Santa Luzia) até à atualidade (Igreja da Sagrada Família). Um dos monumentos mais conhecidos na nossa cidade é a Basílica de Santa Luzia. Este Santuário – Basílica localiza-se no alto monte de Santa Luzia, é de estilo eclético, misturando elementos dos estilos neo-romântico, neo-gótico e bizantino e foi construído em 1904 – 1959, por Miguel Ventura Terra. Ascende-se ao templo, quer pelo escadório, aberto entre a vegetação que cobre o espaço envolvente ou pelo Elevador de Santa Luzia, que permite igualmente ao visitante usufruir de uma luxuriante paisagem natural, à medida que sobe ou desce o monte. Em segundo lugar, existe a Citânia de Santa Luzia – povoado castrejo do período da Idade do Ferro, posteriormente romanizado. Esta regista claramente vestígios de ocupação romana com algumas habitações de planta retangular e arruamentos perpendiculares. Esta região montanhosa constitui também o habitat de animais selvagens como, por exemplo, cavalos selvagens, veados, entre outros.

Não destoando do que acontece em toda a região vianense, também no alto do Monte de Santa Luzia estamos perante uma zona ventosa, cuja energia do vento é aproveitada. A propósito do aproveitamento da energia eólica, têm sido emitidas opiniões dissonantes. Por um lado, há quem advogue, e com razão, que a produção de energia eólica é uma mais-valia para a região, na medida em que traz benefícios económicos e ecológicos para a região: é inesgotável; não tem gases poluentes; diminui a emissão de gases de efeito de estufa; contribui para a criação de emprego e investimento em zonas desfavorecidas. Por outro, defende-se que este tipo de aproveitamento energético eólico apresenta também desvantagens e impactos significativos, principalmente

pelo uso de grandes aerogeradores, que interferem nas migrações das aves, causando a morte a muitas e podem entrar em choque com a paisagem envolvente.

Além da montanha, Viana do Castelo foi dotada de outra grande beleza natural: o mar. A nossa cidade foi, de facto, um espaço que lhe colocaram aos “pés” o Oceano Atlântico, fronteiro ao Monte de Santa Luzia e no regaço, o Rio Lima. E os habitantes da cidade sempre souberam tirar partido desta dádiva da natureza, ligando-a desde tempos ancestrais à pesca, à construção naval, ao comércio com o Norte da Europa e com o Brasil. Recentemente, a envolvente aquática tem sido explorada noutra vertente: a dos desportos náuticos. Perante

o dinamismo que se imprimiu à região marítima, pode-se afirmar que Viana do Castelo tem aproveitado e explorado não só a importância do seu porto mar mas também a das atividades ligadas à prática desportiva aquática. Em consequência, está a ser criado um projeto de centro de mar que é hoje uma referência a nível nacional, na democratização de desportos náuticos nas escolas. Também ligado ao mar, agora na área da construção naval, existe na nossa cidade um navio denominado “Gil Eanes”. Atualmente, o navio está recuperado quase na totalidade, prestando serviço à cultura costeira e à memória dos pescadores, tendo sido trazido para a cidade, com o auxílio de donativos de entidades e de particulares e, após a sua recuperação, foi transformado num museu que,

segundo os dados estatísticos é um dos museus mais visitados do país, especialmente por estrangeiros. Ainda sobre a importância da área marítima, é importante relevar que Viana do Castelo está ligada a empresas de turismo náutico que desenvolvem empreendimentos turísticos associados ao mar e promovem a adesão e a realização de grandes provas internacionais. Para além destas atividades, e não de menor importância, surgem a construção e a reparação naval e a pesca como atividades relevantes na nossa economia local.

Por outro lado, o litoral vianense apresenta excecional qualidade do património cultural, natural e paisagístico. A importância das zonas costeiras tem levado a grandes investimentos na requalificação das praias e da respetiva flora e a organizar campanhas de educação que visam estimular a conservação, valorização e defesa do litoral vianense. Refira-se a este respeito que, neste ano de 2017, Viana do Castelo está a investir na requalificação da Praia Norte e Parque do mesmo.

A riqueza da costa vianense engloba ainda várias espécies piscícolas como, por exemplo, peixes (salmão, lampreia, sardinha, ...), golfinhos, entre outros. Não é por acaso que Viana do Castelo é uma das grandes produtoras de pesca a nível nacional, atividade que é muito importante para o comércio e, consequentemente, para o desenvolvimento económico.

Em conclusão, a zona montanhosa que envolve a nossa lindíssima cidade é importante a nível ambiental, paisagístico, económico e cultural, pois revela uma beleza paisagística; a existência de seres vivos na Natureza; a vegetação; a fauna e a flora. O mesmo se pode salientar da zona marítima, na qual têm lugar as atividades dedicadas ao mar (pesca) e os desportos náuticos.

A minha/nossa Viana do Castelo é, sem dúvida, uma bela cidade que atrai muitos turistas nacionais e estrangeiros que, principalmente, gostam do nosso clima e da nossa gastronomia tradicional.

Beatriz Rocha, 10º L
JOGOS FLORAIS 2017

“As belezas naturais de Viana” – ENSAIO – 1º PRÉMIO



A BELEZA NATURAL DE VIANA

Era o Grande Artista. O Criador.

Andava percorrendo o mundo, infatigável na azáfama de tudo fazer nascer.

Vinha lá dos lados donde surgia o sol e for a fazendo aparecer por todo o lado os contornos e o colorido com que pretendia dotar a sua Obra.

Até que chegou ali, àquele sítio e parou.

Sentiu o desejo da criação, o ímpeto das coisas novas e lançou-se à tarefa.

Juntou pedras, terra e areia e modelou um monte.

Ali, pensava, ficava bem um monte. Não muito alto, que as alturas eram para as estrelas, mas suficientemente belo. E o monte apareceu.

O Artista mirou-o e, no seu íntimo criativo, decidiu que nas faldas do monte ficaria bem um rio.

E, tal como o pensou, assim o fez.

E água límpida, suavemente calma no seu azul, começou a deslizar desde a nascente em direcção ao mar, que Ele já criara em todo aquele mundo.

Tinha perante si duas das cores da sua paleta: o castanho, no monte, e o azul, no rio.

Querendo diversificar o seu colorido, puxou do verde e fez brotar árvores e ervas, com que engalanou as encostas do monte e as planícies que lhe beijavam os pés.

Dava à natureza o sentimento da esperança e o conceito da vitalidade.

Depois, determinou-se a pintar a grande tela de outras várias cores: o amarelo, o vermelho, o rosa, o laranja. E fez as flores.

Então, sentou-se e descansou o olhar sobre o que ali criara.

Sentindo-se feliz pela beleza com que dotara aquele cantinho do imenso mundo, ergueu-se e partiu para outros lugares, para outras criações.

Muito tempo depois, pensou que aquele mundo, a que decidira

chamar terra, precisava de alguém que o auxiliasse a dar vivência à sua Obra.

Então, com o pó da terra, modelou o Homem a quem deu o fôlego da vida.

Foi-o colocando nos vários pontos que, antes, havia construído, até que, por alturas do Mesolítico, voltou àquele monte, àquele rio e àquele natureza, de que bem se recordava.

Ofereceu-lhe, então, o Homem, que ali ficaria para sempre.

E ele, o Homem, começou a cuidar da Obra do Mestre Criador, respeitando-lhe as intenções e valorizando-a à sua maneira.

No decurso dos anos, dos muitos anos transcorridos, aquele local manteve a beleza original, no que aos seus elementos básicos respeitava.

Claro que o Homem foi evoluindo e, por sua vez, foi laborando a natureza segundo os seus gostos e necessidades.

Assim, construiu habitações, lavrou os campos e pescou no rio.

Era o recurso à imaginação, para poder subsistir e, desta forma, prosseguir o zelo da oferta que lhe fora confiada.

Milhares de gerações depois, a beleza natural continua pujante e os homens de agora procuram mimá-la com os seus cuidados extremos.

Cerca de dez mil anos depois da chegada do primeiro Homem, constata-se que o monte e o rio hoje têm nomes, bem como as planícies, os outeiros, as veigas, os ribeiros e as praias.

Ao monte chama-lhe de Santa Luzia, ao rio chama-lhe Lima e as planícies, os outeiros, as veigas, os ribeiros e as praias receberam nomes bem diversos, mas todos eles procurando cantar o hino sublime que tanta beleza reclama.

A beleza de Viana.



José Gonçalves da Costa
JOGOS FLORAIS 2017
CONTO

A bofetada do defunto

No centro da igreja encontra-se um morto deitado no caixão, que se encontra destapado.

Tem uma luz à cabeceira, água benta aos pés.

Está muito sério, devidamente deitado de costas, com os braços estendidos junto ao corpo. Não tem expressões faciais, falta-lhe a cólera ou o riso, únicos sinais simpáticos de um semblante.

Tem uma boa farda de pano azul, guarnecida a ouro, o chapéu emplumado na mão direita e uma rica espada do lado esquerdo.

Era um velho general, muito respeitado nesta aldeia serrana.

Tudo isto não chegava para infundir terrores no Coruja, o coveiro da paróquia.

Trancou cuidadosamente a porta da igreja por dentro; preparou com duas mantas a cama no confessionário, e, de primeira assentada, bebeu uma garrafa de vinho. Depois, foi junto do caixão remirar o cadáver com os seus olhos vesgos de um cómico arrogante.

“Ena, meu fidalgo. Um rico fardamento! Sim senhor, vale bons carcanhóis. Só o Coruja anda com frio” — conclui melancolicamente.

E continuou depois. “E esta catana é coisa muito asseada. Fizeram bem em me mandar guardar estas coisas. Anda por aí muito ladrão. Mas, deixa, que hoje não te roubam meu fidalgo!”.

E, pegando no chapéu do morto, considerou: “O que te invejo é este chapéu. O Coruja com ele fazia um figurão”.

Pô-lo na cabeça.

“Não sei o porquê. Assim de noite, fazes mais vista, meu fidalgo. Quando eu te vesti o fardamento não me pareceu coisa tão rica. Bem fizeram em te mandar guardar.”

Em seguida, colocou o chapéu no seu lugar próprio e tirou do bolso uma corda que atou à mão esquerda do defunto.

Ao mesmo tempo ia dizendo: “Isto é para não engaraparem o Coruja. Se te bulirem na catana, o Coruja acorda de pronto”.

Depois foi-se deitar, tendo retesado a corda, que de um lado estava presa à mão esquerda do cadáver e, do outro, à direita do Coruja.

E dizia: “Não somos nada nesta vida, meu fidalgo. Hoje por vós, amanhã por nós. É a ordem. O que tu levas para a cova é um rico fardamento... Mas isso pertence aos bichos”.

E adormeceu com bom sono, tranquilo, sentindo-se em toda a largura da igreja o seu respirar forte e cadenciado.

Mas o despertar deste primeiro sono foi provocado. Sentiu-se um estrondo. O Coruja espreitou pelas friestas do confessionário e principiou a observar os passos lentos de um noctívago e bêbado, que descia vagarosamente pelo corpo da igreja.

Tinha passo vacilante, caminhava cauteloso, faltava-lhe a firmeza de quem conhece o terreno que pisa. Parecia ter medo dos santos, pois ia procurando a linha sinuosa da escuridão.

Era o Chumba, o pobre coitado que padecia do fígado. Trazia sobre si todo o peso dos sustos que vergam o imbecil dentro de uma igreja de noite.

O companheiro, o da anoilose no cotovelo direito, ficou de vigia à porta da sacristia para não serem surpreendidos.

Tinham estudado o plano, cuja realização lhes daria muita riqueza.

O ladrão caminhava fazendo repetidas paragens reflexivas.

O Coruja media serenamente aquela massa indistinta com a sua perspicácia vesga. Afirmava-se, circundava-o detidamente com a vista para o reconhecer.

“Que diabo! Quem será?” E empregando mais atenção, examinava-o.

Descobria-lhe novos contornos, a modo que o vulto se avizinhava, afirmava-lhe os limites com mais segurança. Achava-o indeciso no passo.

“Será algum morto?” — pergunta a si mesmo, puxando surdamente um arroto vinheiro. E respondeu sossegando-se: “Nada, se fosse morto, eu conhecia-o”.

O Chumba parou um momento. Olhou para os altares e viu a lividez dos santos. Isto causou-lhe um tremor prolongado, uma ponta de frio atravessou-o. Arrepiava-o a proximidade de carne morta.

Este homem, afoito e atrevido, tinha receios pueris junto a um cadáver.

Sentia-se vacilante. Passando a mão pela testa encontrou a mão molhada de um suor frio.

Chegou junto ao caixão. Olhou pasmadamente o morto.

Procura modo de roubar a espada sem tocar na mão fria. Para isso tirou do bolso uma navalha que abriu. Era para cortar o cinto de verniz que a prendia ao corpo.

“Olha quem ele é” — diz admiradamente o coveiro. “Deixa estar, meu Chumba, que eu trato de ti”.

O ladrão vinha alucinado. Chegou assim perto do defunto, não estava em si. O coração batia-lhe apressadamente. Mas quando ia com a navalha para cortar o cinto, o Coruja retesou a corda e a mão do General deu, com força, na cara do Chumba, que estava curvado sob o caixão.

Ao mesmo tempo ouviu-se a voz do coveiro em tom tenebroso: “Ah, ladrão, que te mato!”

O infeliz sentiu-se como agarrado entre os braços do cadáver. Viu sobre si todo o poder do Inferno. Tentou fugir pela porta da igreja, que estava fechada. Bateu com a cabeça na tranca de ferro. Caiu e daí a momentos era apenas um cadáver numa posição grotesca.

O ladrão vinha alucinado. Chegou assim perto do defunto, não estava em si. O coração batia-lhe apressadamente. Mas quando ia com a navalha para cortar o cinto, o Coruja retesou a corda e a mão do General deu, com força, na cara do Chumba, que estava curvado sob o caixão.

João Couto Ramalhosa
JOGOS FLORAIS 2017
CONTO



ARTMATRIZ
ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

- Horários de segunda a sexta
- Turmas pós-laborais
- Turmas Júniores e Seniores

ANDA PINTAR CONNOSCO



ESCOLA DE
PINTURA



Ilustração
Fotografia
Visitas Culturais
Workshops
Exposições



AS NOSSAS ACTIVIDADES:

IMAGINART
OFICINA DE IMAGEM DA ASS. ARTMATRIZ
Atividades na área da fotografia e imagem.

MOSTRART
Exposição anual multidisciplinar.

SABOREARTE
Círculo de Exposições

spook
your book stop
Permuta de livros

Páginas no Facebook:

- ArtMatriz - Espaço de Pintura
- ArtMatriz Magazine
- Viana da Foz do Lima

AS NOSSAS CAUSAS SOLIDÁRIAS



Recolha de
Óleo Alimentar Usado



Estendal Solidário

**JUNTA-TE
A NÓS**



962 982 908



www.artmatriz.pt
josemarques@artmatriz.pt

Sede:

Rua da Bandeira, 139, 1ª - Sala 8
Viana do Castelo

OS NOSSOS PARCEIROS:



Design Gráfico
Impressão Offset
e Acabamento

OFILITO
Oficina Litográfica, Lda

Av. Maria Auxiliadora, nº 248 | 4900-816 Viana do Castelo Tel 258 835 353 geral.ofilito@gmail.com

■ A Importância do Minho – Viana do Castelo, Recanto do Mundo

Segundo Luis Forjaz Trigueiros, a importância do Minho na origem do Estado Português reconheceu-a Oliveira Martins quando na sua “História de Portugal” escreveu: “Nos primeiros três séculos, isto é, na primeira época da História Portuguesa, a independência é um facto originado no merecimento pessoal dos chefes militares, dos barões de aquém-Minho. Nacionalidade propriamente dita, não há, ou pelo menos não no-la revelam os monumentos históricos, unânimes também em revelar uma ambição colectiva ou social que se estende a toda a Galiza. Ao merecimento pessoal reúne-se nos primeiros monarcas portugueses a circunstância de serem os intérpretes deste sentimento”. A revolta filial de Guimarães considera-a o mesmo historiador “o primeiro sintoma duma direcção nova que se ia imprimindo na vida histórica nacional”. A verdade é que, daí para diante, é das margens portuguesas do Rio Minho que descem para o Sul as hostes vitoriosas da conquista e da formação da nacionalidade e a “província portuguesa”, a que já em 841 Afonso II de Espanha, se referia, tornou-se uma Nação cujas fronteiras se mantêm hoje inalteráveis.

Com a ampliação do território, decerto se deslocaria para o Sul o centro político e o extremo norte do país entraria no silêncio duma vida agrária forçosamente restrita. Com a Corte em Lisboa, vai iniciar-se mais tarde o longo esplendor da nossa expansão marítima.

O contributo humano do interamnense (aquele que vive entre rios; relativo à região de Entre Douro e Minho), no período novo que as navegações abriram na História do Mundo não poderia ter melhor início. O Infante D. Henrique nasceu no Porto em 1394 e será ao Entre Douro e Minho que ele irá buscar senão os chefes, o escol, pelo menos o grande material vivo para as jornadas do mar. Foi dos ventres e dos estaleiros litorâneos do Norte que saiu o melhor contingente das armadas portuguesas. Para a batalha de Ceuta, sabe-se que no Minho o recrutamento abrangeu toda a província. As frota do Porto partiam, sucessivamente, na segunda metade do século XV, para o norte de África e os armadores de Viana, Ponte de Lima, e Vila do Conde, impunham condições ao trono nas cortes de 1436. No reinado de D. João II, Álvaro de Caminha lança os fundamentos de S. Tomé e João Afonso de Azevedo traz da Guiné a primeira pimenta. São ambos homens do Norte. Do Minho eram Pedro e Álvaro de Braga, que acompanharam Vasco Gama ao Oriente. E o cronista do descobrimento do Brasil – Pêro Vaz de Caminha – querendo assinalar a benignidade do clima da terra descoberta, não encontra outro ponto de comparação mais expressivo: “muitos bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho”.

De Viana do Castelo era o descobridor da Terra Nova, João Álvares Fagundes.

O génio aventureiro do homem minhoto, encontrou primeiro, nos descobrimentos e, depois, no povoamento do Brasil, na permanência das rotas portuguesas para a Índia, sob a ocupação castelhana, no comércio com a França, Flandres, Inglaterra e Alemanha, numa forma de expressão. E, se no século XVII, já o alemão Link poderia escrever que os camponeses minhotos eram “os melhores do reino”, um cientista, nosso contemporâneo, o Prof. Mendes Correia, afirma: “verificámos ser a província de Entre Douro e Minho, mais rica em homens ilustres, proporcionalmente à população, do que Trás-os-Montes e o Algarve, aproximando-se do centro litoral, das Beiras, e das Ilhas, desde que se não entre em conta com as influências culturais de Lisboa, Porto e Coimbra.

Energias étnicas, assim apuradas no decurso dos séculos, contrariam a tese dum possível paralelismo entre o enfaixe duma terra já de si estreita e, para mais, compartimentada, e as fronteiras do horizonte individual do minhoto. Decerto a densidade da população cria problemas económicos aos quais a policultura e a natureza do solo não dão satisfação positiva. Além disso, a divisão normal da terra em leiras bem aproveitadas, tem nos nossos dias vantagens sociais que se traduzem, por um lado, na permanência dum sentido de propriedade que, por contentar a todos, a ninguém agrava



e, por outro, na criação duma consciência patrimonial que se transmite através de gerações, numa forma bem portuguesa de aristocratism rural ou simplesmente camponês.

Embora émigré, o minhoto não desenraíza e afirma, longe da Pátria, essa consciência telúrica. Não o contenta a paisagem, apertada de mais para o seu sonho. Emigra e em geral dá boa conta dessa emigração, porque no minhoto o sonho não é contemplativismo negativo. Ao emigrar, o minhoto já leva nos olhos a quente alegria do regresso. Por isso, a par do que o tempo, os usos e as necessidades foram inserindo numa paisagem ora idílica ora rude, há no Minho a profunda permanência duma autenticidade. O que varia nessa autenticidade é o seu revestimento exterior. Pode ela caber tanto, humanamente, no olhar húmido do minhoto de torna-viagem, como, picturalmente, na regrada poesia do entardecer em S. João da Ribeira Lima entre Ponte de Lima e a Barca, nos mercados de terça-feira, em Braga ou, ainda, ressoar, musical e distante, numa canção perdida, ao fim do dia, entre os caminhos ede Nogueiró e Tenões... E, a isto, penso eu, se chama unidade, uma intrínseca unidade, nascendo dum dispar conjunto e, que se estende de Famalicão a Valença, do Cávado ao Rio Minho, margina o Oceano e trepa ao Soajo, no percurso que leva no percurso que leva dos canteiros do Girassol de Viana, às serras do Lindoso. Pois, o que vale no Minho, é a sua substância íntima, a terra pronta e fácil, o homem aparente a si próprio.

E a mulher minhota?

Já D. António da Costa, no seu livro (No Minho, 2ª edição, 1900) escrevia assim: Ah, Mulher do Minho!, tu sabes o que é o trabalho, o que ele custa ao suor do teu rosto! Teus parentes, párias na sua província, têm de ir pedir à terra estrangeira o pão de cada dia. Quantas vezes não é o teu parco alimento cortado de lágrimas e de saudades! Não tens quem te ganhe, ganha-lo tu; tu é que lidas, formosa trabalhadeira, e te sustentas no meio de uma lida insana, com que dás à tua Pátria, o mais belo exemplo. E contudo, essa vida admirável, esse trabalho portentoso, o que te deixam por dia? Um pedaço de pão de milho, um caldo, nem sempre uma sardinha, bacalhau raras vezes. O que te vale, gentil minhota, para não soçobrares de cansaço, é esse génio que tens, essa fantasia...

Caro leitor, se ainda não conhece as potencialidades desta Região, vá por esse Minho encantador, percorra cidades, vilas e aldeias e verá como o MINHO É AMOR. Atravesse campos, vales, montes e beba a água que brota das fontes. Dance com as vianesas, bonitas ou feias, a Góta, o Vira, a Chula e o Malhão e sacia o apetite, com vinho, broa e salpicão. O Minho é belo, como o dizia o saudoso poeta Pedro Homem de Mello. Rima e é verdade. Mais. Passe as suas férias no Minho, onde as mulheres são sempre belas, terra de lindas donzelas. Passe as suas férias em Viana do Castelo, em Viana da Foz do Lima, em Viana Princesa do Lima. Viana do Castelo. Um recanto do Mundo.

Antero Sampaio
JOGOS FLORAIS 2017
ENSAIO

■ ASSIM NASCEU A A.A.E.T.E.C. ...

Há longos anos, 1981, um grupo de antigos alunos da Escola Industrial e Comercial Nun'Álvares (EICN'A), tomou a iniciativa de organizar um almoço anual de confraternização, com aviso publicado no "A Aurora do Lima". Recordo alguns, Flávio Cunha, Toni Valença, Zé Pequeno, Zé Matos, Araújo Soares, Floriano Passos, Zita Ramos. Bem hajam.

Uns anos depois, alguns antigos alunos da Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo (EICVC), também se associou a esses convívios. No final desses almoços, era constituída uma comissão encarregada do encontro do ano seguinte.

Num desses almoços em que estive presente, 1990, sugeri à comissão da EICN'A que fizesse integrar um antigo aluno da EICVC, o que foi aceite. Então, indiquei o colega presente, Zé Cerqueira. No ano seguinte o convívio era alargado aos antigos alunos da EICN'A e EICVC, que tinham funcionado no mesmo edifício.

E em 1992, Zé Cerqueira e Mário Pedra, tomaram a iniciativa de elaborar uma brochura para o encontro. Ligaram-me para os apresentar à Companhia Editora do Minho, em Barcelos, onde foi impressa, e assim surgiu a primeira edição no 12º ENCONTRO. Nesse ano a capa foi de Elder Carvalho.

Na brochura de 1993, com capa de Araújo Soares, a comissão, na sua "nota de abertura", começou a pensar que seria imperioso "...levar à prática a constituição de uma associação..."!

E em 1994 - 14º ENCONTRO – cuja brochura teve capa da autoria de Chico Ramos, filho do Mestre Carolino Ramos, a comissão esboçou um projecto de estatutos da futura associação.

Em 10 de Maio de 1995, por escritura pública realizada no 1º Cartório Notarial de Viana do Castelo, foi constituída a ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL NUN'ÁLVARES e ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VIANA DO CASTELO, tendo sido, mais tarde, criada a sigla A.A.E.T.E.C..

Esta realização deve-se ao dinamismo e vontade de vários antigos alunos com destaque, mais uma vez, de Zé Cerqueira, Mário Pedra, João Sousa Pinto e outros.

A 1ª ARTEMAIO aconteceu de 22 a 30.Maio.1999, por iniciativa de Hernâni Montes e os 1ºs. JOGOS FLORAIS foram desenhados e postos em realização pela mão de Mário Pedra, no ano 2000.

Cabe ainda referir outras realizações e eventos que a AAETEC tem desenvolvido, tais como visitas culturais ao património



artístico da cidade, orientados por Francisco Carneiro Fernandes, convívios anuais, brochura anual, postais ilustrados com o tema das capas da brochura, passeios turísticos pelo país e estrangeiro, ralis paper S.Martinho, magustos, sardinhas, ceias de Natal, fins de semana no Gerês, a cargo do Leopoldo Alves, homenagens a professores e auxiliares, prémio pecuniário anual ao melhor aluno do 12º ano da actual Escola Secundária de Monserrate. Tudo isto se deve aos antigos alunos que têm dado o "corpo ao manifesto", integrando os Órgãos Sociais e a outros colaboradores.

Seria exaustivo continuar e mais haveria. No entanto, de realçar que a AAETEC é hoje uma referência importante no panorama sócio-cultural e lúdico da cidade de Viana do Castelo, que se deve ao impulso e sentido associativo de uma plêiade de antigos alunos formados na EICVC, em cujo edifício, actualmente sede da Presidência do IPVC, e sob a égide do então Presidente Prof. Lima de Carvalho, em 1998 colocámos uma placa a "letras de ouro" com os dizeres "...A ESCOLA QUE NOS FEZ HOMENS...".

José Veiga Anjos

■ O MEU PRIMEIRO PROFESSOR

Já lá vão alguns... bastantes anos. Passei a minha adolescência enquanto estudante na Escola Primária das Neves- Outrêlo, da freguesia de Vila de Punhe, em Viana do Castelo. Sempre tive presente e continuo a ter, cada vez que vejo aquele edifício, a imagem do meu primeiro professor Armando Barbosa – recentemente falecido. O local é agora sede da Junta de freguesia de Vila de Punhe.

Creio ser coisa comum a todo aquele que passou pelos bancos da escola, reter, na sua longa ou curta caminhada da vida, a figura do seu primeiro professor!

Não sei quantos anos este distinto profissional do ensino primário permaneceu naquela sala/escola, mas ninguém ignora que sucessivas gerações passaram por aquelas carteiras, agora mais modernas e num novo edifício, já noutro local, mas já não na sala onde eu sempre permaneci e que rememoro com alguma saudade.

Recordo-o. E permitam-me que o destaque entre outros, pelo apuro, profissionalismo e comportamento que incutia nos seus educandos. Alguns deles foram desde a 1ª à 4ª classe. Eu só o tive um ano, mas não me esquecem aquelas letras maiúsculas e minúsculas feitas em cartolina branca que nos apresentava dia após dia, encimando o quadro da escola, criando em muitos de nós uma expectativa tal que nos maravilhava com a descoberta do mundo das letras... a pouco e pouco juntavam-se umas às outras...

Daí nasciam as palavras, os nomes, o hábito de escrever, etc. Criavam-se no íntimo de cada um de nós projectos de vida, esperança, ilusões, o porvir, o destino, enfim... O sonho!

Um dia propus-lhe uma homenagem e disse-lhe até que nela estávamos envolvidos alguns amigos e também seus alunos. Apesar de prolongada conversa, não aceitou.

Com aquela simplicidade e seriedade que lhe era peculiar, e que todos os que foram seus alunos lhe reconheciam, disse-me: - “ Por favor não pense nisso”! Compreendi perfeitamente a sua posição e não insisti, pois para além de ter sido o meu primeiro professor foi um Homem que sempre admirei e respeitei. Aquele respeito que todos os alunos deviam ter pelos seus professores.

No entanto, e, para além de uma singela homenagem, que estou convicto era obviamente bem merecida e apoiada por muitos, permitiram-nos, às gerações de alunos que foram seus, aos que ficaram pela 4ª e 3ª classes, naquele tempo (anos 50), e aos que foram mais longe, um sadio convívio, homenageando este professor. Não aceitou.

Agora falecido recentemente, paira na memória de muitos naturais de Muijães, de Barroselas e de Vila de Punhe, um professor daqueles a quem muito grato se lhe fica por ter feito de alguns de nós – homens de hoje – um pouco daquilo que somos na vida.

Leandro Matos
Março de 2018

■ A corrupção que anda por aí !

O meu coração anda aos pulos!

Quanta vez a minha esperança foi posta à prova, ou por quantas provas ela terá de passar!...

Tudo isto está numa mala escondida com o meu dinheiro, os vossos dinheiros que serviam certamente para educar crianças mais pobres que nós, cuidar gratuitamente da saúde deles, dos seus pais. Esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade para a Suécia ou Suíça ou mais além. E eu não posso mais.

Quantas vezes minhas amigas, a minha confiança vai ser posta à prova! Quantas vezes a minha esperança vai esperar no cais de uma qualquer estação!

É certo que os tempos não me ajudam, não nos ajudam, mas existem para serem vividos. E qual é a minha culpa? A vossa culpa?

Mas é certo que a mentira dos meus governantes, dos nossos governantes, dos vossos governantes, venha e queira quebrar os nossos “narizes”. Não deixaremos...mas eles querem arriscar...

O meu coração está no escuro, pregado sempre ao conselho simples de meu pai que já não tenho, de uma mãe que também se finou, de uma avó ou mesmo dos justos que nos precederam...

Não vou parar por aqui...

Vou pegar num lápis e apontar. Um lápis bem preso aos dedos e escrever para os meus filhos não se esquecerem de tanta coisa nojenta. Tanta coisa que nos prometeram e que a lógica, a pobre lógica já não existe, a não ser para alguns!

Este é o tipo de benefício que esses culpados nos deixarão com a velha e fiel fé do meu povo sofrido que se deixou enganar.

Só que com esse tipo de ideias cabralinas, é que todo o mundo rouba e ninguém paga por isso...!

Vou confiar mais uma vez. São os meus irmãos, os meus amigos, os meus filhos que vão pagar limpo a quem a gente deve...sem dever. Esses sim, vão cumprir.

Com o tempo conseguiremos ser livres, éticos e sérios Diremos que todo o Homem aqui é corrupto desde a primeira criatura que se meteu em política? Não.

Eu não admito Creio na esperança imortal, repito: iiiimortal!!!

Sei que não vai servir para parar o começo da corrupção que por aí campeia, mas vai, com certeza, servir, para parar o final. Um dia!

Leandro Matos



ROMARIA D'AGONIA (I) Cartaz Vivo de Devoção, Folclore e Magia!...



1 – *Feira da Romaria da Agonia em meados do século XX*
Óleo sobre madeira, 68cm x 112cm, *Felipe Fernandes* **, ca. 1990.

Viana veste de Marinheira, para anunciar à Princesa raízes do seu olhar. E o rosto moreno, esculpido pelo vento, consagra sempre um Milagre! Manto da Padroeira, pesado, banhado em pranto, são ondas calmas no coração da Ribeira, de azul atapetadas de branco... Trovas de Amor filial, que o Pescador eleva ao Céu e o Povo rural vem cantar à Cidade!

Senhora d'Agonia, Santuário iluminado!... Janelas de renda, que o reencontro tece o mar salgado em ondas de alegria!

Brilha no Céu de Viana a fantasia. E baila a *chula*, a *góta*, o *fandango*, a *tirana*, que o *vira*, na contradança da vida, gira sempre sem parar...

E quantas histórias por contar... do arraial, da serenata, do bazar intemporal a viajar no imaginário da nossa infância!...

É assim a Romaria da Senhora da Agonia... Raiz antiga, devotada à Padroeira das Gentes do Mar. Na época setecentista, "Festas da Vila", com Festividade em redor do Santuário, acrescida de "Feira Franca". No século XIX, "Festa da Cidade", com carácter religioso e profano. E no dealbar novecentista, "Romaria Concelhia", com um Programa progressivamente melhorado; enriquecido, ao longo do século XX, de iniciativas lúdicas, desportivas, artísticas e culturais, que promovem o Património ancestral e criativo dos vianenses, internacionalizando-se a nível do Folclore, Artesanato e Pirotecnia, atraindo forasteiros de várias regiões do País e um número crescente de visitantes e turistas estrangeiros.

Hoje, "A Falar de Viana",¹ reescrevo a síntese há 27 anos partilhada, alusiva à Romaria de Nossa Senhora da Agonia.²

«No século XVII, a vila de "Viana da Foz do Lima" já tinha as suas festas, sensivelmente no local da actual Igreja do Santuário de Nossa Senhora da Agonia. Os festejos limitavam-se, então, às solenidades religiosas em torno dos pequenos templos situados no fim da Via Sacra: *Senhor Bom Jesus do Santo Sepulcro* (actual Igreja d'Agonia), *S. Roque*, *Senhor da Via Sacra* (administrada pela antiga irmandade do *Senhor do Calvário*).

O culto cresceu significativamente a partir de 1744, com a invocação de Nossa Senhora da Agonia, e após as obras de reedificação e ampliação do templo [no reinado de D. José, em estilo Rococó, sendo o templo e os retábulos de altar, consagrados

à *Paixão de Cristo*, benzidos aos 13-VIII-1756].

O primeiro "*Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de N.ª Sr.ª da Agonia*" elucida-nos acerca dos festejos primitivos em honra da Padroeira (ARAÚJO, ob. cit., 79-80): "A parte religiosa era acompanhada pela orquestra do padre João Ribeiro, que no ano de 1758 custou 4.800 rs. Cá fora, pelo arraial, andavam dois gaiteiros e dois pretos que tocavam clarins. Também havia fogo de pólvora que se queimava em barricas (10 em 1758) e, à noite, iluminação com tigelinhas de cebo. Ao santuário, os romeiros levavam dádivas: sal, maçarocas de linho, moedas de ouro, um ou outro bezerro, peças de vestuário, que eram arrematadas".

Por Provisão de El-Rei D. José, datada de 5-7-1772, é criada a 'FEIRA FRANCA', "com todos os géneros de mercadoria permitidas" no Campo do Castelo, junto do templo [Campo d'Agonia, lado poente], durante os dias 18, 19 e 20 de Agosto de cada ano, integrando-se nas Festas da Vila em honra da veneranda Imagem da Senhora da Agonia.

As festas vão, assim, tomando corpo, estendendo-se por toda a área envolvente do Santuário... No decurso do século XIX adquirem algum esplendor. A Mesa da Irmandade toma resoluções nesse sentido, abrilhantando-se os festejos com concertos musicais (música sacra e profana), fogo de artifício, iluminações... O pirotécnico vianês José de Araújo Soares Viana fornece o fogo preso desde 1857, durante anos consecutivos...

Com o advento do século XX, a afluência de forasteiros à Romaria acentua-se, progressivamente, concorrendo para maior acessibilidade à já cidade de Viana do Castelo, no decurso do último quartel do século XIX, a dotação de infra-estruturas importantes: novas vias rodoviárias, de ligação ao norte de Espanha e ao Minho e Douro Litoral (estradas Viana-Caminha, Viana-Famalicão, etc.); inauguração do caminho-de-ferro (30-6-1878), com a citada travessia sobre o Lima através da ponte metálica, notável obra de engenharia da Casa Eiffel.

Doravante, as festas passam a atrair gente de "todas as condições e lugares", atraindo pela acessibilidade e diversificação das iniciativas lúdico-recreativas a estenderem-se, gradualmente, a outros espaços da urbe vianesa... "Surtem as tocatas aldeãs com a civilizada

ROMARIA D'AGONIA (I)

Cartaz Vivo de Devoção, Folclore e Magia!...



2 – Painel Regional da Senhora da Agonia
Pintura a óleo de linhaça sobre tecido de “alinhado”,
Felipe Fernandes, 1988;
Trajo Regional, D. Isilda.
Em exposição na “Casa Verde”, Avenida dos
Combatentes da G. Guerra, 70, Viana do Castelo.

harmónica”... “A onda de novidades propaga-se”, como diz Severino COSTA nos *Cadernos Vianenses*, Tomo I na sua “Verídica e pitoresca estória da Romaria de Nossa Senhora da Agonia”, segundo relatos e notícias publicadas na “velha Aurora do Lima”...

... As primeiras iluminações no Rio Lima remontam a 1886. No declinar do século XIX, o Ginásio Clube local organiza várias regatas e a primeira *Serenata do Lima* (1889), “com barcos iluminados e músicas lá dentro a tocar”; no céu da donairosa *Princesa do Lima* harmonizam-se acordes de filarmónicas e girândolas de foguetes!

A Romaria afirma-se como a “Festa da Cidade”, reservando-se, geralmente, para os dias festivos de Agosto, a inauguração de acontecimentos relevantes: estrada da futura Estância de Santa Luzia (17-8-1890); colocação da primeira pedra do Templo-Monumento ao Sagrado Coração de Jesus [com abertura ao culto em 22-8-1926, apesar de concluído em 1943]; conclusão da obras do porto de mar (1894), etc.

Touradas, torneios de Natação, festivais no Jardim à beira-rio, corridas de velocípedes, *Serenata no Lima*, são uma constante nos auspícios do nosso século [leia-se: século XX], que vê despontar, ao lado das sessões de *Fogo Preso*, *Fogo do Meio* (ou da Santa) e *Serenata no Lima* com respectivos arraiais de sabor popular, as raparigas vestidas à *lavradeira* (1906) e a primeira *Parada Agrícola* (1908). Regatas de Vela e de Remo, touradas com o melhor “cartel de toureio a cavalo” da época, complementam o Programa de 1906 (COSTA: 59). O gosto pela *Festa Brava no século XX* é comprovado pela realização de dezenas de *Garraíadas*, promovidas pelo Sport Clube Vianense e, sobretudo, pelo Viana Taurino Clube...

... O deslumbrante fogo de artifício é assegurado, décadas a fio, por exímios pirotécnicos vianenses: firmas de José de CASTRO e Manuel Gonçalves da SILVA, “primos e rivais, descendentes desse outro fogueteiro que se celebrou na Revolução da Patuleia — o “Silva Patuleia”. As suas oficinas laboraram no lugar de S. João (à Abelheira) e junto do “Bairro Jardim” [pelo norte, próximo do “Bairro dos Mochos”], respectivamente [em 1912, segundo o “Almanach de Vianna e seu Distrito”, ambas as firmas estavam sediadas na Rua da Bandeira]. Os “Fogos dos SILVAS” celebrizaram-se depois com a “cachoeira” e respectivo cruzamento de balonas sobre a ponte metálica — chave de ouro da *Serenata* —, a “batalha naval”, o “fogo na floresta”, de entre outros números também do domínio dos

CASTRO. Esta plêiade de artistas, galardoada internacionalmente, deixou de laborar há décadas [...]»

(Conclui no próximo número)

Francisco José Carneiro Fernandes

¹ Revista *A Falar de Viana*, Volume VI — Série 2, ed. VianaFestas, Viana do Castelo, Julho 2017, a pp. 99-103.

² FERNANDES, Francisco José Carneiro: *Viana Monumental e Artística — Espaço Urbano e Património de Viana do Castelo*, Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, 1990, pp. 99-101.

BIBLIOGRAFIA

Cfr. Bibliografia cit., in *Viana Monumental e Artística*, a pp. 97-101 e 135-139:

- ARAÚJO, José Rosa de: *Memória da Capela de Nossa Senhora da Agonia*, segundo o “Arquivo da Irmandade de N.ª Sr.ª da Agonia”. Viana do Castelo, Confraria de Nossa Senhora da Agonia, 1963, pp. 79-80.
- COSTA, Severino: “Verídica e pitoresca estória da Romaria de Nossa Senhora da Agonia”, *Cadernos Vianenses*, Tomo I, 1978, pp. 55-59.
- FERNANDES, Francisco J. Carneiro: “Romaria d’Agonia”, in *A Aurora do Lima*, n.º de 13 de Agosto de 1986.
- GUERRA, Luiz de Figueiredo da: “A Via Sacra [...]”, in *A Aurora do Lima*, n.º de 18 de Agosto de 1928.

CRÉDITOS FOGRÁFICOS

Francisco José Carneiro Fernandes

** Felipe António dos Anjos Fernandes (Viana do Castelo, 1912-1992), devoto Vianense e meu saudoso Pai, foi aluno da antiga “Escola Comercial e Industrial de Nun’Álvares”, ao Jardim D. Fernando (Praça General Barbosa), na década de 1920.

■ Memórias do tempo de menino

Quando o Hernâni Montes me ligou a solicitar um texto para a nossa revista eu, desavisadamente, não recusei o desafio. E digo desavisadamente porque, quando quis começar o texto, não vislumbrei temas ou histórias que pudessem interessar muito os colegas que o venham a ler, isto para além da minha inabilidade na arte da escrita.

Depois de muito matutar e para não defraudar a expectativa que criei resolvi partilhar um pouco daquilo que vivi e, de uma ou outra forma, contribuiu decisivamente para a minha formação no plano da personalidade e dos princípios.

Vou então recuar 60 anos na minha vida e voltar ao rapazinho tímido, assustado e sem horizontes que cai na cidade, vindo de uma aldeia a cerca de 15 quilómetros, o que naquele tempo constituía uma grande barreira.

Foi um choque grande e difícil de superar nos primeiros tempos. Estou convencido de que muitos colegas, aldeões como eu, passaram por situação idêntica.

De facto, em meados da década de 50 do século passado, saltar de uma vida alegre e despreocupada pelos campos, ao ar livre, descalço no Verão e de chancas com solas de madeira no Inverno para a cidade com outras vivências não foi fácil. Aqui tinha que andar calçado, não saltava muros, não andava aos ninhos, não caçava pardais, não podia jogar futebol, muitas vezes com bolas de trapos em largos públicos ou na rua até ao escurecer. Na cidade tudo me parecia mais organizado e vigiado, menos livre. Aqui os mais velhos não eram todos meus tios e tias.

E chegar à Escola Comercial e enfrentar logo 7 ou 8 professores... que grande desperdício. Na minha aldeia 1 só professor ensinava-me todas as matérias.

A juntar a estas dificuldades outras, não mais pequenas, este rapazinho de 11 anos teve que enfrentar.

Eu vivia, como disse, a cerca de 15 quilómetros de Viana, nas Neves, lugar com características muito especiais e de que muito gosto. Porque os meios de transporte eram escassos, eu tinha que me levantar por volta das 6 horas da manhã, preparar-me e andar meia hora a pé, muitas vezes debaixo de chuva, para apanhar o comboio na estação mais próxima – Barrocelas – às 7 horas e chegar a Viana às 7,30 e esperar sem nada que fazer até às 9, hora de início das aulas.

O regresso a casa, ao fim do dia, era menos penoso. Mas era preciso estudar e, imaginem, na rua onde eu vivia não havia luz eléctrica. Esperava-me o candeeiro a petróleo para endurecer ainda mais a minha vida.

Mas, atenção, nem tudo foi mau. Com o decorrer do tempo e a boa vontade e amizade dos colegas e ajuda da família lá me fui adaptando e ao fim do primeiro ano eu estava razoavelmente habituado à vida da cidade.

Globalmente acabou por ser uma experiência bem positiva.

No meio de todas as dificuldades lembro de forma agradável algumas figuras que ainda hoje recordo com simpatia e a quem presto a minha homenagem, algumas delas companheiras de viagem

nos comboios ronceiros, frios e fumarentos que utilizávamos. Em primeiro lugar quero lembrar a figura amiga, simpática, sempre alegre e bem disposta, carinhosa, como se fosse uma mãe para todos nós, da D. Maria Pequena, que todos os dias se deslocava de Barrocelas para o Mercado Municipal. Recordo também a figura um pouco mais austera mas igualmente amiga da D. Rosinha, de Arques (Vila de Punhe) que também diariamente vendia no Mercado. Lembro o Sr. Carvalho que fazia a venda de jornais nos comboios. Lembro a

precisão com que ele atirava jornais devidamente dobrados pela janela da carruagem e que iam cair juntinho à casa de clientes certos que ficavam ao longo da linha e já ali estavam à espera da passagem do comboio para receber notícias fresquinhas. Lembro uma figura típica, alegre e brincalhona que embarcava em Alvarães e que era, creio, operário nos Estaleiros Navais, de alcunha o “Cerinha” que com o comboio em movimento e pela parte

de fora se entretinha a mudar de carruagem, qual artista circense, perante a aflição dos outros passageiros que assistiam à proeza.

Lembro com saudade o Mestre Aníbal, professor de Caligrafia e Dactilografia que, muitos anos depois de eu ter deixado a Escola, me cumprimentava com enorme simpatia sempre que nos cruzávamos nas ruas da cidade. Lembro o Mestre Carvalho e o Mestre Cândido, figuras simpáticas, professores de Trabalhos Manuais. E lembro muitos outros professores que me marcaram de forma muito positiva. Lembro alguém de quem nem todos gostavam mas que para mim foi amigo e de certo modo protector, o Casimiro “Vassouras”, funcionário da Escola.

E a simpatia da Senhora Maria que com enorme paciência nos guardava os livros, numa lojinha ali no Jardim D. Fernando enquanto íamos disputar um aguerrido jogo de futebol no Campo do Castelo e nos vendia uns quartos de sêmea com um pauzinho de chocolate que eram uma delícia para quem, como nós, não era endinheirado. Fazia-me lembrar tanto as minhas avós!

Lembro a D. Marilinha do cafezinho também no Jardim D. Fernando, ainda hoje ali existente, com enorme boa vontade para aturar os nossos desvarios e os aguerridos jogos de dominó que lá disputávamos.

Lembro dezenas de colegas com quem convivi e fiz amizade, não destacando nenhum nome para não ser injusto com muitos outros.

Aqui fica um pouco da minha vida de estudante na velhinha Escola Industrial e Comercial de Viana, onde fiz tantos e tantos amigos, onde me forjei como homem com a ajuda de todos – família, professores, colegas, gente simples que conheci e com quem contactei.

A nossa Escola foi uma verdadeira Escola.

Março de 2018
Armando Branco



DE NOVO RECORDAR A NOSSA ESCOLA

Eis que chegou de novo a hora de tornar a escrever duas linhas, sobre a minha passagem pela Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo (hoje Escola Secundária de Monserrate), nos já distantes anos do início da década de setenta (já lá vão cerca de quarenta e oito anos), mas faço-o sempre, que me convidam, com grande satisfação e alegria até de recordar esses tempos.

Estávamos próximo da Páscoa de 1974, e um grupo de alunos, com a colaboração dos Professores Ana Maria, Rufino Cadilha e Amaro Vilas Boas, preparamos a realização de um Sarau, que teve lugar no Teatro Sá de Miranda, no dia 2 de Março, que foi denominado obra da juventude, vontade, amizade, alegria.

Claro que temos que registar aqui a grande colaboração do ilustre vianense Amadeu Costa, na altura, trabalhava no Teatro Sá de Miranda, que nos deu muitas dicas, de colocação no palco, utilização da voz, como reagir em caso de esquecimento de texto, apesar de termos o “ponto” (Diamantino Bezerra).

Tivemos que registar o programa do sarau, na direcção geral de espetáculos, a fim de ser visado pela censura, tendo a mesma direcção, não autorizar a representação da peça designada de “A viagem do Zé Bom-Dia”. Sem nenhuma explicação, a não ser cortar e o delegado em Viana do Castelo, simplesmente ter dito “não podem apresentar esta peça”.

Foi o que fizemos. Não representamos a referida peça, mas perto do final do espectáculo e sem ter requerido qualquer autorização, apresentamos um texto denominado de “tourada”, que reflectia um pouco a situação que o país atravessava e que passado pouco mais de um mês se veio a alterar, com a chegada da revolução do 25 de Abril. Algumas vozes nos disseram não avancem sem autorização, mas jovens com 17/18 anos média não quisemos saber de mais qualquer outra autorização. No final ouvimos alguns “raspanetes” e “isto não pode ficar assim”, mas nada que não pudéssemos aguentar.

O sarau, foi recheado de vários atrativos, como uma farsa, uma comédia, imitação, jograis, mímica, teatro humorístico, folclore e a participação do conjunto “Índice”.

A apresentação do espectáculo esteve a cargo da Alda e do Ruca, os cenários da Eduarda Lima (professora) e Hermano Baptista e para ficar registado participaram os alunos João, Américo, Quim, Amadeu, Ramiro, Branco, Miranda, Rosália, Rô, Bébê, Rocha, Costa, José Viana, Liberto, Victor, Pepe, Freire, José Augusto, Abílio, Ribas, Ana Júlia, Matos, Berta, Filomena, Carvalhido, Rui Viana e ainda



colaboraram Jorge Duarte, Carlos Amorim e Luciano José.

Passados 45 anos, relembrar este Sarau não deixa de nos encher de alegria, olhando às idades que tínhamos e dizer claramente que valeu a pena. Foram muitos os ensinamentos que colhemos de uma mão cheia de professores (avancados para a época), mas como já foi referido, logo a seguir, em virtude do 25 de Abril a Escola sofreu uma clara transformação, com a participação dos alunos na vida de direcção da Escola.

Rui Viana
Maio/2018



HOTEL LARANJEIRA

★ ★

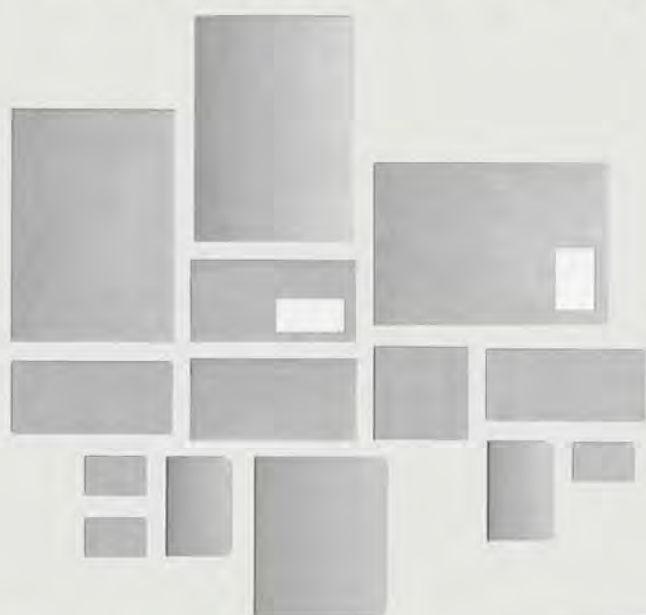
DEPARTAMENTO DE RESERVAS

📍 Rua Cândido dos Reis, 45
4900-082 Viana do Castelo - Portugal
☎ +351 258 822 261 📠 +351 258 821 902
✉ info@hotelaranjeira.com

🌐 www.hotelaranjeira.com
f facebook.com/hotelaranjeira
t twitter.com/hotelaranjeira



JÁ IMAGINOU A SUA VIDA SEM NÓS ?



Design Gráfico
Design Editorial
Design Publicitário

IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSÃO OFFSET

two design
soluções gráficas

Rua Rodrigo da Fontinha - Lt. 6 r/ c dto.
4900-420 Viana do Castelo
Tel. 258 813 550
www.twodesign.pt

geral@twodesign.pt

Solicite o seu
orçamento
por email

Fazemos:

Tratamento de imagem, logotipos, livros, revistas, catálogos, brochuras, desdobráveis, cartazes, jornais, folhetos, material corporativo, convites, autocolantes, pastas, rótulos, etiquetas, caixas, vinil, lonas, entre outros.

Ainda o valor do voto

Minha mãe era analfabeta. Faleceu com 75 anos de idade e nunca votou. Era mãe de seis filhos e avó de 8 netos. Quando se deu o 25 de Abril, tinha 52 anos. Ainda lhe disse para votar para nas legislativas em 1976, dois anos depois do fim do Estado Novo e um ano depois do sufrágio para a Assembleia Constituinte de que resultou a nova Constituição. Não queria. Não tinha sido educada nesse sentido. Assistiu a tantas filas à espera de vez e desabafava. Eu nunca vi isto! Meu pai que faleceu em 1965 esteve privado durante a vida de votar. Mas minha mãe teve oportunidade, uma ou outra vez. Por não saber ler nem escrever não se sentia à vontade para por a cruz no boletim de voto. Era mulher e analfabeta. Fruto de outros tempos! Via as outras pessoas levantarem-se cedo, vestidas a preceito, algumas mulheres acompanhadas do marido e dizia que tinha que por o dedo e que não gostava, embora lhe dissessem que era só uma cruz. “ Não fui habituada a isso!” - Exclamava.

Acabou por nunca ter votado na sua vida.

Este exemplo de minha mãe, tentei transmiti-lo aos meus filhos. “Imaginaí-vos impedidos de votar, de escolher. O que sentiríeis?” Aos 18 anos votaram pela primeira vez e já não faz falta esperar tantos anos para exercer esse direito. E ainda bem que é assim.

O mérito está nas gerações dos anos sessenta. Dos sacri-fícios e das lutas que tiveram de travar.

Lembra-me que de quem votou pela primeira vez na minha aldeia! Era como se fosse um dia de “festa”. Um dia diferente. A verdade é que na época, ser mulher e analfabeta era uma desvantagem. Antes do 25 de Abril não lhe era permitido o voto.

Agora, por motivos que se desconhecem, as pessoas abstêm-se com algum significado de exercer esse direito. E é pena!

Leandro Matos

ACONTECEU

O Professor Doutor Arlindo Marques era um dos mais competentes professores que tive durante a minha vida académica.

Dava aulas de Contabilidade e Técnica de Vendas.

Ora foi numa aula de Técnica de Vendas que o Dig. mo Professor,

quando falava de facturas, numa transacção comercial, em vez de dizer “as facturas podem-se fazer” enganou-se, talvez a pensar num possível acto sexual (era um solteirão) disse alto e bom som “as facturas fodem-se fazer”. Toda a gente se admirou num AH

geral, que motivou um imediato reparo de silêncio, por parte do professor.

No fim da aula, dissemos ao Dr. Arlindo Marques o que tinha acontecido! O homem corou de vergonha, pediu mil perdões, prometeu ir confessar-se imediatamente,

pois tinha pecado.

Ora, nosso caro mestre, ACONTECEU. Mas não repita, porque para a próxima, O Divino Mestre não lhe vai perdoar.

Antero Sampaio
aluno da E.C.I.V.C.

Toda a gente se admirou num AH... geral, que motivou um imediato reparo de silêncio, por parte do professor.

INFORMAÇÃO NECESSÁRIA

Só para lembrar...



Associação dos Antigos Alunos
da Escola Técnica de Viana do Castelo



aaetecantigosalunos@gmail.com
www.aaetec.com



AAETEC



Escola Secundária de Monserrate
Av. do Atlântico
4904-860 VIANA DO CASTELO

Caro(a) Sócio(a):
Qualquer pagamento (quotas, donativos, passeios, etc.) à AAETEC poderá ser efectuado da seguinte maneira:

- Balcão do Banco “Santander Totta”,
indicando o teu número de sócio, na conta com o
NIB: 0018 0003 19396621020 03,
da AAETEC - Viana do Castelo.
- ou enviando para:
- **AAETEC - Apartado 65 - 4901-909 Viana do Castelo**
- **AAETEC - Escola Secundária de Monserrate -**
4901-860 Viana do Castelo

Email: aaetecantigosalunos@gmail.com

Siga-nos no Facebook - <http://www.facebook.com/aaetec>

Site: www.aaetec.com

- Em qualquer depósito efectuado, terá de ser identificado e comunicado à AAETEC.
- O valor da quota anual continua a ser de 12,00 euros.
- Após pagamento da quota, estas serão enviadas (como normalmente acontece) na próxima envelopeagem.

Faz-te sócio da AAETEC

O VÍCIO DO TABACO

Fiz os primeiros quatro anos da minha carreira escolar na Escola Primária de Meadela, os iniciais no edifício onde hoje funciona a Junta de Freguesia e os restantes num outro edifício que se situava no adro de igreja, mais tarde demolido para permitir o alargamento daquela.

Concluída em 1946 a instrução primária, como então era designado aquele período escolar, o meu Pai inscreveu-me no primeiro ano do Curso Comercial da antiga Escola Industrial e Comercial Nun'Álvares, onde o ambiente escolar nada tinha a ver com aquele a que estava habituado na Freguesia que me viu nascer e onde vivi até aos dezoito anos.

Como não tinha então hipótese de ir almoçar a casa, por escassez de tempo, fazia-o normalmente na cantina da escola. O tempo que mediava entre o termo da refeição e o início da primeira aula da tarde era gasto em brincadeiras próprias da idade e também em outras menos próprias para quem tinha, como eu, apenas onze ou doze anos de idade. É que, depois do almoço, tal como muitos dos meus colegas, criei o hábito de fumar um cigarro, apenas um, que comprava no quiosque que havia, e ainda há, creio, no jardim D. Fernando, a seguir à "Taça", o pequeno lago que então existia em frente à Escola, onde se fazia o baptismo dos "caloiros".

Só quando chegaram as férias é que me dei conta de que aquele "hábito" de fumar um cigarro após o almoço, se havia transformado em vício. É que, na casa de meus Pais, hoje a Quinta da Presa, ninguém fumava, nem mesmo os empregados de lavoura. Não tinha, pois, qualquer hipótese de satisfazer aquela necessidade que sentia de fumar o cigarro, a que me habituara estupidamente. Foi então que, depois de analisar criticamente a situação e de penosamente a sofrer, jurei a mim mesmo corrigir a minha conduta, terminando a partir daí o hábito feito vício de fumar.

Terminado o Curso Comercial, que então era de três anos e estava a ser objecto de reestruturação, inscrevi-me no terceiro ano do novo curso, que passou a ser de cinco, dispensado que fui dos dois primeiros. Neste tive como colegas de turma um conjunto de alunos brilhantes como o António Viana, o José Maciel, o José Franco, o Fernando Táboas, a Georgina Gonçalves, o Sintra Coelho, a Isménia Margarido, a Maria da Conceição, o Amândio Silva, o Francisco Queiroz e alguns outros, tão brilhantes que quase metade deles se licenciaram, uns no Porto, em Economia, e outros em Lisboa, em Finanças e em Ciências Sociais.



Quando me encontrava no quarto ano do Curso de Economia, fui no fim de 1959 obrigado a fazer, na qualidade de oficial, primeiro em Viana, e depois em Braga, o serviço militar para que havia sido apurado, serviço que terminei em Outubro de 1960. Voltei à Faculdade de Economia, mas em Maio de 1961 fui mobilizado para a guerra, integrando o quadro de Oficiais da Companhia de Caçadores 169, que combateu no norte de Angola, até Novembro de 1963.

Só quase no final da guerra voltei a experimentar o uso do tabaco, não com o cigarro, mas com cachimbo. Foi quando nós,

os oficiais da minha Companhia, (o Capitão Magalhães Osório, morto depois em combate na Guiné, o Tenente Médico Caetano Pereira, já falecido, que foi depois Director do Serviço Cardiovascular do Hospital de Santo António, e os Alferes eu, o mais antigo, o Marcelo Curto, também falecido, mais tarde Ministro do Trabalho do governo socialista pós 25 de

Abril, um primo deste, Lopes Marcelo, hoje Advogado em Lisboa e Gamboa Marques, o único que seguiu a carreira militar, reformado na patente de Coronel), por ocasião de uma das duas curtas passagens da Companhia por Luanda, precisamente quando estávamos para partir, de regresso à Pátria, decidimos comprar um cacimbo cada um (ainda conservo o meu de recordação), cachimbos que serviram apenas para serem utilizados meia dúzia de vezes, na euforia do momento, sem mais quaisquer consequências, para qualquer de nós.

Regressado da guerra, no decurso da minha carreira profissional, que se desenvolveu até aos 80 anos, disfrutei da amizade de muitos amigos e colegas de Curso e de trabalho. Alguns deles fumavam, outros que o faziam tiveram a coragem necessária para vencer o vício, não obstante nem sempre na altura devida. Grande parte deles, alguns que muito prezava e por isso com muita pena minha, partiram demasiado cedo, em consequência de problemas pulmonares e outros causados pelo uso do tabaco.

Como dizia Juan Luís Vives, "não há coisas de que mais te devas recordar do que daquelas em que hajas errado, para nas mesmas não tornares a errar".

António Manso Gigante

O autor escreve em total desacordo com o AO



O COMBOIO DE PONTE

Na década de cinquenta, talvez com alguns anos a entrar na de sessenta, os vianenses alimentaram demoradas expectativas de ver chegar o comboio de Ponte. Mas ele foi tardando, tardando, tardando e acabou por jamais chegar.

Em Ponte de Lima, o mesmo sonho ganhou corpo ainda com mais elevada ansiedade, foi crescendo à medida em que os trabalhos para a instalação da linha férrea avançavam e tudo apontava para que o comboio estivesse em breve a soltar o seu estridente silvo na inspiradora vila.

À maioria (penso que à maioria) dos pontelimesenses não fora concedida a alegria de conhecer vez alguma o “cavalo de ferro”, com exceção dos que na plateia do Teatro Diogo Bernardes o viam nas peripécias destemidas das fitas de índios e cowboys (agora monopolizadas pela realização de Clint Eastwood), embora fita seja fita e ao vivo as coisas ganhem uma emoção diferente.

Disse-se na época que foi o poderio económico e os interesses empresariais da Auto Viação Cura de então, que mandou parar o comboio, cujo aparecimento se apresentaria ruinoso para a prosperidade dos seus negócios.

Mais concretamente, não mandou parar o comboio, que ainda nem tinha iniciado o aquecimento das máquinas, mas os adiantados trabalhos de conclusão do percurso, obtendo dos poderes que tinham julgado pertinente a ligação, a decisão de que não se concluiria.

O traçado da linha andou anos sem fim a provocar descaradamente todos os que aguardavam da ferrovia a possibilidade de deslocações mais facilitadas e económicas e a oportunidade de incremento das relações comerciais. E ainda hoje é visível esse traçado quando se circula na estrada velha, com maior evidência ali bem ao lado da reta de Bertandos.

Foi uma pena. O ensino nas vilas do distrito, não ia além dos quatro anos obrigatórios e as famílias regiam-se por minguados orçamentos de pobreza, sendo raras as que reuniam disponibilidades para colocar os filhos a frequentar patamares de escolaridade média ou superior, nas localidades onde essa possibilidade existia.

A alternativa, para quem ambicionasse prosseguir os estudos, era Viana, que tinha em funcionamento o Liceu e a Escola Comercial, onde o ensino secundário se ministrava.

Quando ingressei na Escola Comercial, fi-lo nos cursos noturnos, depois de ter conseguido arranjar um emprego na firma Eugénio Pinheiro (à Rua da Picota), em que me competia cumprir oito horas de trabalho diário, de segunda feira a sábado, descansando somente ao domingo.

Durante as aulas, entre as 20 e as 23 horas, passava às vezes os olhos sobre as carteiras e dava por mim a imaginar como estariam bem mais preenchidas de alunos de Ponte de Lima, meus contemporâneos, principalmente nos cursos diurnos, se o comboio de Ponte se tivesse tornado a prometida realidade.

Dava-me a imaginar, numa análise comparativa, porque observava



quanto abundavam os estudantes de Valença, Cerveira, Lanhelas, Seixas, Caminha e Âncora, que todos os dias saltavam das carruagens dos caminhos de ferro, em autêntica enxurrada e quando transponham as portas da estação espalhavam pelo cimo da Avenida um turbulento e alegre bulício, animando notoriamente a pacatez da cidade.

É claro que os estudantes de Ponte de Lima não primavam propriamente pela ausência, mas eram em bastante menor número, possivelmente porque os preços das carreiras se tornavam pouco acessíveis, face à diminuta capacidade financeira da população e os horários não se mostravam adequados.

Nenhum de nós tem falta de consciência de que a Escola Comercial e Industrial, pesem os métodos em vigor na época, foi um farol que iluminou o espírito de milhares de jovens (e adultos) na sua caminhada para se tornarem homens dignos, cidadãos de pleno direito, preparados para enfrentar os desafios da vida e corresponderem com competência e tantas vezes com brilho, às exigências que se lhes fossem deparando.

Na diferença entre os que se limitavam à chamada quarta classe e os que concluíam os cursos liceais ou do comércio e da indústria, situavam-se perspectivas de futuro que ditavam formas de viver absolutamente distintas e proporcionadoras de qualidades de vida e conforto acentuadamente desniveladas.

Essa uma das evidentes razões por que se tornava tão importante estudar. Sem entrar noutras razões, de situações mais compensatórias e de desnivelamento maior, ligadas à obtenção de habilitações superiores.

Por casualidade, na mesma década em que se procedia à construção da linha férrea do Vale do Lima, fazia um extraordinário sucesso e afirmava-se autenticamente icónico, o filme “O Comboio Apitou Três Vezes”, com Gary Cooper e Grace Kelly (quem se lembra?).

“O Comboio Apitou Três Vezes”.

Nem uma única, uma única vez, apitou o comboio de Ponte.



Fernando Castro e Sousa

■ Era uma vez!

Já se passaram muitos e muitos anos desde aquele dia que entrei para Escola Comercial e Industrial de Viana do Castelo, dia esse que ainda hoje recordo com saudade, especialmente quando por ela passo.

Entre para a Escola Comercial e Industrial em Outubro de 1947, para o Curso Industrial. Foram nesse ano os últimos alunos admitidos para esse curso. O curso deu o berro e o último suspiro!

Para as crianças vindas da escola primária do Convento do Carmo, que tinha os tectos todos empenados e prontos a cair em cima da pinha amparados por pinheiros espalhados pela sala de aula, a escola industrial, em comparação, era um palacete de gente fina e que até tinha contínuos vestidos com farda azul e botões dourados e tudo.

Nessa altura existia em precário funcionamento na escola industrial, uma retrete, uma só, do lado esquerdo à saída para o recreio, que era muito melhor que o buraco feito no chão e bem adubado na Escola do Carmo, onde por milagre, e que eu saiba, ninguém lá tinha caído.

Havia de ser lindo, havia, de ver um safardana sair daquele buraco sorridente e de cara feliz coberto de lodo e pivete até ao canal das couves!

Mas diga-se em favor da verdade que, nos dias de mais afluência á casinha da escola industrial, era aconselhável usar botas de borracha e tapar a tromba para se poder entrar, pois o sulfídrico era intenso, e aconselhável também verificar as ranhuras da sola das botas para evitar derrapagens! Era assim um tipo de pista de gelo, mas sem gelo!

O curso industrial tinha a duração de cinco anos e poucas disciplinas. Eram elas Português e matemática, um ano cada e nos totais cinco fazia-se as disciplinas de religião e moral, modelação, desenho e talha.

Uma disciplina de que se gostava muito era a de talha onde o mestre era o mestre Carvalho, o mestre Mâdera como era conhecido entre a malta. O mestre Mâdera era um artista nato que dava forma linda a todo o pedaço de madeira que lhe caía nas mãos. Fumava a tempo inteiro e fazia biscates durante as aulas. O salário devia ser pequeno e assim os biscates ajudavam o pobre mestre a afiar os dentes com um petisco melhor para o manter minimamente vivo, já que o bom homem era um daqueles magricelas sem jeito, gasto até às lonas e com zero "de massa gorda".

Passei para o 2º ano sem problemas, mas como o novo curso do Ciclo Preparatório estava para começar, o meu velhote mandou-

me tirar um "mestrado" de traulha a funcionar no estabelecimento do Sr. Artur Cardoso, dono do talho no Largo de S. Domingos. O talho ficava ao lado do Colégio de S. José que esbuxava por todo o lado de meninas lindas que eram uma beleza ver. Esse desfile diário de menina era o bônus ao pagamento real que por si só era muito pequeninho. Nessa época o salário mínimo ainda não existia e um puto como eu, crescudote, com doze anos

medidos pelo comprimento da tibia, já podia trabalhar no mercado negro sem recibos verdes!

O Sr. Artur dava-me cinco crôas, ao Domingo, mais um suplemento salarial que eram as tripas que sobravam das vendas do dia. Nada mau. As cinco crôas iam para os cigarritos e dar umas voltas de bicicleta no Camões e as tripas iam para casa.

Aprendi tantas e tão boas aplicações práticas durante esse tempo que quando de lá saí trazia uma carteira técnica recheada, umas ministradas pelo meu patrão, o Sr. Artur e outras pelo meu colega de cepo, o João Chêna.

Regressei assim de volta e de peito feito para o ambiente académico e, como disse, apto para iniciar o novo Ciclo Preparatório.

Durante o período do meu "mestrado" fizeram-se obras na escola industrial e a mais notável foi a da construção de novas retretes no terreno do recreio. Ficaram lindas mas também foi mau porque tivemos de reduzir o tamanho da área onde jogava-mos a

bandeirinha em prol de sanitas fresquinhas. Alguém tinha que ficar a perder e a tripa de esgoto tinha prioridade!

As aulas do ciclo preparatório eram interessantes e com mais carácter académico do que as do antigo curso industrial. Ainda mais, tinha aulas de educação física, canto coral, praticava-se netball, para o qual fui um dos "atletas" seleccionados e aprendia-mos a marchar certinho, de pernoca ao leu, armados em lusitos, fardados a rigor, representantes da Raça Lusa na então popular e obrigatória Mocidade Portuguesa.

Eram dos batalhões da Mocidade Portuguesa a esperança dos futuros salvadores da pátria, mas infelizmente sem reconhecimento eram mais popularmente chamados pela população e maus crentes, de "feijões-verdes".

Era lindo ver os rebentos da nação em rítmico movimento. Dessas esperanças do passado ainda hoje por aí alguns esperneiam, mas de perna tapada para evitar galhofa na vila!

A equipa de netball nunca chegou a lado nenhum porque na maioria das vezes faltava a bola para treinar! Ainda foi sugerido usar



uma bexiga de porco mas a sugestão foi rejeitada pelo conselho administrativo da escola, onde o Sr. Director, o arquitecto Miguel Nogueira vetou o uso das partes de suínos na pratica dos desportos escolares. A bola que se vê na fotografia estava furada. Foi só usada para a fotografia.

Actualmente pouco do que vê na fotografia existe. A bola furada desapareceu, a equipa também, o ciclo preparatório acabou e dos atletas de origem só dois vão andando por aí á espera que uma horinha boa lhes chegue. Os veteranos de sobrevivência são o Cruzeiro e eu.

Na disciplina de Religião e Moral, abençoada pelo Sr. Padre Daniel, viu-se ele aflito para me convencer a portar bem e ir para o céu num prometido futuro.

Não teve grande sucesso o bom padre, e foi ele pedir amparo á minha mãe, que voluntariamente me esticou as orelhas mas que pouco ajudou a resolver o problema. O puto era de má raça e assim ficou para o resto da vida. O melhor que pessoalmente consegui nessa disciplina foi, sempre á rasquinha, o típico “regular” de nota ao fim dos períodos.

A disciplina de matemática era dada pelo Dr. Chabi, um professor muito competente e sabido que tinha o engraçado hábito de nos meter a mão no bolso das calças á procura de amêndoas ou outra qualquer coisa parecida. Não era necessário pois era garantido que ninguém levava amêndoas nos bolsos. Mas excluindo essa distracção



aprendia-mos bem a matemática e só estranhava-mos a falta desse hábito quando mudava-mos de aula.

Outra aula interessante era a de desenho do Sr. Arquitecto Gomes. Grande camarada este professor que no fim do segundo ano do ciclo teve a delicadeza de tirar uma fotografia á turma em frente á escola e de a nos oferecer, sem custo e sem IVA. A rapaziada estava muito limpinha, nada de barbas, esgadelhudos ou calças a cair pelo cú abaixo como é o típico dos estudantes actuais.

Na nossa turma as idades rondavam os 14-15 anos e já de comichão a querer sair por todos os lados.

Quando botava-mos o olho para o recreio das meninas ficava-



mos cheios de nervosinho e paixão lenta. Uma dessas meninas era a luz dos meus olhos.

Tantas voltas lhe dei que acabou por aceitar a minha conversa. Chegamos a dar umas voltas á roda da casa dela, aos Domingos á tarde, num raio de segurança de cinquenta metros a partir da base e sempre acompanhados pela irmã e pelo amigo Zé C. que era o “bem” da irmã dela. O Zé C. era meu amigo, colega de turma e ainda hoje é um grande amigo meu.

O azar caiu-me em cima no fim do 2º ano quando acabou o pataco para pagar as propinas e tive de ir trabalhar para os estaleiros, indo-se assim por água abaixo a doce paixão a escorregar para o bugio á mistura com a ferrugem da chaparia e da música dos malhos da caldeiraria. O fato-macaco, mal pago na Casa Meira, entrou em cena e a minha vida passou a ser mais real e mais séria. No entanto ficou gravado o que se aprendeu na querida escola e que foi de muito valor no futuro da minha vida profissional.

E voltando á minha paixão da época, seguimos vidas separadas e nunca mais nos encontramos, até que, passados muitos anos, perto de sessenta, tropeçamos um no outro no almoço anual dos antigos colegas da escola industrial. Ficamos muito felizes por nos rever e tive até o prazer de a apresentar a minha esposa e a ela contar parte da nossa história. Não toda!

Recordamos os dois momentos queridos e demos-lhes uma esticadela a ferro quente pois estava tudo enrugado e cheio de mofo. Muitas saudades e ricas recordações ficaram assim lavadas de fresco para durar mais uns tempos.

Ambos agora á roda dos oitenta e com muitos poucos vestígios dos traços originais e viçosos com que a mocidade nos tinha agraciado.

Querida escola, saudosos colegas e gloriosas memórias.

Do coração.

Eduardo Simas

Viana do Castelo Abril de 2018



ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL NUN'ÁLVARES "RECORDANDO"

Tinha eu 10 anos quando meus Pais decidiram matricular-me na Velha Escola Industrial e Comercial Nun' Álvares, em Viana do Castelo, após ter feito a minha "primária" na Meadela.

A sua opção por esta via de ensino, prendia-se segundo julgo saber, pela percepção que meu Pai tinha de esse ser o estabelecimento de ensino onde melhor poderia desenvolver as apetências para a indústria, que à altura creio eu ter demonstrado. De igual modo o meu progenitor tinha conhecimento do alto conceito, que a essa época existia na grande qualidade do curso em que me matriculava, nas áreas do desenho e projecto.

Essa grande reputação vinha do Professor dessa área, à altura também Director da Escola, o Arquitecto MIGUEL NOGUEIRA.

Este era um homem de origem minhota com grande nomeada no seu meio técnico tendo sido Prémio VALFLOR por prédios construídos sob seu traço em Lisboa. Miguel Nogueira ficou com o seu nome ligado à construção do Templo Monumento de Santa Luzia, onde veio a substituir o Arq.^o Ventura Terra autor do projecto de base deste templo.

Como Director era um homem austero, disciplinado e disciplinador e como professor sempre se mostrou como um grande MESTRE com as maiores capacidades na passagem dos seus conhecimentos.

O nosso curso de entalhador tinha cinco anos de desenho, aí se aprendendo todas as técnicas que esta arte envolvia, desde as primeiras noções, ao mais delicado pormenor de volumetria das peças, seu dimensionamento, uso das sombras e técnica no uso das cores face à pintura.

Trabalhando ele na altura, na pormenorização de algumas peças para a obra de Santa Luzia, como por exemplo altares e púlpitos, a partir do nosso 3º ano começamos, colaborando com ele, a passar a limpo alguns dos esboços por ele feito, para essas belas peças de cantaria que posteriormente o Mestre LIMA em obra, iria concretizar.

Com o nosso Professor e Director fizemos duas visitas à obra de Santa Luzia, para se ver como resultavam os seus/nossos trabalhos, sua beleza e de forma particular apreciar como se trabalhava esse nobre material, o granito. Dessas visitas de estudo jamais nos esqueceremos pois elas deram-nos a conhecer a grandeza daquela obra e a simplicidade do artífice Mestre Canteiro LIMA e sua equipe.

Da Escola em si, recordo que aquando da nossa entrada para o 1ºano, os colegas mais velhos, cumprindo uma velha tradição, levavam-nos a uma sessão de baptismo, que consistia em mergulhar nossas cabeças no velho lago dos patos, existente no jardim de D. Fernando.

Foram meus colegas nessa época na Indústria os, João Varejão, Castro, Ivo Cadilhe, Chico Ramos, Palma Vieira entre outros, cujo nome agora não me vem à memória, havendo colegas mais velhos um a dois anos cujas aulas práticas como desenho, talha e modelação eram conjuntas, e desses pela sua qualidade técnica e humana destaco o Chico Franco, Albino Lima, Sameiro e uma Rosa que creio depois de ter concluído o nosso curso veio a fazer o Comercial.

Neste curso Comercial, tivemos como colegas o Antonio Gigante, Maciel, Jaime, Amândio, Viana, Gina, Tábuas, Sárrea e outros cujo

nome também não me ocorre já.

Estamos a falar duma época de aproximadamente meados do século passado, (1945/1951).

Jovens como eramos, para além das aulas, e às vezes em sua substituição, jogávamos à bola (muitas vezes "bola de trapos") servindo de estádio o velho Campo da Agonia, onde também os soldados de cavalaria por vezes faziam seus exercícios militares. As balizas eram marcadas pelos nossos casacos ou um monte de livros e cadernos diários. Também se iniciaram aí alguns pequenos vícios

do tabaco, pois por um tostão se compravam 2 ou 3 cigarros três vintes no velho quiosque existente pertinho do lago, frente à escola, hoje creio, transformado em Snak.

À época não havia na nossa escola Ginásio ou algo parecido, apenas o recreio descoberto e a sala da Mocidade Portuguesa, logo as actividades desportivas eram feitas ao ar livre no recreio, este dividido em duas partes, por uma rede, separando os dois sexos.

Apesar do número considerável de alunos existentes à época na Escola, não havia indisciplina para

além de uma ou outra correria de entrada e saída de aulas, devendo-se isso ao respeito que havia por professores, mas sobretudo pelo Chefe da Secretaria Sr. Neiva e do administrativo Sr. Ramos, que com um sério e terno sorriso lá iam controlando os acontecimentos. Tivemos bons professores de Português, Matemática e outras disciplinas, e um grande Mestre de Talha, o saudoso Mestre Carvalho, dominando a madeira como ninguém. De suas mãos saíram autênticas obras de arte em alto e baixo relevo, dignas de figurarem em qualquer museu. Como este homem foi tão esquecido, depreciado e explorado por gente de seu tempo.

A nossa Escola tinha uma cantina onde alguns de nós almoçávamos, e eu tinha permissão de minha Mãe para às 6ª feiras a frequentar, pois nesse dia da semana, o prato era o "Bacalhau à Gomes Sá" que feito pela D. Soledade, julgo ser este o seu nome, era uma delícia. Já mais poderei esquecer esta iguaria, mesmo decorridos que estão, mais de setenta anos.

Devo à nossa velha escola muito do que hoje sou, pois no fundo, ela acabou por me abrir o caminho para as engenharias, que vim a abraçar na vida.

Ó recordar todo este tempo passado, consola-nos; é o reencontrarmos-nos com nós próprios. Aliás e nesse espírito, acabei de publicar bem recentemente uma pequena brochura sob o título "Repensar o Passado/Pensar o Futuro", procurando reencontra-me comigo mesmo deixando assim também escritas, as vivências de uma longa vida de trabalho, com alegrias e tristezas por certo, mas não deixando de pensar o futuro.

Por tudo isto, bem digo o momento e decisão tomada por meus saudosos PAIS quando, em 1945, por suas mãos me levaram até à ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL NUN'ÁLVARES.

PORTO, 13 de Abril de 2018
Alberto Pereira de Mesquita
(83 anos)



Coisas da Aldeia

Contava-se lá por Gondufe, Ponte de Lima, aí pelos anos cinquenta, que um lavrador, o Snr. António, tinha dois bezerros que adoeceram. A lavoura de arado dava pouco e a venda dos animais, equilibrava o orçamento caseiro, sempre à mercê das intempéries que em alguns anos destruíam o labor de muitos meses de trabalho.

Na feira quinzenal da vila, o Snr. António lá foi inteirar-se de “quantas notas pediam” por animal (valor em notas de cem escudos). Nesse tempo, a feira do gado fazia-se entre a ponte medieval e a capela de S. João. Os preços corriam altos, se os bezerros não sarassem, seria grande o prejuízo.

Foi por ali e entrou na capela, aquela hora sem nenhum devoto. São João em tamanho natural, parecia estar à espera do Snr. António. Este, vendo-se sozinho,

e virando-se para a imagem do Santo, bradou “se sarares os meus bezerros dou-te vinte escudos, mas se morrerem venho cá com um cajado e dou cabo de ti” e depositou a nota no mealheiro.

Contava-se lá por Gondufe, Ponte de Lima, aí pelos anos cinquenta, que um lavrador, o Snr. António, tinha dois bezerros que adoeceram.

Na sacristia, o padre e o sacristão, ouvindo a promessa, resolveram estar atentos a nova visita do Snr. António e na feira seguinte, a nota foi colocada na mão de um São João de reduzidas dimensões, na esperança do lavrador não levar por diante, as suas ameaças.

E na verdade, um dos bezerros morre.

O Snr. António madrugou a caminho da feira, entrou na capela e vendo a nota de vinte escudos nos dedos do São Joãozinho, com ar furioso, interpela “ONDE ESTÁ O TEU PAI?”

Manuel Morais

DVDs que podem ser adquiridos na sede da AAETEC



- Passeio à Golegã 2007
- Passeio à Curia 2008
- Pic-nic / Magusto (S. Silvestre) 2008
- Passeio Rota dos Castelos 2009
- Livro - 25 anos a evocar uma Escola marcante da cidade

A PRAXE

Também na nossa Escola, havia praxe para os mais novos, os caloiros. Era uma praxe simples, sem violência, sem maldade, sem ofensas corporais, realizada na vetusta Taça, rodeada de água, no Jardim de D. Fernando. Ainda lá está, o que me

Em 1950, era eu caloiro e como os outros fui praxado.

Em 1950, era eu caloiro e como os outros fui praxado. A praxe consistia em molhar a cabeça do caloiro pelo veterano. Tudo na maior, com respeito do mais velho pelo mais novo. Era assim o clima vivido pelos estudantes da nossa Escola: respeito pelos professores, pelos funcionários e sobretudo pelos alunos entre si o que agora, infelizmente, não acontece.

“Aquela velha Taça, por água rodeada,

Prenhe de peixes, folhas, flores de jasmim

Continuará, a ser cantada, velha amiga,

Pelos seus antigos estudantes e por mim! ”

Antero Sampaio – Maio 2018

Encontro de Gerações

No dia 19 de maio - sábado, pelas 11h, procederemos à foto de grupo “ENCONTRO DE GERAÇÕES”, nas escadas frente à Igreja Nossa Senhora d’Agonia. Segue-se a inauguração da 20.ª ARTEMAIO. Convidamos todos os ex e atuais alunos, professores e convidados das seguintes escolas:
Escola Industrial e Comercial Nun’Álvares
Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo
Escola Secundária de Monserrate
O facto de estarem presentes na foto, em nada obriga a participação no almoço-convívio.

ESPERAMOS POR TI!...

■ A propósito de uma foto no Forte do Cão.

Forte do Cão - Gelfa

"Nunca se está verdadeiramente só, principalmente quando se tem uma bela paisagem e um lindo céu azul"

Sim! Por ao ser pessoa, nestes lugares donde sou, cheiro as entranhas, absorvo a luz que ilumina o monte, o mar e a costa marinha....Não seria este o destino de que sempre me ausentei e por isso voei na esperança de alguém encontrar o naufrago...valha-nos isso naufragos na nossa terra...

Perdida na imensidão cai o olhar nas pedras do Forte do Cão.

Luís Pedro Viana
Condado de Moreira
9- Julho de 2017



■ O Chá de Manu e Luz!!!

Esta tarde de Março bonita e solarenga na cidade fora da zona turística, onde o Porto é mais alto, dá para ler um artigo do queiroziano de Gonçalves Guimarães (Eça e Outras) escrito no Jornal As Artes entre as Letras de 22 02 2017; ao tempo de um chá Real.

-Olhe se não tem Jasmim outro à sua escolha..

Chá sem cafeína? Pode ser?...

Não sei o que é...sem Teína?..

Sim! ou isso...

E enquanto serviço é esperado lá vai o Gonçalves Guimarães dizendo que o Senhor Queiroz esteve, logo depois de curso de Direito, no Alentejo...Évora 1866.

Ora, entre Jornalismo consciente e advocacia, foi preparando as letras em que mais tarde deu cartas.

Estava na parte em que lia o 1º Editorial do Jornal "Distrito de Évora" escrito pelo Eça de Queiroz...e

É nesta conversa comigo e o Senhor Queiroz que se desenrola a cena da tarde...

A Manu e a Luz, como estrelas brilhando em pleno dia, fazem uma paragem para comprar "bombons", naquele espaço Real...e com um chá por a conversa em dia...

dedução minha...será!!!

Deixei o Queiroz nas letras daquele artigo e segui os "bombons" para apreciar a natural satisfação da caixinha multicolor nas mãos das simpáticas e entretidas senhoras. Certo é que divertidas pela escolha lhe faziam lembrar antigas iguarias da juventude...sorrindo enquanto desembulhavam mais um bombom...

Olhei e recordava aquele chocolate de a Vianense... do tempo de criança.

Sabores há que são...eternos enquanto duram.

Ouvi!!!

Oh! Manu...

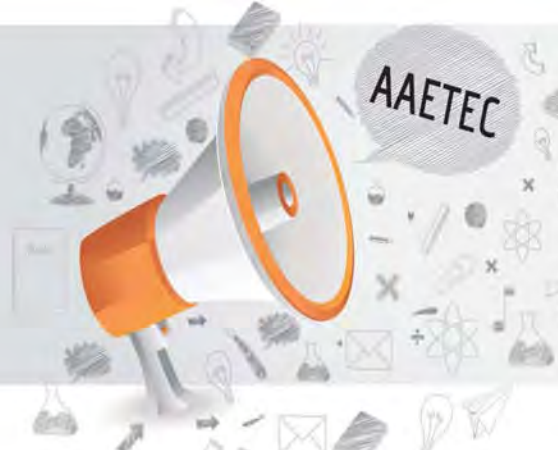
Diz! Luz

- encontramos quem nos está a ouvir...

- Quem?

As pessoas à volta retiraram o olhar...

Luís Pedro Viana
Condado de Moreira
14 03 2017



FAZ-TE SÓCIO

JUNTA-TE A NÓS E FAZ PARTE DESTA GRANDE EQUIPA

Ser sócio da AAETEC é admirar o seu passado,
viver o seu presente e ajudar a construir o seu futuro.

Cota anual só 12€

Os ENVC

O porto seguro dos alunos da Escola Técnica

Recentemente escrevi um artigo sobre os ENVC e a esperança que estes constituíram para as gentes de Viana do Castelo em 1944, ano da sua fundação, porque nunca é de mais salientar o forte impacto económico-social que esta empresa teve na região. De facto, os ENVC vieram encorajar de forma especial os poderes e as forças vivas locais; empolgaram as gentes de Viana, na base de um forte sentimento de afeto que entre ambos se estabeleceu; contribuíram para a dinamização do comércio local como jamais tinha acontecido; instituíram a cultura do trabalho com direitos, já que, na região, o que prevalecia era o trabalho assente no regime de jorna; e, no seu interior, estabeleceram dinâmicas sociais apostando na elevação cultural e humana de todos os colaboradores.

Mas o fator talvez mais emblemático que poderemos reconhecer aos Estaleiros de Viana foi a sua condição de valorização dos homens e mulheres (neste caso poucas) que lhes prestaram serviço. Dificilmente se passava

por esta unidade industrial, fosse por muito ou pouco tempo, sem que daí se saísse bem apetrechado para a vida. Os ENVC formaram gerações de trabalhadores humildes em operários qualificados, criando os instrumentos próprios para tal. Mas a empresa também recebeu contributos fortes das gentes oriundas das escolas industriais, especialmente da Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, quer de gente que lhe prestou serviço já com o curso completo, quer daqueles que, trabalhando, no ensino noturno melhoravam e progrediam na sua formação, sempre com uma bonificação de tempo, nada despicienda, por parte da empresa, para permitir a assimilação das várias disciplinas que se frequentavam.

As décadas de 1960 e 1970 foram as de maior impacto na vida dos Estaleiros, quer daqueles que fizeram a formação diurna completa, quer dos que se valorizaram no ensino industrial e comercial depois do horário de trabalho. Nos serviços administrativos entravam os que aprenderam ou aprendiam as contabilidades e tudo o que era manuseamento e tratamento de documentação administrativa. Por

outro lado, para as oficinas de mecânica e eletricidade, ou para as áreas de desenho, lá iam parar aqueles que sabiam operar com o ferro nas bancadas ou nas máquinas, que compreendiam os circuitos elétricos, ou conheciam, nos mais diversos planos, as técnicas do desenho. Mais tarde, surgiram os suportes técnicos administrativos (os STAs) que tinham como especial objetivo a preparação dos elementos técnicos para incremento da produção, ajudando trabalhadores menos habilitados para uma compreensão objetiva de cada tarefa a executar. E, para essa função, lá se recrutava a rapaziada

que o ensino industrial dotou das melhores condições para tal.

Provavelmente, poucas empresas no país estabeleceram uma simbiose tão perfeita como aquela que aconteceu com os ENVC e a Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, a todos os níveis. É preciso também reconhecer que, nesta empresa de construção naval, estagiaram largas centenas de alunos que iam terminando os seus cursos no ensino

técnico. Muitos ficavam, mas outros procuravam polos industriais e administrativos diferentes. De boa parte dos estagiários que passaram pelos ENVC formou a antiga Celnorte, hoje Europac, em 1973, o seu efetivo de trabalhadores. E quando os cursos técnicos, timidamente, voltaram a ser opção nas escolas secundárias, regressaram as parcerias com os ENVC dos estágios e de admissão dos melhores alunos, agora já com a supervisão do serviço de formação da empresa.

Hoje, tristemente, esta realidade deixou de o ser. Consta que se ensaiam algumas experiências entre a entidade que explora o que ficou dos Estaleiros e as escolas locais, se bem que a componente social ativa de outros tempos não mora por ali. O lucro, à parte o resto, é o que prevalece. Outros tempos, outras mentalidades.

Gonçalo Fagundes Meira



Gente oriunda da Escola Industrial ao serviço dos ENVC

Viana é amor

Viana-me

Como se o tempo não fosse uma barreira

Inquebrável

E o horizonte visto do alto fosse

Apenas uma miragem por imortalizar.

Viana-me,

Porque não é da índole de qualquer um

Fazê-lo

E só tu consegues libertar-me

Das muralhas perdidas no espaço.

Viana-me,

Porque sem ti não tenho necessidade de

Regressar

E trazer para o presente tudo o que

Foi deixado para trás.

Viana-me,

Porque só tu me consegues envolver

Na essência de me tornar naturalmente bela.

Viana-me, meu amor,

Pois esse é o único sentimento que

Enaltece todos os outros.

Se Viana é amor, viana-me.

Que vás ou fiques, ama-me.

Beatriz Magro, 10º L
JOGOS FLORAIS 2017
“As belezas naturais de Viana”
POESIA LÍRICA - 1º PRÉMIO

És tudo, Viana...

Fala-nos o povo de uma cidade,

De cujo castelo a Ana pousou vista...

Trajando vermelho e ouro, doce artista

Nas ruas regista, humilde vaidade.

Fala-nos o povo de uma cidade,

Onde se fundem romarias, história,

Espaços verdes cheios de velha glória

E a busca da memória, liberdade.

Viana, quero a tua juventude eterna,

Os teus estudantes cultos, felizes,

Soberba tradição, cultura terna!

Cantar-te alto, num grito sem pudor,

Viana, quero tua honra, nossa vida,

Dizer ao mundo que és só tudo: amor!

Coração Vianense

Bruna Sofia Martins Dias – 12º
JOGOS FLORAIS 2017
“As belezas naturais de Viana”
SONETO LÍRICA - 1º PRÉMIO

■ DESPEDIDA DE VERÃO

Terminou o Verão
E como tudo que acaba, sendo bom,
Me deixa nostálgica
Na solidão deste meu deserto,
Onde as estrelas tímidas espreitam...

O Outono aproxima-se,
As folhas vão caindo
Rodopiando,
Atapetando o chão...

No ar,
As aves cortam o céu azul
Como quem diz adeus...
O sol vai descendo manso,
Rubro como o meu amor
Depois,
Surge a noite,
Negra como breu...

A madrugada irá romper?!...

Já tocam os sinos
A finados, lá longe...
E o nosso Verão vai morrendo,
Morrendo... E nós?

Talvez nos encontremos
Na próxima Primavera!...

Maria Regina Bacelar Pinto
JOGOS FLORAIS 2017
"As belezas naturais de Viana"

■ VIANA BELA

Tem Viana uma tal beleza viva
No casco da cidade e arredores
Que a coloca à frente dos melhores
Burgos com esta marca expressiva.

Tem a imagem do Lima evocativa,
Espelho que reflecte os esplendores
Do amor e encanto que os maiores
Poetas lhe cantaram como diva.

Tem Viana o mar como horizonte
E tem Santa Luzia e o seu monte,
Qual sentinela alerta permanente.

Tem, pois, Viana tudo o que é preciso
Para quem a bispar perder o siso
Por amor, por magia, ou fê pungente.

António Manso Gigante
JOGOS FLORAIS 2017
"As belezas naturais de Viana"

■ JAMAIS

Já não ferem o meu cérebro
Os teus silêncios
Nem sinto minhas
As tuas dores,
És lembrança desbotada,
Infecunda,
Sepultura fria
Onde jazem meus amores...

As ondas duras
Te salgarão as carnes
E as areias da praia
Te sorverão...

O teu destino
É o abismo,
O sonho,
Esse será meu
Porque ninguém, jamais,
Me roubará a alma!...

Maria Regina Bacelar Pinto
JOGOS FLORAIS 2017
"As belezas naturais de Viana"

■ Balançando...

Ó Viana do Castelo,
De íntimo grande e profundo,
És tudo o que há de mais belo,
Sendo um recanto do Mundo!
Meu amor, minha paixão,
Esteja eu em qualquer parte,
Tenho-te no coração;
És a "musa" da minha Arte...
De traje lindo, vestida,
Coração de filigrana,
És alento à minha vida...
-Foste meu berço, Viana!

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
"As belezas naturais de Viana"

■ Viana, um recanto do mundo

VIANA,
Porta dos Céus,
Recanto do Mundo,
Foi Deus
Que te fez tão bela!
És a minha donzela,
O meu sonho de amor,
De brilhante fulgor
Que me envolve
E onde,
Nele, me inundo...

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
"As belezas naturais de Viana"

Viana um recanto do mundo.

Se um dia passares por Viana.
Pára; e sobe à montanha de S.ta Luzia.
E do seu cimo vislumbrarás paisagem e alegria.
Porque a fada da beleza nunca engana!...
A esta bela cidade com brilho de Diana.
E lá do seu templo, no zimbório miradouro.
Todo o panorama é isento de desdouro...
Avistarás, serra, rio e mar; tudo ao redor.
Nos pés da montanha, Viana, rainha com esplendor.
E S.ta Luzia com manto bordado a fio de ouro!...

Este recanto citadino é como uma namorada.
Sempre e anualmente, recebe os seus admiradores.
Que muito se regozijam de alegria, todos estes visitantes...
Desta jóia maravilhosa da natureza mas, muito amada.
Tem a mostra pública nas festividades anuais da Snr.^a da Agonia, de excelência festejada.
O traje típico vianês, espelha o colorido, unigénere deste recanto viveiro e fecundo...
Tal fulgência deste brilho é deveras encantador e profundo.
Recanto que se enobreceu, com os seus verdadeiros palacetes encantados...
Este turismo vivo, deixo às gentes que o visitam, reais sonhos dourados.
E por tudo isto?... "Viana um recanto do mundo"!...

Francisco Correia dos Santos
JOGOS FLORAIS 2017
"Viana um recanto do mundo"

A beleza natural de Viana.

A cidade de Viana.
É como uma namorada!...
Todos os anos recebe
Os seus admiradores.
Que vêm conviver com
Os seus encantos.
Nas Festas da Senhora
Da Agonia, ou nos arredores
Da encantada cidade.
Esta urbe é um jardim maravilhoso.
O seu concelho exuberante.
É o distrito fascinador.
É o alto-Minho pitoresco.
Que encanta pela beleza.
Sopita o deslumbre
E sublima o pensamento.
Zona abrangente de dois rios:
O Minho e o Lima.
Os vales desses dois rios,
Cercados por montanha e
Pelo oceano Atlântico.
Litoral e serrano este distrito,
Verde Minho, florido e verdejante.
Onde impera o vinho verde,
O milho, o pinhal, o eucaliptal e
As espécies arbóreas.
Autêntico mosaico paisagístico,
Este belo canteiro florido,
Onde as gentes que o habitam,
Se sentem contagiadas por
Uma natureza úbere de colorido.
Esta policromia parece ter tido
Noutros tempos o condão de inspirar
As cores dos trajes regionais
E a alegria deste seu povo.
Parece existir como que um mimetismo
Entre as pessoas e o campo
Onde laboram e se movem,
Sendo ambos
Produtos do mesmo jardim...
É como que, um ninho de andorinha,
Que nunca se dá por terminado...
Natureza tão pródiga esta!...
Viana é terra de coração e amor!...
Oh! lá, lá.
"A beleza natural de Viana".

Francisco Correia dos Santos
JOGOS FLORAIS 2017
"A beleza natural de Viana"

AO CORRER DA PENA

Pediste-me uns versos ao correr da pena
e rogaste até com tal convicção
que se eu não pudesse dar satisfação
ao que me pediste, ficava com pena.

Fiz então e dei para lá de uma centena
de provas e voltas à imaginação
e apelos vastos à inspiração
que o verso enforma e o ritmo coordena.

Pois do resultado a que assim cheguei
aqui fica a mostra. Toma-lhe a medida
e diz-me depois o efeito que hei
produzido após a obra concluída.

Se não gostares dela, jamais voltarei
a abraçar a lira e a dar-lhe guarida.

Fev. 99

António Manso Gigante
in *Momentos*

VIANA ESQUECIDA

Terra da minha infância, adorada
terra dos meus maiores, a mais linda
de todas que conheço, tens infinda
beleza natural, mal badalada!

Ide a Santa Luzia, alcandorada
frente ao Letes, cantado, que te alinda,
subi ao monte e vede o que te brinda
entre as tuas rivais, oh terra amada!

É preciso fazer algum magismo
para te pôr na rota do turismo
que hoje está na moda, ao qual assistes?

Como é possível que te não vejam
os imensos turistas que adejam
à deriva, pois não sabem que existes?!

Abril 2018
António Manso Gigante

NOSTALGIA

Sou poeta, sim, oh! Por ter nascido
Em teu seio, VIANA, acolhedor,
De NATURAL BELEZA! – Embevecido,
Surgiu, em ti, o meu primeiro amor...

E, agora, vá, eu, para onde for
E ter mais outras terras percorrido,
Sinto em mim a saudade, aquela dor
De parecer, quem sabe, um foragido!

Sinto mágoa, com medo de perder-te;
Mas foi assim, foi esta a minha sina,
Impelido por ventos de mistério...

Mas, serei forte e tornarei a ver-te,
Se Deus me der a protecção divina,
Antes que vá parar, ao cemitério!

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
SONETO

Panegírico

Oh! Quase sempre me sinto corrido,
Acossado e ninguém me quer ouvir,
Pensando que sou um louco varrido,
Por falar da VERDADE e do porvir...

Mas, VIANA, falar de ti, sentir
Alegria por ter, em ti, nascido
E ter, um dia, mesmo, que partir
E deixar-te... - calar, não faz sentido!

Quero pregar a todos e aos ventos
Este amor por ti e os sentimentos
Que me inundam de paz e muita calma!

És a maior, de NATURAL BELEZA,
Quadro que Deus pintou, tenho a certeza,
Que nos eleva e dá conforto à alma!

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
SONETO

Terra de encantar...

Sinto um pouco, a impotência, dentro, em mim,
Por tão pouco poder-te engrandecer,
Já que tive essa dita de nascer
N'um recanto do mundo, num jardim...

Fizeste-me poeta e agora, assim,
Tive que caminhar e que correr
Por outras terras lindas, mas, enfim,
Que nunca me vieram preencher...

Desconhecido sou, mas não importa,
Se tu, minha Viana, és uma porta
Que se abre a todos... sempre um paraíso!

O que falta, então, para seres mais bela,
Tu minha PAZ, Amor e grande estrela,
Se, por ti, me fiz louco, ou sem juízo?

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
SONETO

Viana, do coração!

Viana, eu bem sei que não te basta dizer
Que és “um recanto do Mundo” e um baluarte
De todos e qualquer um, que tenha, já, arte
Para te elevar aos Céus e te enaltecer...

É preciso que todos saibam conhecer
Que o teu condão do Belo, visto em qualquer parte
É também um degrau, um bem que se reparte,
Ao cidadão da Terra, vivo, ou por nascer...

Pode isto parecer, por todos, um mistério,
Que a perfeição existe e na tua beleza
Se prende o nosso olhar, tal como numa flor...

Não quero vir, aqui, ser mais um professor,
Nem falar ex-cátreda ou em magistério:
Tu és grande, tu és bela... -tenho a certeza!

José Miguel Franco
JOGOS FLORAIS 2017
SONETO

VIANA, UM RECANTO DO MUNDO

Esta Viana, tão linda, tão bela, tão viçosa,
Beijada pelo Lima e pelo Mar profundo,
Cidade moderna, é um recanto do Mundo,
Cantada por este jogral, em tons de bonita rosa.

Viana do Castelo, a linda Princesa do Lima,
Bergo de grandes poetas e prosadores.
É um jardim florido. Os vianenses, seus amores,
São gente séria, laboriosa, temente a deus, ladina.

Viana é Amor. Viana é linda. Um recanto do Mundo,
Onde as mulheres, de pele tisonada pelo sol, são belas.
É um Paraíso de Amor, banhado pelo oceano profundo.

Viana das romarias, da Senhora d'Agonia, de Santa Luzia,
Tão linda, tão verde, do traje à minhota das suas donzelas,
Que, ao domingo, se vestem, para rezar à Virgem Maria.

Antero Sampaio
JOGOS FLORAIS 2017
“Viana, um recanto do mundo” - SONETO

PARA RELEMBRAR... UMA VIAGEM A “NANTES”

A Vice - Cônsul convidou
A AEETEC a ir até França,
Logo esta se prontificou
Imbuída de muita esperança.
Desde Viana até Nantes,
Rolando pela madrugada
Cerca de trinta viajantes
Com visita programada.
Um percalço na viagem
Com toda a gente mexeu!
Deu-se uma brusca travagem
Tinha rebentado um pneu!
Chegaram a tempo e horas
Munidos de telas de fama,
Expuseram suas obras
Na sala Vasco da Gama.
Em dia mais soalheiro
Foram ao Monte St. Michel,
Divagaram o dia inteiro
Mas não levaram farnel.
Já de regresso à cidade
Visitando monumentos
Houve até a felicidade
De observar mais eventos.
No rio “Erdre” passearam
Com a adesão Consular,
Foi só o que visitaram
Sem nada a desembolsar!..
Às vezes mais ponderados
Se fora do torrão natal
Seriam mais apoiados
Por ser dia de Portugal!
Mas lá terminou a viagem
E tudo foi divertido,
Apenas trouxeram a imagem
De ver o Zé Matos perdido!...

Em “Nantes” Junho de 2011
Excursão AEETEC

Leandro Matos

A SARDINHA, COMO VAI SER?

*Será que as sardinhas vão
Para o ano escassear?
Fala-se em supressão
Em parte, da captação
E vamos ter que jejuar?*

“ In imprensa atual ”

Quando comemos sardinha,
Todos nós somos iguais
E, então, se ele é fresquinha
Até choramos por mais!

A sardinha só é boa,
Quando alguém nela pega
E a come à mão com broa
E vinho verde da adega!

Uma sardinhada bem feita,
Já a fiz em minha casa
Com caldo verde na receita
E bem assada na brasa!

Em verões de outros tempos,
Não faltavam sardinhadas
Ao luar, por noites dentro,
Com fados e guitarradas!

Agora, que acontecerá
Com falta deste peixinho?
Se há famílias por cá
Rotineiras neste Minho!

Leandro Matos

Á MINHA MÃE

São já alguns anos nessa terra fria!
Amor d'entre meus amores sem par,
Olhos dos meus olhos, tanto queria...
Beijos! Muitos tinhas p'ra me dar.

Anjo: em horas tristes me alentavas,
Manto esbelto que sempre me aquecias,
Tesouro que tu eras a mim o davas,
Sem eu te poder dar o que merecias.

Chama ardente que jamais se apaga
Do meu eu que era teu mãe amada.
Mundo do meu mundo que todos tem!

Encanto meu, com doces mãos de fada,
Amor eterno com voz bem timbrada,
Pairando no além, minha terna mãe.

Fevereiro de 1999

Leandro Matos

Quem se revê?
Quem os conhece?



Orfanato - "Bailes" - 01 Fevereiro 1959



Tude, Zé Roch, Carlos S, Berto B, Ferna G, Zé Passos, Freitas, Tone Br, João SP, Tino, Orlando, Sobral, Zé Anjos, Jorge Lop, C Machad, C Anjos, M Fernand



As colegas da Turma do 3º Ano de 1955



Passeio escolar ano lectivo 1952-1953



Grupo na fachada da escola



Casimiro Delgado, Zé Anjos, Adélio, Freitas, Caçador, A. Ribeiro



Freitas, Adélio, Antero, Zé Anjos, A. Ribeiro, Caçador, Casimiro, Cidália, Dina, M.º Céu, Piedade



Zé Anjos, Freitas, Adélio, A. Ribeiro, Antero, Caçador, Casimiro





Associação dos Antigos Alunos
da Escola Técnica de Viana do Castelo

20^A ARTEMAIO

19 a 27 de MAIO de 2018

Exposição de Artes



ESTAÇÃO VIANA SHOPPING
(Praça Central)



FUNDAÇÃO
CAIXA AGRÍCOLA DO NOROESTE



INATEL
FUNDAÇÃO



PICA NO CORAÇÃO



ESTAÇÃO
VIANA



ASSOCIAÇÃO DE
ESCOLAS DE
MONCERRATE